

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

O conceito de desejo na obra inaugural de Sigmund Freud

João Lucas Zanchi

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

O conceito de desejo na obra inaugural de Sigmund Freud

João Lucas Zanchi

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Filosofia, como requisito para obtenção do título de Mestre pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria.

Coorientador: Prof. Dr. Vinicio Busacchi.

São Carlos, 2025.

Zanchi, João Lucas Borges

O conceito de desejo na obra inaugural de Sigmund Freud / João Lucas Borges Zanchi -- 2025.
162f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Ana Carolina Soliva Soria
Banca Examinadora: Caio Padovan, Richard Simanke, Vinicio Busacchi
Bibliografia

1. Desejo. 2. Psicanálise. 3. Sigmund Freud. I. Zanchi, João Lucas Borges. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato João Lucas Borges Zanchi, realizada em 12/05/2025.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria (UFSCar)

Prof. Dr. Vinicio Busacchi (UNICA)

Prof. Dr. Caio Padovan Soares de Souza (UFPR)

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke (UFJF)

Desire is the subject-matter of psychoanalysis, but something is always left out when the analyst writes about it. (Malcom Bowie, 1991, p. 1)

Aos amigos de São Carlos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES pelo financiamento desta pesquisa, à Universidade Federal de São Carlos por tê-la recebido e à Profa. Dra. Ana Carolina Soria pela orientação.

Agradeço ao Prof. Dr. Vinicio Busacchi, da Università degli Studi di Cagliari, co-orientador deste trabalho, pela gentileza e generosidade.

Agradeço aos professores do departamento de Filosofia da UFSCar pelo aprendizado, em especial ao Prof. Dr. Francisco Gaspar, ao Prof. Dr. Bento Prado Neto e à Profa. Dra. Débora Morato. Agradeço também ao Prof. Dr. Caio Padovan pelas discussões e contribuições a este trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Vladimir Safatle, da Universidade de São Paulo, pelo trabalho contínuo realizado no campo da filosofia e da psicanálise, que me inspirou a realizar o meu.

Agradeço à Universidade de São Paulo pelo diálogo e pelo espaço cedido – suas bibliotecas – para as horas de trabalho.

À minha família, sempre, pelo apoio.

Ao meu pai, Cláudio, e à minha mãe, Renata, pelo suporte incondicional.

À minha avó, Solange, pelo carinho e ajuda durante todos esses anos.

Aos meus irmãos, meus maiores professores.

À Bruna, companheira de fim do mundo, cuja presença se renova cada vez em um mundo novo.

A todos os amigos, que nutrem meu desejo pela vida.

Aos colegas Carlos, Tiago e Samuel, que fizeram de minha experiência no mestrado algo leve e prazeroso com o florescer da amizade.

Ao meu amigo Eduardo Zaidan, pelas conversas e pelo auxílio com as referências bibliográficas. Ainda não conheci um leitor mais atento, respeitoso e fiel à obra de Freud.

À universidade pública, ao Brasil, aos brasileiros.

RESUMO

Este trabalho busca explorar o sentido de “desejo” na obra inaugural de Sigmund Freud, entendida como o conjunto de trabalhos escritos até a publicação de *Die Traumdeutung* ([1899]1900). Para tanto, é realizada uma análise histórico-conceitual dos principais textos em que esse conceito figura de modo importante. Nela, são consideradas as relações internas que ele estabelece no interior da teoria freudiana, mas também o contexto histórico de que essas construções conceituais fazem parte. Conclui-se que o “desejo” é um conceito de importância maior para a constituição da lógica da prática psicanalítica; mas que seu significado não é unívoco. Antes, ele se estabelece como uma problemática que reflete as tensões epistêmicas da obra de Freud.

Palavras-chave: desejo; *Wunsch*; Freud, psicanálise.

ABSTRACT

This work seeks to explore the meaning of 'desire' in Sigmund Freud's inaugural writings, namely, the set of works written up to the publication of *Die Traumdeutung* ([1899]1900). To this end, a historical-conceptual analysis is conducted of the main texts in which this concept appears in a significant way. The analysis considers not only the internal relations it establishes within Freudian theory, but also the historical context in which these conceptual constructions take shape. It is concluded that 'desire' is a concept of major importance for the constitution of the logic of psychoanalytic practice; however, its meaning is not unequivocal. Rather, it emerges as a problematic notion that reflects the epistemic tensions within Freud's work.

Keywords: desire; *Wunsch*; Freud; psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

MÉTODO 11

ESTUDO PRELIMINAR SOBRE O TERMO “DESEJO” 16

CAPÍTULO 1: DO TRAUMA AO DESEJO 21

1.1. O trauma 21

1.2. Freud *versus* Breuer 27

CAPÍTULO 2: A METAPSICOLOGIA E O DESEJO 46

2.1. A história do *Projeto* 49

2.2. O mecanicismo de Freud 58

2.3. Os limites do mecanicismo 67

2.4. A consciência e o problema da qualidade 75

2.5. O desejo 82

2.6. Considerações finais 87

CAPÍTULO 3: A INTERPRETAÇÃO E O DESEJO 89

3.1. O sonho como realização de desejo 89

3.2. Sujeito e pensamento 94

3.3. Um desejo sem um Eu (considerações adicionais) 96

CONCLUSÃO 100

BIBLIOGRAFIA 101

APÊNDICES

Anexo 1 112

Anexo 2 116

Anexo 3 118

INTRODUÇÃO

O desejo é, em um momento inicial da obra de Freud, o elemento para onde converge a psicanálise. Enquanto conceito, ele resume o projeto da nova disciplina e os motivos por trás de sua prática. A psicanálise pode ter se complexificado posteriormente, mas é justo pensar que o núcleo de sua razão tenha permanecido. O conceito de desejo faria parte disso.

Mas não é simples entender o que significa “desejo”, na obra freudiana, por mais que essa ideia nos soe familiar. No caso de Freud, é preciso extrair o sentido específico daquele conceito em seu pensamento. O que implica analisar sua função dentro do sistema conceitual – suas relações internas –, mas também seu lugar no contexto histórico em que surge – suas relações externas. Analisar, finalmente, o que ele carrega de responsabilidade por compor um *discurso*, que tem efeitos concretos na configuração de um *ethos*.

Ao analisarmos a obra freudiana, notamos que o conceito de desejo se apresenta como um problema para Freud, e não como uma ferramenta teórica de simples definição. Até por isso, esse conceito não tem ali apenas um significado. Seus usos são múltiplos, e referem-se a desenvolvimentos pontuais, que podem ou não permanecer, depois, na qualidade de estruturas teóricas consolidadas. Reduzir ou unificar o sentido de “desejo” na experiência freudiana é retirá-la da realidade discursiva da qual faz parte – é transformá-la em dogma.

Nosso percurso contempla o primeiro período da obra de Freud. Partimos dos textos que datam do fim do século XIX até a publicação de *Die Traumdeutung* em 1899, o que inclui textos chamados de “pré-psicanalíticos”.¹ Embora a pesquisa vise reconstruir um percurso lógico entre esses textos, o desenvolvimento da teoria presente neles não é linear. A ideia de um progresso em que bases simples colocadas no momento anterior são absorvidas em uma estrutura mais complexa no momento seguinte não é a melhor forma de compreendermos o movimento investigativo de Freud, nesse período. Uma das razões disso é que ele elaborava seus conceitos em relação direta com a observação clínica, que lhe serve de campo experimental. A maior parte de seus primeiros trabalhos consiste em artigos publicados em periódicos científicos da época, nos quais apresentava as linhas principais das descobertas que julgava ter feito no tratamento das neuroses. Neles, Freud opta não pela sistematização conceitual, mas pela descrição minuciosa das categorias clínicas – com exemplos e testemunhos reais. Era também necessário proceder com cautela na generalização de suas hipóteses, buscando expô-las de forma clara, confiável e passível de validação por verificação.

Além disso, é importante lembrar que os textos freudianos só foram agrupados como os conhecemos na ocasião da publicação de suas obras reunidas. Desde o início, teorias derivadas da influência de Charcot e Breuer já se misturavam com estudos clínicos pautados em uma racionalidade que só ganharia forma no livro *A interpretação dos sonhos*. Enquanto isso, antigos pressupostos insistiriam na pena de Freud mesmo depois que novas elaborações já apontassem a superação de sua lógica. Isso poderia explicar porque são textos tão diferentes entre si, e mesmo contraditórios.

Outro ponto que caracteriza a produção freudiana nesse período é o fato de Freud trabalhar paralelamente em duas frentes: uma oficial e outra extra-oficial. Isso acontece pelo menos desde 1895, como revela parte de sua correspondência íntima com Wilhelm Fliess. O ritmo e o teor das comunicações “oficiais” eram bem diferentes do que Freud construía de modo mais ambicioso nos esquemas que remetia a seu amigo – que entretanto, representavam um fluxo de desenvolvimento teórico igualmente significativo. Essa correspondência é uma fonte importante de material e, como sabemos, é também veículo do que Freud chama sua *auto-análise*, algo que terá uma importância decisiva para suas elaborações conceituais e, conseqüentemente, para a invenção da psicanálise. Ele mesmo reconhece, por exemplo, *Die Traumdeutung* como produto indireto daquela experiência:

Para mim, este livro tem ainda outro significado subjetivo, que só pude compreender após terminá-lo. Ele se revelou como parte da minha autoanálise, como minha reação à morte de meu pai, ou seja, ao evento mais significativo, à perda mais pungente da vida de um homem. (FREUD, 2019, pg. 17)

Por esse motivo, essa obra encerra o recorte de nossa pesquisa. Além de ser o ponto mais importante da teorização do conceito de “desejo”, julgamos que ela condensa e conclui os desenvolvimentos de toda essa primeira fase do espírito freudiano.²

Nosso texto se organiza em três grandes capítulos. Neles, procuramos reconstruir a posição central do conceito de desejo na lógica dos desenvolvimentos freudianos do período acima referido, apontando suas determinações fundamentais e os problemas delas decorrentes.

O primeiro capítulo retoma os primórdios da teoria freudiana das neuroses, seu contato com Charcot e com Breuer. Nele, apresentamos as concepções de cada um desses autores e as razões da divergência entre eles, que fazem Freud distanciar-se de Breuer e que representam um marco importante na história do conceito de desejo.

O segundo capítulo realiza uma análise detalhada de *Entwurf einer Psychologie*, texto metapsicológico que construiu as bases do pensamento metapsicológico freudiano. Através

dela, devem ficar claras as coordenadas principais que caracterizam a articulação do conceito de desejo no sistema freudiano, bem como seus principais problemas.

No terceiro capítulo, trataremos do texto *Die Traumdeutung*. Por meio de uma análise comparativa entre essa obra e *Entwurf einer Psychologie*, abordada no capítulo dois, mostraremos como sua forma explícita a problemática constitutiva do conceito de desejo no discurso freudiano desse período.

Por fim, devemos fazer alguns comentários sobre a forma do trabalho. Na medida do possível, procuramos desenvolver a escrita de forma fluida, para que o leitor possa acompanhar – e julgar – o raciocínio passo a passo. Entretanto, uma pesquisa em filosofia envolve um grande número de referências, devido aos vários atravessamentos epistêmicos do discurso de um autor, que está inserido na história do pensamento. É importante identificarmos essas referências no texto, demonstrando que as premissas de nosso argumento se fundamentam sobre um raciocínio sólido e fontes confiáveis. Assim, em se tratando de um relatório final de pesquisa, optamos por incluir essas fontes em notas de rodapé e notas de fim de texto. Junto com os anexos, elas respondem por metade do volume de páginas deste trabalho – cujo texto principal, dividido em três capítulos, conta com noventa e quatro páginas.

Reservamos as notas de rodapé para as informações essenciais. As demais referências e comentários podem ser consultados nas notas de fim de texto. Ali, procuramos apresentar de forma completa o quadro de referências, citando integralmente as passagens das obras consultadas para facilitar o recurso do leitor a elas e reafirmar a confiabilidade bibliográfica de nosso trabalho. Além disso, em algumas delas, tentamos adiantar a resposta a algumas objeções que poderiam ser levantadas contra nossas hipóteses, e que foram objeto de nossa própria consideração.

Entretanto, o leitor deve tomar as notas de fim apenas como eventual recurso para o aprofundamento de um determinado ponto do raciocínio. De modo geral, elas podem ser relevadas – e essa é a nossa recomendação – sem que se comprometa a compreensão do texto principal.

MÉTODO

Nossa pesquisa é um trabalho *histórico-conceitual* sobre a ideia de “desejo” na obra freudiana. Ela procura estudar o desenvolvimento e a função desse conceito no interior do sistema elaborado pelo autor, sem perder de vista o contexto específico no qual esse discurso surge.

Acompanhamos, dessa forma, a proposição de Simanke & Caropreso (2018) acerca de uma “historiografia crítico-filosófica” (p. 65) para pesquisas em psicanálise. Esse método enfatiza a importância da História na produção do conhecimento teórico, em oposição a um modelo de estudo puramente internalista da obra de um autor. Ele combina o estudo das relações internas dessa obra – através de uma leitura que ficou conhecida como “estruturalista” –, com a análise de seu contexto histórico, o que permite situar os elementos do discurso psicanalítico dentro do universo das principais ideias que determinaram as formas de pensar de uma cultura. Ao remetê-los ao campo semântico no qual primeiro ganharam valor, o método permite resgatar a temporalidade dos conceitos e libertá-los de sua naturalização pelo senso comum. Segundo Simanke (2021):

A primeira coisa que o conhecimento do contexto histórico fornece para qualquer pesquisa é *perspectiva*. A história permite certo distanciamento estratégico com relação ao presente, fornece os meios para você se desidentificar com suas crenças arraigadas – aquelas que estão tão entranhadas em nós que é difícil até perceber que elas estão ali. (*ibid.*, p. 369, destaques do autor)

A proposta metodológica de Simanke & Caropreso responde a uma necessidade de renovação das pesquisas teóricas em psicanálise. O recurso à História procura desmistificar os personagens do debate psicanalítico e libertar o potencial de seus textos, argumentando contra a idealização dos autores como gênios – cujas produções seriam encaradas como resultado de intuições *ex nihilo*. Entende-se, assim, que toda experiência conceitual faz parte de algo maior; que todo autor sempre trabalha sobre um contexto discursivo que lhe fornece, além de seus interlocutores, as possibilidades de que partem seus desenvolvimentos.

Esse é um problema comum das discussões psicanalíticas. Na maioria das vezes, os psicanalistas excluem a perspectiva histórica dos conceitos – que está intimamente ligada ao domínio do discurso –, transformando-os em dogmas. Segundo Caropreso e Simanke (2018):

Durante muito tempo predominaram nessa área os estudos biográficos dos grandes personagens fundadores de escolas ou uma história praticada por pesquisadores comprometidos de antemão com a perspectiva psicanalítica (Marinelli & Mayer, 2006). Essa história tendeu muito frequentemente para a construção de mitologias que enalteciam o papel e o caráter subversivo ou revolucionário dos teóricos mais destacados da já longa história da psicanálise, começando por Freud (Simanke & Caropreso, 2016). Tendiam também, com isso, a minimizar os laços que os uniam com o contexto intelectual e científico em que se formaram e em que produziram suas obras” (p. 59)

Sobre isso, Émile Benveniste (2006), linguista francês, ressalta dois aspectos constitutivos do discurso: um eixo semiótico, que diz respeito à construção de significado a partir da relação interna entre seus elementos, e um eixo semântico – do qual o semiótico é inseparável –, que faz dele um discurso vivo, falado. Esse último sublinha o fato de que o falante já toma a palavra em um contexto discursivo por definição³. Assim, ele não apenas se dirige necessariamente à comunidade dos falantes, mas recebe dela suas possibilidades e as reatualiza.⁴ Um discurso é determinado por outros discursos, assim como passa a determinar os futuros sentidos da comunidade discursiva. Sobre isso, o filósofo Theodor Adorno (2003) diz:

Pois é mera superstição da ciência propedêutica pensar os conceitos como intrinsecamente indeterminados, como algo que precisa de definição para ser determinado. A ciência necessita da concepção do conceito como uma *tabula rasa* para consolidar a sua pretensão de autoridade, para mostrar-se como o único poder capaz de sentar-se à mesa. Na verdade, todos os conceitos já estão implicitamente concretizados pela linguagem em que se encontram. (p. 29, destaques do autor)

Assim, uma análise conceitual, como a que buscamos fazer, deve considerar esses dois eixos: o interno, que busca a significação de um termo pelas várias relações que ele mantém com os demais; e o externo, que remete seu valor ao contexto discursivo no qual ele emerge.⁵ Duas frentes de trabalho, sobre as quais nos debruçaremos. Entendemos que uma pesquisa conceitual é, por definição, uma pesquisa histórica – ou, uma pesquisa que não pode negligenciar o valor da história.

Nesse sentido, nosso método também se aproxima de alguns pontos da proposta de Paul-Laurent Assoun (1981), que pensa em uma investigação teórica e histórica que possa “revelar a identidade freudiana, tomada em sua idiossincrasia histórica, teórica e pragmática, perguntando sobre suas origens, seus fundamentos e suas finalidades” (p. 8). Segundo Assoun, esse método reclama o estatuto de estudo epistemológico, em um sentido específico:

Partimos desse fato elementar: que há uma reivindicação, por parte de Freud, da psicanálise como *saber*; ora, todo saber tem suas regras de funcionamento próprias e seus referentes específicos, que atuam na constituição e na produção desse saber. Basta compreender o que são essas regras e esses referentes e como eles funcionam, delineando, em sua terra natal e sua linguagem de origem, essa identidade epistêmica freudiana que condiciona a posição de todo discurso relativo a Freud. (p. 8)

Para a realização de uma epistemologia freudiana nesses termos, Assoun adverte que “convém não reacender, pela sedução de uma formalização do saber freudiano, a tentação de completar/cumprir o legado freudiano” (p. 10). Entendemos por isso que uma epistemologia crítica não pode se contentar em propor novos modelos ideológicos de realização daquilo que se supõe ter sido o projeto de Freud, mas justamente tornar claras as tensões que fazem parte do movimento de composição de seu trabalho. “É na literalidade do discurso freudiano”, diz o autor, “e na objetividade de seu meio que será necessário buscar esse fundamento epistemológico, evitando que se projete toda e qualquer construção que não esteja implicada nessa literalidade.”

Há um último ponto a se frisar sobre o método, que não deixa de ter relação com isso que acabamos de dizer. É comum atribuir-se à clínica um valor absoluto na construção do saber psicanalítico. Dessa forma, exime-se os teóricos da responsabilidade de um conhecimento sistemático e justifica-se todo o tipo de construção abstrata a que eles possam chegar. O principal argumento utilizado por essa visão metodológica é de que as elaborações freudianas teriam sido produto do empirismo clínico, de onde extrairiam diretamente seu valor científico.

Mas, mesmo que o caráter absoluto da clínica se justifique em algum nível, isso não quer dizer que ela esteja apartada da historicidade, que o saber produzido pela experiência clínica valha por si próprio. Para Karl Popper (1980), a ideia da pureza do método empírico não se sustenta, já que não há observação que já não esteja determinada por uma teoria – ou, uma “hipótese” – a ser validada pela sua verificação:

O problema “Que vem em primeiro lugar: a hipótese (H) ou a observação (O)?” pode ser solucionado; como também se pode resolver o problema “Que vem em primeiro lugar: a galinha (G) ou o ovo (O)?” A resposta adequada à primeira pergunta é “Uma hipótese anterior”; a resposta apropriada à segunda é “Um ovo anterior”. É verdade que qualquer hipótese particular que adotemos será sempre precedida de observações - por exemplo, as observações que ela se destina a explicar. Contudo, essas observações pressupõem a adoção de um quadro de referências - uma teoria. (p. 15)

Da mesma forma, o filósofo Alexandre Koyré (1962) corrobora essa crítica, afirmando que “O empirismo puro não nos leva a lugar algum. Nem mesmo à experiência. Pois toda experiência supõe uma teoria subjacente. Questão colocada à natureza, a experiência implica uma linguagem através da qual nós a colocamos.” (p. 181)

Com efeito, Jones (1972) diz o seguinte sobre a vida e o trabalho de Freud:

Sabemos que o principal objetivo de Freud na vida – certamente no período produtivo inicial a talvez sempre –, era formular uma base teórica para as novas descobertas que ele estava fazendo em psicopatologia e, com a ajuda disso, fundar uma teoria da mente que incluísse os dados peculiares do inconsciente; o resultado de seus esforços é chamado psicanálise. *Portanto, é pertinente inquirir com qual base ele teve que trabalhar, além de suas próprias observações clínicas.* (p. 405, destaques nossos)

Assim, se é verdade que Freud não pretendia construir um sistema unificado, ele não deixa de partir de sistemas conceituais, e o valor de seu discurso é passível de uma crítica que visa reconstruir a historicidade de suas categorias. Em outras palavras, de nada adianta salvar Freud de uma crítica epistêmica afirmando-o como um clínico. Afinal, ele tomava a palavra e exercia sua prática clínica em um contexto específico, em um momento histórico dado e em um campo circunscrito das atividades de uma sociedade humana. Esse fato endossa a compreensão popperiana que diz que “a crença de que podemos começar exclusivamente com observações, sem qualquer teoria, é um absurdo” (*ibid.*, p. 15):

A observação é sempre seletiva: exige um objeto, uma tarefa definida, um ponto de vista, um interesse especial, um problema. Para descrevê-la é preciso empregar uma linguagem apropriada, implicando similaridade e classificação - que, por sua vez, implicam interesses, pontos de vista e problemas. (*ibid.*, p. 15)

Na verdade, em *Estudos sobre a histeria*, o próprio Breuer, (1895) já demonstra compartilhar dessa visão. Ao iniciar seu texto sobre as “Considerações teóricas”, ele faz a seguinte ressalva:

Quando uma ciência progride de maneira rápida, pensamentos primeiramente enunciados por alguns logo se tornam patrimônio de todos. Assim, ninguém que hoje tente expor suas concepções sobre a histeria e seu fundamento psíquico pode evitar expressar e repetir uma quantidade de pensamentos de outros que, precisamente, passam da propriedade individual para o bem comum. (p. 263)

Por fim, tudo isso encontra representação na própria obra de Freud, que reflete sobre sua atividade científica da seguinte forma:

O verdadeiro início da atividade científica consiste, antes, na descrição de fenômenos, que serão depois agrupados, ordenados e correlacionados. Já na descrição, não se pode evitar a aplicação de determinadas ideias abstratas ao material, ideias tomadas de algum lugar, por certo não somente das novas experiências. Tais ideias – os futuros conceitos fundamentais da ciência – tornam-se ainda mais indispensáveis na elaboração posterior da matéria. No princípio, elas devem manter certo grau de indeterminação; não se pode contar aí com uma clara delimitação de seus conteúdos. (Freud, 2021, p. 15)

ESTUDO PRELIMINAR SOBRE O TERMO “DESEJO” [*WUNSCH*]

Antes de iniciar a parte propriamente analítica de nosso trabalho, devemos realizar um levantamento preliminar da semântica do conceito em sua língua de origem. O termo “desejo” é a tradução mais comum para o termo *Wunsch*, do alemão de Freud. Pautamo-nos, por exemplo, pela famosa máxima de *A interpretação dos sonhos* ([1900] 2019) [*Die Traumdeutung* ([1900] 1942)], em que se lê o seguinte: “*Der Traum ist eine Wunscherfüllung*” – “O sonho é a realização de um desejo”. (Freud, 2019, p. 154)

O sentido desse termo, entretanto, não encontra equivalência direta na sua tradução para “desejo”. Como ocorre frequentemente, a língua de origem não aceita algumas conotações que o vocábulo escolhido para traduzi-la comporta na língua de destino. Assim como esse mesmo vocábulo falha, muitas vezes, em conseguir expressar a totalidade dos significados que fazem parte dos usos do termo na língua original. Nesse sentido, parte do trabalho de tradução é interpretativa, e o trabalho de tradução é levado a escolher, na língua de destino, o vocábulo que possa melhor representar a conotação principal que, na língua de origem, a palavra que é objeto de tradução adquire no interior da obra de um autor específico. Como é de se esperar, essa escolha será determinante na constituição de uma compreensão geral que se formará em uma comunidade de leitores, a partir do texto traduzido.

Além dessa discordância parcial entre os significados de dois termos – o original e a tradução –, a língua alemã oferece ainda mais um desafio. A construção sintática e gramatical das frases no alemão é bastante diferente da estrutura de nossa língua. É muito frequente, então, que *Wunsch* apareça na pena de Freud aglutinado em uma palavra só, junto a um outro termo que complementa seu sentido. Como no exemplo que demos acima: *Wunscherfüllung* (ou *Wunschbesetzung*, *Wunschvorstellung*, etc). Essa mesma construção, então, gera ao menos três traduções diferentes, a depender, justamente, da escolha feita pelo tradutor. “*Der Traum ist eine Wunscherfüllung*” pode significar “O sonho é a realização de um desejo”, “O sonho é uma realização de desejo” ou “O sonho é uma realização desiderativa”. Essa última, por exemplo, é a escolha de Osmyr Faria Gabbi Jr. (2003) para a tradução do *Projeto de uma psicologia* [*Entwurf einer Psychologie*]. Mas vemos a dificuldade da questão quando, em uma mesma página, Gabbi Jr. é levado a usar duas traduções diferentes para a mesma palavra. Ele faz com que Freud diga, ao mesmo tempo, “Eles [os sonhos] são realizações desiderativas” e com que se refira aos “sonhos como realizações de desejo”.⁶ Obviamente, o sentido conceitual de cada

uma dessas frases é distinto. Na primeira, o acento recai sobre a **realização** – “desiderativa” ou “desejo” sendo algo como sua qualidade, uma característica. Enquanto isso, na segunda, **desejo** é claramente concebido de forma independente, e a “realização” é tida, ali, como sua potência ou possibilidade.

Caberá, portanto, ao próprio estudo conceitual a que nos lançaremos ao longo de nosso trabalho determinar qual(is) das opções melhor se justifica(m) pela lógica da elaboração teórica de Freud.

Aqui, nessa investigação preliminar, pretendemos algo diferente disso. Nossa intenção é nos prepararmos para lidar com as problemáticas que envolvem a questão da tradução de seus textos – nos resguardando das dificuldades, ou ao menos nos advertindo delas.

É importante ressaltar, entretanto, que nosso trabalho não se pretende uma análise linguística dos termos que nos interessam, tampouco visa basear suas conclusões nela. O objetivo de nossa pesquisa é estritamente o de analisar a forma e a lógica do conceito de “desejo” no interior dos textos psicanalíticos, deduzindo seus possíveis sentidos estritamente do uso conceitual que dele faz o autor e estabelecendo ali quais são suas possibilidades e limites; isto é, desenvolver a articulação desse conceito no interior da teoria freudiana a ponto de conseguir identificar sua função em um provável projeto psicanalítico, e firmá-lo definitivamente como conceito ao extrair dele suas implicações conceituais diretas e indiretas, bem como suas determinações por outros conceitos definidos por Freud.

Se quiséssemos ser bastantes sintéticos, diríamos que a diferença entre as duas abordagens – uma puramente linguística e outra lógico-conceitual – é mais ou menos a mesma que existe entre a elaboração de um verbete de um dicionário comum e de um dicionário filosófico. É evidente que, por utilizar **a linguagem** ao articular o **desejo**, faz-se impossível separar de forma rígida a teoria do contexto simbólico e discursivo no interior do qual se escolhe falar sobre ele, contexto esse entendido como o arcabouço semântico da prática linguística humana em uma cultura. Como veremos abaixo, o sentido que Freud dá a esse termo tampouco será indiferente para o modo como as pessoas doravante passarão a compreender a ideia por trás dele, de tal forma que ela passa a figurar como definição no próprio dicionário Houaiss de nossa língua.

Mas nós nos interessamos pelo desejo, conceito psicanalítico. Isto é, procuramos investigá-lo enquanto diretamente implicado na constituição de uma doutrina e de uma práxis.

Em seu trabalho *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Luiz Hanns (1996) diz que

O substantivo *Wunsch* é traduzido adequadamente por “desejo”, mas em alemão o termo tem um uso mais específico. Em geral dirige-se ao que é almejado (mais distante e idealizado), reservando-se para “desejo mais imediato” e mais próximo do “querer” outras palavras – por exemplo, “vontade” (*Lust*) e “querer” (*Wille*). O verbo *sich etwas wünschen* (desejar + pronome reflexivo) é usado amiúde no campo do imaginário-onírico para formular um “pedido” a ser realizado (às vezes por fadas, magos etc.). Em português, o emprego do termo é mais extenso e inclui com frequência aspectos mais imediatos ou sexuais. No texto freudiano, *Wunsch* vincula-se a determinadas palavras do campo preponderantemente representacional e se diferencia de *Lust* (vontade/desejo/prazer) e de *Begierde* (desejo intenso, sofreguidão). (VERBETE WUNSCH)

O trabalho de Hanns parte, como não poderia deixar de ser, dos termos alemães utilizados por Freud, para lhes conferir uma explicação e sugerir possíveis traduções para o português. *Wunsch*, diz ele, é adequadamente traduzido por desejo. Entretanto, algumas páginas adiante, o autor analisa um outro vocábulo, *Lust*, para o qual “desejo” é uma escolha de tradução igualmente possível. “O termo *Lust*”, diz ele, “é habitualmente traduzido por “desejo”, “prazer” e “vontade”. As três traduções, conforme o contexto, podem ser adequadas. Os principais significados de *Lust* são “vontade/disposição de fazer algo”.⁷

Obviamente, coloca-se aqui um problema, a que nosso método deve imediatamente responder. Qual é, efetivamente, o objeto de investigação de nossa pesquisa? Quando afirmamos que pretendemos investigar o “desejo” na psicanálise, isso quer dizer que nos interessaremos por toda a série de termos alemães para os quais, em português, esse termo historicamente foi usado como tradução? Ou, mais especificamente que, por uma razão qualquer – que deve, então, ser justificada –, nos deteremos em sua forma correspondente a *Wunsch*?

Definitivamente, responderíamos pela segunda opção. Com algumas ressalvas importantes, no entanto. Não pretendemos, como dissemos, fazer uma análise linguística. Também não somos tão categóricos a acreditar que Freud tenha feito um uso conceitual tão rígido, assim, da ideia de desejo. No fundo, não estamos de modo algum certos de que Freud tenha pretendido, desde o início e para sempre, firmar no vocábulo “*Wunsch*” algo como um conceito rígido e estrito, a lhe atribuir a importância que alguns filósofos dão a seus conceitos. Muito pelo contrário. É evidente que o uso específico do termo não deve ser desprezado. Contudo, uma análise que permanecesse aguerrida a esse mero fato certamente atestaria sua desconexão absoluta com o movimento de teorização freudiano, que é ditado sobretudo pelo ritmo de sua experiência na clínica. O que se consolida sob o nome de “*Wunsch*” em um

determinado momento é algo que já vinha sendo elaborado por meio de outras articulações, que mobilizavam termos como *Vorstellung*, *Affekt*, *Impuls*, *Erinnerung*, entre outros. Em suma, é perfeitamente possível que Freud construa a mesma ideia, ou algo muitíssimo semelhante ao que expressa com seu “*Wunsch*”, valendo-se de outros termos. Nossa proposta é justamente a de poder apreender o significado conceitual, ou, vários deles, por trás do uso de “*Wunsch*”, inserido no movimento mesmo dessa elaboração, bem como sua importância para a constituição do projeto psicanalítico e para a justificação de sua racionalidade.

Mas por que *Wunsch*? Por que não o estudo do desejo como *Lust*, por exemplo? Ou, porque não o estudo de todo o espectro conceitual a que “desejo” é usado para traduzir – *Lust*, *Begierde*, *Wollen*, *Regung* etc.? Por que não algo que pudesse encontrar algum ancoramento, mesmo que puramente especulativo, na tradição do pensamento alemão? – pois é notável que, ao se referirem a algo que poderia ter parentesco com “desejo”, Fichte faz menção a *Absicht*,⁸ Hegel utiliza *Begierde*⁹ e Schopenhauer e Nietzsche falam em *Wille* (*Die Welt als Wille und Vorstellung* e *Wille zur Macht*).

Portanto, para que nossa proposta fique clara, cabe a nós fazermos uma precisão metodológica importante. Desde o início, a ideia de desejo, para nós, assumiu uma orientação muito clara, enquanto elemento determinante da cura psicanalítica. Que Freud o tenha reconhecido como chave para a constituição da lógica que justifica a intervenção psicanalítica diz menos respeito, em um primeiro momento, à sua posição enquanto objeto de reflexão do homem pela filosofia, do que à forma que esse conceito assume na teoria psicanalítica e, no limite, o modo com que ele justifica o projeto psicanalítico enquanto tal. Podemos dizer que, em um determinado momento de sua obra, “*Wunsch*” tem o privilégio de condensar a lógica psicanalítica. Não só, como é produto e eixo fundamental daquele que foi talvez o maior esforço esquemático de Freud em sua obra (presente no *Projeto para uma psicologia científica* e em *A interpretação dos sonhos*), destacando-se, então, no fundamento daquilo que compreenderíamos depois por sua “metapsicologia”.

Em 1959, Jacques Lacan (2016) diria categoricamente: o desejo é a coisa freudiana por excelência, isto é, a coisa psicanalítica.

Do que depende a persistência da análise, seu lugar para além de sua utilização médica, que, no fim das contas, ninguém pensa em contestar? É que nela, impossível não perceber, há algo que concerne ao homem de uma maneira a um só tempo nova, séria e autêntica. Nova em sua contribuição, séria em seu alcance, autenticada pelo quê? Certamente por algo que não são seus resultados, amiúde discutíveis, por vezes precários. O mais característico no fenômeno é, creio, a sensação que se tem de que essa coisa que uma vez

chamei de *coisa freudiana* é uma coisa de que se fala pela primeira vez. [...] **A coisa freudiana é o desejo.** (p. 384, destaques nossos e do autor)

É nesse sentido que o desejo nos interessa, e é sob esse pano de fundo que ele será recolocado em debate por nosso trabalho. Daí, portanto, justifica-se a escolha de nossa investigação pelo termo “*Wunsch*”. Pois identificamos em *A interpretação dos sonhos* [*Die Traumdeutung*] (Freud, 2019) o momento privilegiado no qual há a constituição de um tal modelo de racionalidade psicanalítica, a ser apresentado por Freud para o mundo, que coincide perfeitamente com a realização máxima do sentido do conceito de desejo em sua experiência teórica. Tudo isso é representado pela fórmula paradigmática já citada acima, segundo a qual **o sonho é a realização de um desejo**. Isso não significa, entretanto, que pensaremos o desejo em função do sonho. Na verdade, o sonho se insere aqui apenas como representante do próprio funcionamento do inconsciente, já que Freud (1986) afirma, nessa mesma época, que ele “contém *in nuce* [em resumo] toda a psicologia das neuroses em geral”. (p. 256)

CAPÍTULO 1

DO TRAUMA AO DESEJO

Tal ‘descida às Mães’ tem sempre algo de angustiante; mas a tentativa de desenterrar a raiz de um fenômeno conduz sempre, inevitavelmente, aos problemas fundamentais, dos quais não se pode esquivar (Breuer, 2016b, p. 272)

1.1. O trauma

O desejo parece ser o ponto fundamental para onde converge a lógica causal das primeiras investigações freudianas.

Como dissemos, Freud utiliza o termo *Wunsch* em pouquíssimas ocasiões até o ano de 1899. É a partir do texto *Lembranças encobridoras* [*Über Deckerrinerungen*] que ele aparece de forma mais clara, como ideia bem referida, e é em *A interpretação dos sonhos* [*Die Traumdeutung*] que é apresentado em toda sua extensão, enquanto conceito. Em todo o período entre 1886 e 1898,¹⁰ *Wunsch* aparece apenas 36 vezes nas publicações oficiais, sendo que, dentre essas ocorrências, em somente 13 delas ele assume um sentido que se aproxima daquele conceitual que se fixará depois. Na grande parte das vezes, Freud usa *Wunsch* como uma palavra corrente do alemão, sobretudo declinada como parte do adjetivo *wunschwert*, para expressar a ideia de algo que é “desejável”, algo que se “espera”, no sentido de que se faz votos para que aconteça (algo que é ou que seria bom). Em outros momentos, *Wunsch*, é o equivalente a um pedido ou uma requisição de alguém. Em contrapartida, só no texto *Lembranças encobridoras* [*Über Deckerrinerungen*], *Wunsch* aparece três vezes, todas elas no sentido que esse termo adquire enquanto conceito, e já em *A interpretação dos sonhos*, o termo é usado 668 vezes (valor aproximado)¹¹.

Isso sugere que o desenvolvimento e a evolução da teoria freudiana na época da constituição da psicanálise acabam por produzir a ideia de desejo enquanto conceito de importância maior. O número de vezes em que Freud se refere a ele não é nada irrelevante. Certamente não é possível acreditar que uma mudança tão radical na terminologia, no que se refere à frequência de uma palavra em uma experiência teórica, não represente algo decisivo para sua lógica. Assim como não é possível acreditar que a mudança que percebemos na teoria psicanalítica a partir de 1896-7 (com o abandono da teoria da sedução, e a consolidação de um novo esquema lógico, logo após, com a publicação de *A interpretação dos sonhos*), sendo

contemporânea a essa alteração tão radical na terminologia, não esteja relacionada diretamente com esse “novo” conceito, ou então com o salto de importância que ele adquire.

O início da trajetória freudiana é marcado por uma incontestável **preocupação acerca da causalidade**,¹² instigada pelos fenômenos da neurose. Esse espírito investigativo extrapola o mero esforço semiológico,^a que também acompanha a exposição de seu raciocínio em algumas publicações. Em praticamente todos os seus trabalhos, Freud é movido por uma curiosidade sobre a **etiologia**, e essa possibilidade parece dar origem à psicanálise enquanto disciplina nova e independente. Da investigação sobre o trauma, parte-se à descoberta de processos mentais inconscientes como causadores das doenças mentais para o próprio inconsciente como elemento chave do funcionamento psíquico, isto é, enquanto novo centro de possibilidades de explicação causal. A conclusão que se cristaliza, então, em *A interpretação dos sonhos*, é que a lógica mesma da causalidade inconsciente é o esquema no qual o desejo tem o papel principal; do qual se deriva a proposta psicanalítica de *interpretação* do desejo, como instrumento para a cura.

Assim, devemos deduzir também que aquela mudança tão expressiva na terminologia dos textos freudianos tem relação com o espírito causal de sua investigação. O desejo assume, como dissemos, o lugar de agente causal central na possibilidade de explanação no esquema freudiano. Sobretudo porque esse conceito respondia a uma necessidade de pensar a intervenção psicanalítica, pois, obviamente, o esquema teórico fora montado e justificado com base na efetividade das experiências concretas – sucessos e fracassos – da experimentação clínica. Como veremos, esse conceito aparece, no pensamento freudiano, sob a forma do “corpo estranho” – derivado do pensamento médico –, que será objeto da ação analítica (que se pretendia uma ação médica) através da **interpretação**. O que se interpreta, dirá Freud, nos sonhos como nos sintomas, é um desejo.

Devemos retroceder, entretanto, para entender o movimento que dá origem a essa compreensão. Mas ressaltamos que, apesar de nosso esforço em apreender uma ordem da experiência conceitual de Freud, essa não é uma perspectiva sem falhas. O estatuto etiológico de suas investigações é algo que depreendemos da leitura de seus textos. Na verdade, mesmo que nosso raciocínio se provasse acertado, ainda assim não é certo que, em cada momento, Freud tenha assumido apenas *um* elemento fundamental como aquele que permitiria estabelecer a causa dos processos psíquicos. Acima de tudo, nesse momento, ele estivera sempre a pensar

^a Isto é, a mera descrição de sinais e sintomas, com vistas ao diagnóstico da doença.

na estrutura e no mecanismo da “defesa” como o que oferecia novas perspectivas para as descobertas acerca da causalidade psíquica.

Nossa suposição é a de que podemos identificar no contato com Jean-Martin Charcot, e sobretudo em sua experiência com a “histeria traumática” na Salpêtrière, o despertar do interesse de Freud pela causalidade dos processos ditos “psicológicos”. Charcot foi um dos grandes responsáveis por ter tirado a histeria das estantes de misticismo para agrupá-la sob a égide dos estudos científicos modernos.¹³ Para tanto, ela precisava de uma delimitação muito clara de seus aspectos clínicos e das hipóteses etiológicas a eles correspondentes.¹⁴ Foi através do trabalho de Charcot que

a histeria foi retirada do caos das neuroses,¹⁵ diferenciada de outros estados de aparência semelhante, e a ela se atribuiu uma sintomatologia que, embora extremamente multiforme, tornava impossível duvidar de que imperasse nela uma lei e uma ordem. (Freud, 1996b, p. 46)

No âmbito dessa introdução, não entraremos em tantos detalhes sobre a importância de Charcot para o pensamento de Freud e para história da histeria de forma geral.¹⁶ Até porque sua experiência, traduzida em muitas publicações, parece diversa e complexa.

Para firmar a histeria como “uma doença como qualquer outra” (Trillat, 1991, p. 140), Charcot procedeu em um amplo empreendimento de método anatomoclínico e experimental. Nos primeiros anos de seu encontro com a histeria, por exemplo, ele se entrega a um detalhado “trabalho descritivo e semiológico” (Trillat, 1991, p. 145), que dá origem ao chamado quadro clínico da ‘grande histeria’, no qual detalha de forma teoricamente rígida e sequencial quatro fases fixas que comporiam a evolução “normal” do processo mórbido (a aura, o ataque histérico, a fase clônica e a fase resolutive).¹⁷ Tudo isso era um grande passo para a categorização da histeria enquanto entidade clínica.

Mas, como nos diz Étienne Trillat (1991), “De todos os trabalhos de Charcot sobre a histeria, são incontestavelmente aqueles que ele consagra à histeria traumática que permanecerão na história” (p. 161). É a ideia de trauma que daí se depreende que nos interessa, pois:

Com a histeria traumática, aborda-se a última parte da obra de Charcot. Somente ela sobreviverá a seu autor e, sob um outro nome, chegará até nós: a ‘neurose traumática’. É também nessa época que se situa a estada de Freud na Salpêtrière. A histeria traumática, como veremos, terá um importante papel no nascimento da psicanálise. (Trillat, 1991, p. 156)¹⁸

Charcot reintroduz a hipnose como método experimental nos círculos científicos, principalmente depois que Burq, com suas hipóteses sobre os metais e a eletricidade, que lembravam a mística do “magnetismo animal”, fizeram ver que era possível suprimir os sintomas histéricos através de uma influência direta.¹⁹ Charcot deu um passo além: em suas experimentações com a hipnose, ele descobre que, através da sugestão do hipnotizador, era possível não apenas suprimir os sintomas como, talvez mais importante do que isso, criá-los. Ou seja, o hipnotizador tinha o poder de produzir uma histeria artificial.²⁰ A partir daí,

Toda a retórica de Charcot se funda sobre essa dupla existência da histeria: uma histeria natural e uma histeria experimentalmente provocada; a produção experimental do sintoma permitindo descobrir as leis que regem a produção do sintoma natural. (Trillat, 1991, p. 153)

Evidentemente, para que a histeria entrasse de fato no campo das ciências médicas, deveria ser possível atribuir a ela uma etiologia, uma explicação causal. Restava, então, definir o que era, de fato, a histeria, para além da descrição semiológica das suas manifestações clínicas. Para Charcot, como toda doença neurológica, a histeria deveria ser uma afecção orgânica, um desvio da normalidade de sua condição anátomo-funcional. Por isso, sua causa deveria ser hereditária. Em 1896, Freud publica um artigo em uma revista francesa de neurologia cujo objetivo era especialmente rebater essa tese.²¹ Mas, no interior do esquema a que Charcot foi levado pela experimentação com a hipnose, em que era possível

[...] ‘despertar nos órgãos psíquicos uma ideia ou um grupo de ideias associadas que, na ausência de qualquer controle e de qualquer crítica, deverão estabelecer-se em estado autônomo, viver, de certo modo, como um parasita e, por isso mesmo, adquirindo uma força e um poder de realização, por assim dizer, sem limites’. (Charcot *apud* Trillat, p. 157),

a histeria lhe aparecia como a pré-condição neurológica para a produção de estados em que a instalação de ideias dessa natureza era possível. Por isso, a hipnose nunca foi para ele um regime de experimentação psicológica geral, mas estritamente “histérico”. Apenas os histéricos eram hipnotizáveis,²² assim como apenas esses doentes podiam desenvolver estados mentais hipnóticos em que ideias se instalavam de modo patógeno a criar sintomas. No interior do quadro mórbido que se lhe apresentava, era como se toda a fantástica gama de manifestações da histeria fosse apenas um epifenômeno de uma causalidade orgânica de base, que lhe parecia a grande promessa de um naturalismo científico no campo da medicina.²³

Que tenha existido uma histeria natural, isso não era dúvida para Charcot, já que a histeria era uma doença como outra qualquer. Mas que dizer dos sintomas artificialmente provocados durante o estado letárgico? Para que eles se produzam, diz Charcot, necessariamente é preciso que a mulher esteja ‘sob efeito da diátese histórica’. Noutros termos, o sintoma artificial só pode aparecer sobre um terreno natural; só se pode provocá-lo se a histeria da mulher é natural. (Trillat, 1991, p. 153)

Uma “diátese” é, por definição, uma disposição do organismo para ser atacado por determinada doença. Para Charcot, era isso o que caracterizava propriamente a histeria, a diátese histórica não sendo senão o estado análogo à hipnose induzida experimentalmente.

A partir desse raciocínio, vindo da experimentação com a hipnose, ganha sentido a ideia de uma histeria traumática. O trauma (choque) tensionava o sistema nervoso e levava à produção espontânea do estado hipnótico ou sonambúlico, durante o qual, como acontecia na situação experimental, uma “sugestão” tinha por consequência a formação de um sintoma histórico (a paralisia de um dos membros, por exemplo). Mas, diferentemente da situação controlada do “laboratório”, o que estava em jogo era uma auto-sugestão, já que era ausente a figura de um hipnotizador. Essa auto-sugestão, que aconteceria no momento da disposição específica do aparelho neurológico no trauma, parece poder ser traduzida simplesmente por “pensamento” ou “ideia” (ou conjunto de ideias). Complexo ideativo esse que, agindo agora de forma autônoma por sua ligação com o estado hipnótico concomitante ao qual sobreveio, seria responsável pelo surgimento dos sintomas históricos fora dele.

Charcot explica esse processo reproduzindo-o, gerando artificialmente a paralisia num doente. Para isso, necessita de um paciente que já se encontre num estado histórico, do estado de hipnose e do método da sugestão. Ele põe esse doente em hipnose profunda, dá-lhe um leve golpe no braço, esse braço cai, fica paralisado e exhibe os mesmos sintomas de uma paralisia traumática espontânea. O golpe também pode ser substituído por uma sugestão verbal direta: “Olhe, seu braço está paralisado”; também então a paralisia mostra as mesmas características. Procuremos estabelecer uma analogia entre os dois casos: de um lado, o trauma; do outro, a sugestão traumática. O resultado final, a paralisia, é exatamente o mesmo em ambos os casos. Se o trauma de um caso pode ser substituído pela sugestão verbal no outro caso, é plausível supor que também na paralisia traumática espontânea essa ideia tenha sido responsável pelo surgimento da paralisia, e, de fato, vários pacientes relatam que no momento do trauma tiveram de fato a sensação de que seu braço era esmagado. Assim, o trauma poderia realmente ser equiparado à sugestão verbal. Mas falta uma terceira coisa para completar a analogia. Para que a ideia “o braço está paralisado” pudesse mesmo provocar no doente uma paralisia, era necessário que ele se encontrasse em estado de hipnose. O trabalhador não estava em hipnose, mas podemos supor que durante o trauma ele se achava num estado de espírito especial, e Charcot se inclina a comparar esse afeto ao estado artificialmente suscitado da hipnose. Desse modo, a paralisia

traumática espontânea é inteiramente explicada e equiparada à paralisia criada por meio da sugestão, e a gênese do sintoma é inequivocamente determinada pelas circunstâncias do trauma. (Freud, 2023a, p. 36)

Das concepções de Charcot, são necessários poucos passos para se chegar a Breuer e às suas próprias considerações sobre a etiologia da histeria. Esse último também colocava acento no trauma, enquanto reminiscência que agia em uma espécie de *condition seconde* (ele chega a conceber isso como uma dupla personalidade), fora da consciência principal, exatamente como Charcot havia descrito ao basear-se na produção artificial de estados sonambúlicos. Para ele, como para Freud (2016) em *Estudos sobre a histeria*, o trauma²⁴ era consequência direta de uma sobrecarga do sistema nervoso,²⁵ que teria acontecido por uma de duas razões: pelo advento de uma estimulação excessiva ou por debilidade constitutiva do aparelho neurológico.²⁶ Em certo sentido, na verdade, Freud e Breuer generalizam a ideia de trauma, tomando o mecanismo da histeria traumática como paradigma da histeria comum.²⁷

por trás da maioria, senão de todos os fenômenos da histeria, há uma vivência marcada de afeto, e que, além disso, ela é de espécie tal que imediatamente faz compreender o sintoma ao qual se refere; portanto, que esse sintoma é, mais uma vez, inequivocamente determinado. Agora, se os senhores me permitem comparar essa vivência marcada de afeto àquela grande vivência traumática que serviu de base para a histeria traumática, posso formular a primeira tese a que chegamos: *Há uma completa analogia entre a paralisia traumática e a histeria comum, não traumática*. A diferença é apenas que na primeira influiu um grande trauma, enquanto na segunda raramente se constata um único grande evento, mas sim uma série de impressões plenas de afeto; toda uma história de sofrimentos. Não é algo forçado equiparar essa história de sofrimentos, que aparece como fator ocasionador em histéricos, ao acidente que ocorre na histeria traumática, pois agora ninguém mais duvida de que mesmo no grande trauma mecânico da histeria traumática não é o fator mecânico que produz efeito, mas o afeto de pavor, o trauma psíquico. Disso resulta, em primeiro lugar, que o esquema da histeria traumática, tal como Charcot delineou para as paralisias histéricas, vale, de forma bastante geral, para todos os fenômenos histéricos ou, pelo menos, para a grande maioria deles; trata-se sempre do efeito de traumas psíquicos, que determinam inequivocamente a natureza dos sintomas assim gerados. (Freud, 2023a, p. 38)

Como se vê, a identificação do trauma presente também na histeria comum fazia antes com que se repensasse o estatuto do próprio trauma da histeria traumática. Ele passa a ser concebido não tanto a partir do modelo de um choque físico que incide no sistema nervoso, mas como trauma psíquico – com todas as consequências e impasses que a introdução do termo “psíquico” acarreta.

Para que sejamos justos, as citações acima são de Freud, em um texto chamado *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*. Embora tenha sido uma conferência, proferida em 1893, seu texto é de autoria própria. Essa publicação é contemporânea a uma outra, conjunta e de mesmo nome – a chamada *Comunicação preliminar* (Freud, 2016) –, essa sim que Freud escreve com Breuer como preâmbulo ao que depois seria o trabalho *Estudos sobre a histeria*. Veremos, entretanto, que os dois autores já demonstravam ter divergências conceituais decisivas sobre o assunto, que podiam ser encontradas desde o início de sua parceria.

As hipóteses de Breuer ficaram conhecidas principalmente pelo conceito de “estados hipnóides”,²⁸ que ele elabora a partir de um caso específico de histeria. A ideia era que a patologia seria um desenvolvimento direto da formação, no indivíduo, de estados segundos de consciência análogos ao estado hipnótico e ao sonambulismo, nos quais o pensamento encontraria pouca resistência e correção como acontecia no “pensamento desperto” (p. 306) e nos quais os afetos (ou, “afetos ideogênicos”) que, na ocasião, não puderam ser descarregados, ou melhor, para os quais não houve uma reação (reflexo) adequada, permaneceriam isolados e atuantes sob a forma de sintomas. Mas é preciso especificar exatamente o que se entende aqui por “atuação” do trauma no sintoma, pois essa será a principal via pela qual distinguiremos as concepções de Breuer daquelas de Freud.

1.2. Freud *versus* Breuer

Embora corramos o risco de desviar ligeiramente do curso principal pelo qual nos leva nossa argumentação sobre a centralidade causal do desejo, é importante que nos detenhamos com maiores detalhes sobre os *Estudos sobre a histeria*.

Essa obra foi publicada em 1895. Esse é um dado importante, que muitas vezes não é levado em consideração. Como podemos ver pela *Linha do tempo* (Anexo 1) e pela *Relação cronológica da publicação das obras de Freud* (Anexo 2), trata-se do mesmo ano em que Freud publica seu artigo sobre a neurose de angústia. Mas, acima de tudo, 1895 é o ano em que Freud trabalha de forma árdua e incansável em seu *Projeto de uma psicologia científica*, o qual dirige a seu amigo e confidente Wilhelm Fliess. Ele constitui parte do que foi, na época, uma extensa correspondência trocada entre os dois. Embora não tenha sido publicado na ocasião, o *Projeto* é, como veremos, um evento maior na história desse período da obra freudiana e do nascimento da psicanálise. De modo muito curioso, já estarão configurados, nesse texto, quase todos os pontos do esquema que, cinco anos mais tarde, será apresentado de forma organizada em *A*

interpretação dos sonhos (Freud, 2019) – inclusive a fórmula mais bem acabada sobre o desejo: “*Die Traum ist ein Wunscherfüllung*”. Apesar disso, em suas publicações oficiais dos anos seguintes, Freud irá manter posições inconciliáveis com a nova concepção teórica ali desenvolvida. O maior exemplo disso é a teoria da sedução, que será inexplicavelmente defendida por ele até setembro de 1897. Como poderia ser, então, que mesmo tendo chegado à fórmula do sintoma como satisfação de um desejo, Freud ainda pudesse crer em algo como a realidade concreta da sedução como base etiológica dos mesmos?

O fato é que 1895 deve ganhar destaque em nossa análise sobre o desenvolvimento da noção de “desejo”. Será também em julho daquele ano que, sob curiosas circunstâncias,²⁹ Freud terá o famoso “sonho da injeção de Irma”, em uma noite depois da qual sente que “o segredo dos sonhos se revelou ao Dr. Sigm. Freud” (Freud, 1986, p. 418). Esse segredo, não por acaso, era a formulação que acabamos de citar: *Die Traum ist ein Wunscherfüllung*. Freud é levado a ela pela interpretação das produções oníricas, a partir de um sonho que, coincidência ou não, teria acontecido justamente enquanto trabalhava no *Projeto para uma psicologia científica*.

Estudos sobre a histeria foi, então, uma obra conjunta publicada por Freud e Breuer, o que deve dirigir nossa atenção para o contexto da relação entre esses dois autores. Pois, normalmente, ao analisarmos o texto, falhamos em apontar um fator decisivo para a sua compreensão: nessa época, a relação entre Freud e Breuer já estava bastante deteriorada. É com espanto que somos levados a saber que, um ano antes da publicação – em 1894 – Freud estaria escrevendo que os contatos científicos com Breuer haviam cessado (Freud, 1986, p. 86); e que em 1896, ano seguinte a ela, estaria deliberadamente evitando a pessoa de Breuer, dizendo que não precisava mais vê-lo.³⁰ Pelo que parece, desde 1891 a atmosfera entre os dois não era das melhores, depois que Breuer teria falhado ao agradecer propriamente a Freud pela dedicatória feita em seu livro *Sobre as afasias*.³¹ Já em 1893, data em que Freud e Breuer publicaram *Comunicação preliminar*, Freud dizia a Fliess que “Breuer é um obstáculo a meu progresso profissional em Viena.” (*ibid.*, p. 56).

Esse é um cenário altamente contraintuitivo. Tenderíamos a pensar que, ao contrário, o momento da publicação teria sido também o apogeu daquela parceria. Assim, talvez façamos melhor em tomar *Estudos sobre a histeria* como um trabalho essencialmente cingido, que reflete antes o afastamento entre seus autores.

O que faz dele um texto tão importante para nosso argumento é que ele finca as bases da ideia de trauma como causalidade fundamental dos fenômenos neuróticos, cuja superação por Freud é justamente realizada através do movimento teórico que tem como resultado a

elaboração do conceito de desejo. Assim, *grosso modo*, é a ideia de desejo que faz com que Freud passe da lógica inicial do traumatismo para uma outra.

Não pretendemos nos aprofundar em cada detalhe da teoria que Breuer (ou mesmo que Freud) expõe nessa volumosa obra. Cada um dos conceitos ali presentes merece um estudo próprio, por sua riqueza e complexidade. De nossa parte, apresentaremos apenas desenvolvimentos suficientes para que possamos enxergar com clareza a distinção entre duas compreensões distintas do mecanismo causal da histeria que representa a divergência entre os dois autores, e que faz parte da história do pensamento freudiano sobre o “desejo”.

Como dissemos, as teses de Breuer são marcadas por suas ideias sobre “estados hipnoides”. Ao que tudo indica, elas se baseavam quase inteiramente na experiência que ele tivera com Anna O.,³² um caso de histeria fantástico que apresentava de modo muito acentuado uma alternância entre dois estados de consciência:

Havia dois estados de consciência inteiramente separados que se alternavam com muita frequência e de maneira abrupta, e que, no curso da doença, dissociaram-se cada vez mais. Em um deles, ela conhecia seu ambiente, era triste e angustiada, mas relativamente normal; no outro, alucinava, era “malcriada”, isto é, vociferava, jogava almofadas nas pessoas, tanto quanto sua contratura o permitia, arrancava botões de cobertas e roupas com os dedos ainda móveis e outras coisas semelhantes. (Breuer, 2016a, pp. 43-44)

Breuer parece associar o primeiro estado à vigília, e o segundo a um estado análogo ao estado de hipnose, como os dos pacientes de Charcot, que costumava chamar, no caso de Anna O., de “ausências” [*absences*, possivelmente resgatando um termo já instituído pelos franceses]. Segundo o próprio Freud (2023), para Breuer:

é ‘fundamento e condição’ da histeria o aparecimento de estados de consciência peculiares, oniriformes, com capacidade de associação restrita, para os quais ele propõe o nome ‘estados *hipnoides*’. (Freud, 2023c, p. 51).³³

Nessa perspectiva, era como se a cognição entrasse em uma fase de níveis rebaixados, análogo ao sonambulismo na qual o pensamento se produziria livremente de forma desordenada e intensa, gerando afetos em uma mente inapta a lidar com eles. Esses afetos seriam produzidos, entre outras coisas, justamente pela força da imaginação, que, desinibida, poderia se elevar a experiências alucinatórias completas. Impossibilitadas de serem desgastadas em seu *quantum* de excitação (ab-reagidas) pelo processo normal da crítica e do pensamento, ou por uma ação reflexa adequada, já que teriam acontecido em uma consciência sonambúlica (ou, como veremos, a ocasionado), a lembrança dessas experiências afetivas permaneceria

represada/marcada nos estados hipnoides e se irradiaria como sintoma em uma espécie de reflexo secundário ou inadequado.³⁴

Só que, em aparente contradição, Breuer dirá também que são os próprios afetos que, quando intensos, (quicá levados ou acompanhados pelo fantasiar), provocam o aparecimento dos “estados hipnoides”³⁵. Ele próprio admite não entender muito bem as origens do estado patológico:³⁶

Não sei dizer se os estados hipnóticos espontâneos também podem se desenvolver sem essa intervenção do afeto, como resultado de uma predisposição original, mas considero isso muito provável. Quando observamos como é diversa a suscetibilidade à hipnose artificial em indivíduos sadios e doentes, como ela ocorre facilmente em alguns, logo nos vem a suposição de que nestes ela aconteça também espontaneamente. É uma predisposição para isso talvez seja necessária para que o devaneio se transforme em auto-hipnose. (Breuer, 2016b, p. 310)

Ele diz isso depois de uma longa explanação semiológica em que encontra razões para conceber o fato de que afetos intensos são capazes de produzir estados “singulares” do funcionamento mental. Mas, na verdade, em outros momentos do texto, Breuer deixa claro sua preferência pela primazia congênita dos estados hipnoides ante a qualquer outra possibilidade de uma produção circunstancial e contingente da hipnose em um indivíduo não histérico. Ao que parece, a engenhosa explicação sobre o mecanismo dos afetos causadores de estados de excitação particular da consciência seria um recurso para explicar por que pessoas não neuropatas podiam igualmente padecer de uma doença histérica. Mas isso não significa necessariamente que essa fosse sua opinião. Ele advoga explicitamente pela predisposição histérica de base, mesmo para os casos de estados hipnoides surgidos através da intensidade de afetos (como se esses afetos só pudessem produzir os estados hipnoides em pessoas predispostas a isso).³⁷ Ao contrário, aquela outra perspectiva parecia agradar muito mais a Freud, cuja teoria do conflito psíquico exigia a hipótese de uma histeria adquirida espontaneamente – o que deveria compreender pessoas não neuropatas. Aqui, portanto, entramos na complexa relação entre os autores de *Estudos sobre a histeria* e suas teorias.

Em junho de 1892, antes mesmo de publicarem *Comunicação preliminar*, Freud já dizia que “Minha histeria, nas mãos de Breuer, foi transformada, ampliada e restrita e, nesse processo, evaporou-se parcialmente”. (Freud, 1986, p. 32) Alguns anos depois, ainda antes da publicação final de *Estudos sobre a histeria*, ele escreveria o seguinte:

O livro que estou preparando com Breuer conterá cinco casos clínicos, um ensaio dele, **do qual me dissocio inteiramente**, sobre as teorias da histeria (sumariamente e crítico), e um de minha autoria sobre terapia, que ainda não comecei. (Freud, 1896, p. 83, destaques nossos).

Como se sabe, a obra é dividida em três seções maiores (se desconsiderarmos a chamada *Comunicação preliminar*): os “Casos clínicos”, as “Considerações teóricas”, escrita por Breuer, e uma terceira seção sobre a “Psicoterapia de histeria”, essa de autoria de Freud. De todas elas, a parte sobre “Considerações teóricas” talvez seja a mais interessante a se analisar conceitualmente, já que é ali que os autores são levados a justificar suas ideias e defender suas posições. Mas sua importância se justifica ainda mais por um outro aspecto, que não é claro à primeira vista: sua natureza especulativa e epistêmica faz com que se explicita a dinâmica conflituosa entre Freud e Breuer, expondo suas divergências no plano teórico. Por se tratar de uma publicação conjunta, o conteúdo do texto deveria, naturalmente, refletir a opinião dos dois autores, na medida em que versava sobre as bases mesmas daquele empreendimento científico. Isso seria fácil se ambos concordassem integralmente sobre o assunto, o que, como já dissemos, não demonstra ser o caso.

Assim, afirmar a possibilidade de uma histeria adquirida de forma contingente, como vimos acima que Breuer fazia, ao dizer que os afetos intensos poderiam produzir estados hipnoides, parecia ser muito mais uma exigência das hipóteses freudianas do que uma genuína preocupação de Breuer. Claro, suas teorias não excluía totalmente essa ideia, já que o próprio estado hipnoide era pensado a partir do modelo do sonambulismo, que poderia ser explicado, segundo ele, como uma disposição afetiva particular do indivíduo, um estado específico de excitabilidade do sistema nervoso. Mas sua maior questão era, sem dúvidas, com o fenômeno positivo e provavelmente congênito³⁸ dos estados hipnoides. Freud, ao contrário, que havia analisado inúmeros outros casos de histeria, não concordava com a centralidade dessa hipótese, tendo antes chegado a uma compreensão do mecanismo da histeria como “defesa psíquica”. Ele atribuía a causalidade fundamental da neurose ao advento de um conflito puramente ideogênico no indivíduo, ao menos no que dizia respeito às possibilidades de um entendimento que compreendesse a intervenção terapêutica. E, para que isso se sustentasse, era fundamental que qualquer pessoa fosse suscetível a contrair sintomas histéricos em algum momento por uma ocasião fortuita em que um “pensamento” espontâneo confrontasse a ordem moral internalizada. Na verdade, para Freud, isso era algo que permitia conceber um mecanismo das neuroses em geral (incluindo, assim, as fobias e as obsessões), sendo a histeria caracterizada

por sua particular disposição à “conversão”.³⁹ De todo modo, Freud entendia a cisão da consciência não como expressão de uma “singularidade neurológica”,⁴⁰ como o fazia Breuer,⁴¹ no sentido de uma característica do sistema nervoso, mas como resultado de uma ação praticamente “intencional”⁴² de um mecanismo de defesa “psíquico” que criava um estado segundo de consciência que isolava uma representação específica do resto das associações, a partir de onde ele se irradiava (ou, se *expressava*) como sintoma.⁴³

A solução encontrada pelos dois, então, na escrita das *Considerações teóricas*, foi apontar a possibilidade de dois mecanismos distintos: uma “histeria de defesa” e um outro, cuja base seriam os estados hipnoides. O que era totalmente artificial, considerando o texto de Breuer em sua forma total. Pois, um pouco adiante, ele próprio afirmaria a primazia da condição neurológica da formação dos estados hipnoides sobre o domínio ideogênico, o que, para todos os efeitos, anulava a divisão antes proposta, assim como a própria categoria de “histeria de defesa”.

Por isso, a escrita dessa parte de *Estudos sobre a histeria* ilustra de modo privilegiado a rixa dos dois colegas e dá vida a uma disputa dialética invisível entre os autores interior do próprio texto. Ademais, somos levados a pensar que, embora escrita por Breuer, o texto nos dá fortes indícios de ter sido objeto de intervenções diretas da pena de Freud.

Portanto, se não nos atentamos a esses fatores formais de *Considerações teóricas* e ao contexto de sua escrita, somos colocados frente a um mar de complexidades conceituais desnecessárias, a tentar desvendar a lógica de uma sequência argumentativa que não tem nada de linear nem de consistente. Vemos como, no texto, logo após uma elaboração, encontramos muitas vezes uma outra totalmente contraditória com essa; e como, em outros momentos, um trecho é acrescido de forma pouco natural e aparentemente deslocado do argumento que vinha sendo desenvolvido; finalmente, há ocasiões em que, um pouco depois de uma parte aparentemente escrita por Freud, seu conteúdo é categoricamente negado por Breuer (de forma mais ou menos discreta).

Centremos nossa atenção, agora, no ponto em que a divergência entre Freud e Breuer nos permite captar justamente o essencial da compreensão causal dos fenômenos histéricos que faz pensar uma racionalidade própria à ideia de desejo que se desenvolveria daquela anterior, do trauma. Como dissemos, isso entra em questão quando procuramos entender o que significa dizer que o sintoma é a expressão ou atuação do agente patógeno (isto é, do núcleo traumático ou daquilo que constitui seu elemento central).

Para Breuer, como dizíamos, o elemento central que determinava as possibilidades dos fenômenos histéricos era a produção de estados sonambúlicos, os quais ele não deixa de relacionar a um estado afetivo particular ou intenso. Entende-se por afeto, aqui, o que ele chama de “excitação tônica intracerebral”. (Breuer, 2016b, p. 272)⁴⁴ Sobre isso, Bernfeld (1944) tem um artigo, no qual afirma que a excitação, dado o contexto de sua aplicação teórica, significa, na pena de Breuer, simplesmente energia. O que aponta para uma tentativa de conceptualização no campo da física, que, na verdade, acaba não funcionando, já que a importação dessa categoria para esse campo representa uma contradição da própria natureza quantitativa que justifica sua existência no entre-meu dos cálculos da física:

“Excitação” significa o estado de estar em funcionamento. É observável por seus efeitos e estimado como “maior” ou “menor” de acordo com esse funcionamento. Entretanto, não é mensurável como o é uma quantidade de energia. A palavra [“excitação”] é, na verdade, um termo qualitativo. Os fisiologistas assumiam, e ainda assumem, que a excitação é o resultado ou indicador de trocas de energia. Na medida em que a relação entre elas é desconhecida, a linguagem científica mais cautelosa fala em “excitação”, mas quer dizer “energia”. Pelo menos é assim com Breuer. (p. 343, tradução livre)

De todo modo, havia uma clara exigência de se pensar a racionalidade dos processos segundo os moldes da ciência física, como representante da ciência moderna desde Galileu. Com Canguilhem (2009), podemos aventar a hipótese de que isso caracterize um caso de “ideologia científica”.⁴⁵

Talvez por isso, então, tanto Breuer quanto Freud são levados a dividir o campo dos fenômenos histéricos entre “somático” e “psíquico”, sem que esse dualismo seja objeto de uma reflexão tão criteriosa.⁴⁶ A leitura nos permite ver como tais categorias estão mais ou menos naturalizadas em seus discursos. O lado afetivo corresponderia, justamente, ao âmbito das substâncias corpóreas e de suas excitações, que eram pensadas através do modelo energético da dinâmica;⁴⁷ de um outro lado, estariam as manifestações “mentais”, isto é, as representações/ideias [*Vorstellungen*] que seriam concomitantes, contíguas, correlatas, àquelas excitações. Essas últimas não estavam compreendidas na racionalidade da física. A divisão entre elas é tão verdadeira quanto a necessidade que os autores vêm de dar a uma e a outra designações à parte. Esse paralelismo é um dos problemas epistêmicos centrais de *Estudos sobre a histeria*. Mas ele se estende à maioria das concepções iniciais de Freud sobre um suposto “aparelho psíquico”, essas que, não obstante, darão origem aos primeiros esquemas racionais sobre os quais a psicanálise irá se erigir e fundar suas propostas de intervenção.

Portanto, se dissemos que esses primeiros esquemas racionais trazem como fato central o desejo, depreende-se que esse dualismo é também muito importante na determinação desse conceito no discurso freudiano. Retornaremos a essa problemática nos próximos capítulos.

Voltando a *Considerações teóricas*, a questão é o lugar a ser atribuído por cada uma dessas dimensões, afetiva ou ideativa, na lógica do determinismo etiológico dos sintomas histéricos. Em último caso, já que estavam divididas, era preciso pensar que, do ponto de vista causal, uma delas se subordinava ao domínio da outra. Ou, então, que havia uma espécie de mútua determinação, em que ambas se enodariam, o que era o mesmo que conceber um terceiro domínio ao qual as duas estariam submetidas. Durante a leitura, ficamos com a nítida impressão de que Breuer opta pela primeira opção, tomando o determinismo orgânico como limite racional de seu argumento, considerando as ideias, os pensamentos, as representações, como meros epifenômenos⁴⁸ da causalidade original.⁴⁹ Freud não nega o determinismo orgânico, mas procura colocar ênfase sobre a causalidade psíquica, sobretudo na tentativa de formular um tratamento possível dos sintomas neuróticos. Ademais, era preciso compreender o fato de que os sintomas podiam ser tratados por uma intervenção “psicológica”, isto é, pelas associações da fala e pela influência (sugestão) da fala de outrem. Aqui, vale nos remetermos a um texto escrito por Freud (1996c) em 1890, cujo título é *Tratamento psíquico* [ou *anímico*], onde ele aborda de forma explícita essas questões:

‘Psyché’ é uma palavra grega e se concebe, na tradução alemã, como *alma*. Tratamento psíquico significa, portanto, *tratamento anímico*. Assim, poder-se-ia pensar que o significado subjacente é: tratamento dos fenômenos patológicos da vida anímica. Mas não é este o sentido dessas palavras. ‘Tratamento psíquico’ quer dizer, antes, tratamento que parte da alma, tratamento – seja de perturbações anímicas ou físicas – por meios que atuam, em primeiro lugar e de maneira direta, sobre o que é anímico no ser humano. [...] A relação entre o físico e o anímico (tanto nos animais quanto no ser humano) é recíproca, mas o outro lado dessa relação, o efeito do anímico no corpo, encontrou pouca aceitação aos olhos dos médicos em épocas anteriores. Eles pareciam temerosos de conceder uma certa autonomia à vida anímica, como se com isso fossem abandonar o terreno da cientificidade. (pp. 275-276, destaques do autor).

Vemos como é inequívoco o fato de que Freud é levado, senão por convicção, por método, a traçar uma divisão entre corpo e alma, e pensar a causalidade a partir dessas duas dimensões paralelas,⁵⁰ dando ênfase aos processos anímicos em se tratando da etiologia dos sintomas neuróticos.

Assim, dizer que o sintoma é a “expressão” de algo (que algo se “expressa” no/através do sintoma) – seja esse algo o “trauma”, a “lembrança da vivência traumática”, um “afeto”, um “afeto ideativo” ou uma “ideia investida de afeto” – deve ter, pelo enquadre dualista acima apresentado, dois sentidos distintos. O primeiro deles entende essa “expressão” como uma categoria do movimento, da dinâmica, da física, tomando, para isso, o aparelho neurológico como o limite último da racionalidade causal dos processos que dizem respeito às manifestações da alma, e devendo ser pensado segundo a forma que lhe compete (isto é, o da ciência moderna, positivista). Essa perspectiva toma os fenômenos ideativos e as representações mentais às quais se associam os sintomas como meros epifenômenos. O segundo sentido é, de uma certa forma, a inversão desse primeiro raciocínio. Traçando o caminho retroativo a contar do sintoma, o acento das determinações causais recairia agora sobre o mecanismo ideogênico, ou, próprio à dimensão ideativa, que estaria por trás dos fenômenos histéricos, sendo o aumento de excitação, concomitante a isso, apenas seu efeito contíguo, isto é, produto.

Mas para que nossa interpretação fique mais clara, vejamos como essa diferença entre os dois sentidos da compreensão do sintoma como “expressão” é ilustrada por trechos do próprio texto. Abaixo, uma passagem do final do subcapítulo “A excitação tônica intracerebral – os afetos” das *Considerações teóricas*, em que Breuer (2016b) expõe seu entendimento da natureza por trás dos fenômenos histéricos:

Todos os afetos intensos prejudicam a associação, o curso das ideias. Fica-se ‘insensato’ de cólera ou de pavor. Apenas aquele grupo de ideias que provocou o afeto persiste na consciência com intensidade máxima. Contudo, os afetos ‘ativos’, ‘astênicos’, compensam o aumento de excitação por meio de uma descarga motora. O gritar e saltar de alegria, o tônus muscular aumentado da cólera, o discurso irado e a ação retaliativa permitem à excitação escoar em movimentos. A dor psíquica a descarrega em esforços respiratórios e em um ato secretor: o soluçar e o chorar. Que essas reações diminuam e apaziguem a agitação é fato da experiência cotidiana. Como já observamos, a linguagem exprime nas palavras ‘desafogar o choro’ (*sich ausweinen*), ‘desafogar a raiva’ (*sich austoben*) etc.; o que é então despendido é precisamente a excitação cerebral aumentada. **Apenas algumas dessas reações são apropriadas, possibilitando que algo se modifique na situação, como ocorre pela ação e pela fala coléricas. As outras são completamente inúteis, ou antes, não têm outro fim que o de compensar o aumento da excitação e estabelecer o equilíbrio psíquico.** Ao fazê-lo, servem à ‘tendência de manter constante a excitação cerebral’. Aos afetos ‘astênicos’ do pavor e da angústia falta essa descarga reativa. O pavor paralisa diretamente tanto a motilidade como a associação, e a angústia age da mesma forma quando a causa do afeto de angústia e as circunstâncias excluem a única reação adequada, a fuga. A excitação do pavor só desaparece por compensação gradativa. A cólera apresenta reações adequadas, correspondentes a suas causas. Se elas são impossíveis ou veem-se inibidas, outras as substituem. A vociferação já

constitui um sub-rogado desse tipo. Mas também outros atos, inteiramente despropositados, as substituem. **Quando Bismark precisa reprimir sua exaltação colérica diante do rei, alivia-se arremessando ao chão um vaso precioso. Essa substituição voluntária de um ato motor por outro equivale integralmente à dos reflexos de dor naturais por outras contrações musculares; numa extração de dente, o reflexo pré-formado é empurrar o dentista e gritar. Se, em vez disso, contraímos os músculos do braço e comprimimos o espaldar da cadeira, transferimos de um grupo de músculos para outro o quantum de excitação desencadeado pela dor.** (pp. 285-266, destaques nossos)

Breuer encontra, na ideia de afeto, o corolário central do núcleo traumático e, portanto, do elemento fundamental a ser identificado na base dos sintomas histéricos. No limite, o que seria “expresso” pelo sintoma, no sentido que explicamos acima, é o afeto. Nessa parte do texto, Breuer esforçava-se para desenvolver a ideia de afeto (vale dizer, à sua maneira) remetendo-o a uma resposta quase prefigurada do organismo. Trata-se de um raciocínio claramente evolucionista, possivelmente engendrado pelos princípios darwinianos da expressão e derivação da emoção, citados também por Freud nos casos de Emmy von N⁵¹ e de Elizabeth von R⁵² daquela publicação. Somente o instinto poderia conceber um modelo em que há respostas “adequadas” ou “inadequadas” à realização da descarga pelo sistema nervoso, como reações biologicamente predeterminadas do organismo a acontecimentos específicos. Evidentemente, isso faz com que também o sintoma apareça, assim, meramente como uma “reação” e, podemos até mesmo pensar, um “reflexo” do organismo. No limite, nessa acepção, ele seria um modo de escoar o excedente de excitação advindo no momento traumático, mas um modo imperfeito, haja vista que a produção de um estado particular de consciência teria impedido a reação adequada. Mas ele não deixa de ser a expressão, primária ou secundária, de modelos prefigurados de supostas reações biológicas (o que acontece no corpo existiria, antes, como potencialidade biologicamente determinada). Essas reações refletiriam o curso mesmo de energia que mobilizaria reflexos, estímulos e contrações do corpo, hipótese que surge provavelmente como derivado direto da observação de ataques histéricos.

Essa perspectiva fica ainda mais evidente quando Breuer compara a “expressividade” dos sintomas, isto é, a “expressão” dos afetos no corpo histérico, com a contração involuntária e desordenada de um lactente:

As ações motoras em que normalmente se descarrega a excitação dos afetos são ordenadas e coordenadas, ainda que amiúde sem propósito. Mas uma excitação exorbitante pode contornar os centros de coordenação ou rompê-los e escoar em movimentos elementares. Nos lactentes, além do ato respiratório de gritar, **são efeito e expressão do afeto** apenas aquelas contrações

musculares incoordenadas, o arquear-se e o espernear. Com o desenvolvimento, a musculatura submete-se cada vez mais ao domínio da coordenação e da vontade. Mas o opistótono que representa o máximo de esforço de toda a musculatura do corpo, e os movimentos clônicos de debater-se e espernear permanecem, ao longo da vida, a forma de reação para a excitação cerebral máxima – tanto para a excitação puramente física do ataque epilético como para a descarga de afetos máximos sob a forma de convulsão mais ou menos epileptoide (a parte puramente motora do ataque histérico). (Breuer, 2016b, p. 289 e 290, destaques nossos)

Breuer chega a comparar a “excitação afetiva”, e, portanto, o mecanismo da histeria, com o de um animal enjaulado que, não podendo fazer movimentos ou viver instintivamente, fica a movimentar-se de um lado para o outro no interior de sua prisão. (Breuer, 2016b, p. 278) Esse seria, para ele, o modelo da “conversão” histérica. Como ele diz na citação acima, o desenvolvimento normal do animal humano é a submissão progressiva do curso de sua afetividade ao cálculo de uma ordenação consciente, da “vontade”. Além disso, a evolução natural o teria dotado de atividade do pensamento, que seria, nessa espécie, a reação “adequada” para a descarga (a associação e resolução através do pensamento) das excitações das situações vividas por seus indivíduos (um argumento bastante moderno e “iluminista”). Durante estados hipnoides, entretanto, nenhuma delas seria possível. Assim, os afetos continuariam a agir, e a expressar-se sob a forma de sintomas enquanto reações inadequadas. Ao longo do texto, são vários os momentos em que Breuer insiste em ressaltar a primazia da causalidade afetiva e reflexa do sistema nervoso, em detrimento daquela que seria puramente ideativa:

Também não se pode rejeitar a possibilidade de haver um ataque convulsivo puramente motor, independente de qualquer fator psíquico, no qual apenas a massa de excitação acumulada por adição se descarrega, exatamente como a massa de estímulos causada por modificações anatômicas, no ataque epilético. Esta seria a convulsão histérica não ideogênica. (Breuer, 2016b, p. 346)

Com efeito, o termo “conversão” foi cunhado por Freud para designar a capacidade de transposição da “energia” do campo das ideias para uma excitação somática direta. E devemos reconhecer que, nesse ponto, Freud e Breuer estão muito próximos. Mas mesmo esse aspecto da questão demonstra desenvolver-se de modo diferente, ilustrando o contraste entre o pensamento dos dois. Com efeito, esse conceito é encontrado pela primeira vez no caso de Frau Emmy von N... em *Estudos sobre a histeria* (Freud, 2016), e em *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 2023c). Ele tem, de início, sobretudo uma conotação econômica, da energia que se desprende da representação recalçada e é transposta ao corpo.⁵³ Mas, como nos apontam

Laplanche e Pontalis (1967, “*Conversion*”), “Essa interpretação econômica da conversão é, em Freud, inseparável de uma concepção simbólica”, a ponto de Freud dizer, ainda em *Estudos sobre a histeria*, que os sintomas “falam”. Ademais, dizem os autores, há também o fato de que esse seria o ponto de diferenciação, por excelência, entre a histeria e as “neuroses atuais”,⁵⁴ sem o que seria confundida com essas últimas. O sintoma histérico, para Freud, tem algo de sumamente psicológico. Ele “entra no tratamento”. Ele literalmente “quer dizer” alguma coisa, como sugere o jargão da interpretação psicanalítica (“com isso, você quer dizer que...”).

Essa diferença ou ênfase do pensamento de Freud já está expressa desde o texto de 1888, sete anos antes da publicação de *Estudos sobre a histeria*, quando Freud (1996a) escreve o verbete *Histeria* para a enciclopédia médica organizada por Albert Villaret. Ali, lê-se que:

O tratamento direto consiste na remoção das fontes psíquicas que estimulam os sintomas histéricos, e isto se torna compreensível se buscarmos as causas da histeria da vida ideativa inconsciente. (p. 93)

Mas é verdade que o caso de Emmy von N., citado acima, dificilmente poderia figurar aqui como exemplo. Foi um dos primeiros casos que Freud atendeu, em 1889, e, segundo suas próprias palavras, “o primeiro caso em que empreguei o procedimento catártico em larga medida” (Freud, 2016, p. 154).⁵⁵ Isso faz com que seu tom seja marcadamente breueriano. Ali, a interpretação freudiana de sua paciente segue estritamente a lógica de Breuer, analisando sua vertente ideativa por uma lógica da contiguidade do momento traumático; no que a leitura do caso, comparado com qualquer outro que Freud tenha apresentado, nos provoca um sentimento de estranheza, como se o trabalho de interpretação não tivesse sido concluído. De todo modo, ao falar sobre ele em 1892, Freud (2023a) já nos faz ver o sentido que a ideia de conversão toma em seu pensamento e no de seu colega. Ele cita ali dois exemplos, duas análises de sintomas histéricos. Uma delas, de Breuer, no caso de Anna O., e a outra, do caso de Emmy von. N.:

Por todo o período da doença, a mencionada paciente de Breuer teve uma contratura do braço direito. Na hipnose verificou-se que, no tempo em que ainda não estava doente, ela tinha sofrido o seguinte trauma: estava sentada, meio adormecida, junto ao leito do pai enfermo, e seu braço direito ficou pendendo por trás do encosto da cadeira, o que o deixou dormente. Nesse instante ela teve uma pavorosa alucinação, a qual tentou afastar com o braço, sem conseguir. Assustou-se bastante com isso e, momentaneamente, a coisa terminou ali. Apenas com a irrupção da histeria lhe veio a contratura do braço. Em outra paciente, observei um peculiar estalo da língua no meio da fala, semelhante ao grito do galo silvestre. Há meses eu conhecia esse sintoma dela e o tomava por um tique. Apenas quando casualmente me informei sobre a

origem dele, durante a hipnose, verificou-se que o ruído havia aparecido pela primeira vez em duas ocasiões em que ela tivera a firme intenção de se manter absolutamente quieta: certa vez, quando cuidava do filho gravemente doente [...], ele havia acabado de adormecer e ela procurou não fazer ruído nenhum que o despertasse. Mas o temo disso transformou-se no ato (contravontade histérica!) e, comprimindo os lábios, ela fez aquele estalo com a língua. (p. 39)

Nota-se muito claramente, por esse trecho, como Breuer encara o trauma como surgindo de uma alucinação, que não é questionada de modo algum em seu conteúdo, por ser simplesmente entendida como um efeito colateral da ocorrência de um estado hipnoide; enquanto Freud já enxergava no núcleo patógeno, expresso então pelo sintoma, algo tão singular como *uma intenção*, ideia essa muito bem representada pela noção de “contravontade histérica”. Para esse último, então, o sentido do sintoma não era reduzido simplesmente à descarga biológica reflexa prefigurada da excitação intracerebral. Ele era, também, e talvez sobretudo, a repetição da realização dessa vontade reprimida. É por isso, ademais, que já no final de *Estudos sobre a histeria*, Freud fala não em “trauma psíquico motivador” [*veranlassenden psychischen Traumas*], “vivências” [*Erlebnisse*], “lembranças patogênicas” [*pathogenen Erinnerungen*], como elemento causal fundamental dos sintomas histéricos, mas em *motivos ocultos inconscientes* [*verborgener unbewusster Motive*] (Freud, 2016, p. 412). O termo *Motiv*, em alemão, tem o mesmo sentido de “motivação”, em português, como por exemplo na frase: “*aus welchen **Motiven** heraus mag er das getan haben?*” [por quais **motivos** teria ele feito isso?].

No caso de Elizabeth von R., atendido por Freud em 1892, ele demonstra liberdade e originalidade em seu pensamento clínico, muito diferente daquele primeiro, de Emmy von N. Nessa época, ele aplicava inclusive um método diferente, o método da sugestão, criado a partir de sua experiência com outros casos. Ali, Freud aborda da seguinte forma o sintoma de sua paciente:

Nessa relação [seu primeiro amor] e na cena à qual levou, acima mencionada, eu devia então procurar a motivação [*Verursachung*] das primeiras dores histéricas. O contraste entre a felicidade que ela então se permitiria e a miséria do pai, que encontrou em casa, produzira um conflito, um caso de incompatibilidade. Como resultado, a ideia erótica reprimida da associação e o afeto a ela aderido foi utilizado no aumento e reanimação de uma dor corporal simultaneamente (ou pouco antes) presente. Era, pois, o mecanismo de uma *conversão com propósito de defesa*, tal como tratei pormenorizadamente em outro lugar [nota de rodapé: *Neurologisches Zentralblatt* (as neuropsicoses de defesa), n. 1, junho de 1894]”. (Freud, 2016, p. 211, destaques do autor)

Veja-se que, como dissemos, para Freud, o ponto causal de origem dos sintomas está relacionado com um conflito que tem suas determinações em um âmbito ideacional. Muito embora esse conflito corresponda a um aumento de excitação – “intracerebral”, como diz Breuer –, e por isso desencadeie um mecanismo biológico de defesa, esse processo está submetido desde o início às causalidades do campo ideativo. Se não às causalidades, às vicissitudes do que acontece no pensamento. Assim, o significado das representações não é apenas relevante, para Freud, mas determinante, no que diz respeito à causalidade que deflagra os processos histéricos. Os sintomas são a expressão dessa determinação de estatuto ideativo, antes que possam ser qualquer expressão da primazia orgânico, evolutivo ou reflexo das excitações do corpo.

Para Breuer, ao contrário, não havia nada que fizesse supor que aquelas ideias e pensamentos tivessem, em si, por seu conteúdo, qualquer coisa de especial. Segundo o esquema racional que estruturava seu pensamento, isso parecia desnecessário. Tendo se espelhado na vertente do estado afetivo provocado pela hipnose, o raciocínio sugeria que assim como a formação dos sintomas no caso experimental poderia partir de qualquer representação que o hipnotizador “sugerisse”, desde que essa sugestão fosse feita no estado particular da consciência hipnoide, assim também o conteúdo ideativo da auto-sugestão não parecia ter poder de determinação causal.

Vejam os um outro trecho do caso de Elizabeth von R., que ilustra, em contraste com isso, o espírito e a tendência do pensamento de Freud:

Para o médico, a confissão da paciente significou inicialmente uma grande decepção. Era uma história de doença constituída de comoções psíquicas banais, a partir da qual não se esclarecia por que a afetada teve que adoecer de histeria nem por que a histeria tomara precisamente a forma de dolorosa abasia. Não elucidava a causa [*Verursachung*] nem a determinação da histeria em questão. Podia-se talvez supor que a doente estabelecera uma associação entre suas dolorosas impressões psíquicas e dores corporais que sentira casualmente à mesma época, e agora, em sua vida relembra, utilizava a sensação corporal como símbolo da psíquica. Que motivo [*Motiv*] teria porventura para essa substituição e em que momento ela se consumou, isso permaneceria por esclarecer. Estas eram perguntas, de fato, cuja formulação até o momento não era habitual entre os médicos. Costumavam se contentar com a resposta de que a doente era uma histérica por constituição, que, sob a pressão de intensas excitações *de natureza qualquer*, pôde desenvolver sintomas histéricos. (Freud, 2016, p. 207)

Fica muito evidente, por esse trecho, como Freud não se contentava com a explicação que fazia da forma específica do sintoma uma expressão da mera adjacência de um evento qualquer contíguo ao momento do trauma afetivo, entendido como produção de um excesso de excitação intracerebral. Aliás, o próprio momento de intensidade afetiva é, aqui, um tanto diminuído quanto à sua potencialidade de formar sintomas histéricos. Freud diz explicitamente que o fato da paciente ter passado por traumas e emoções intensas não fornece ao clínico *o motivo* do sintoma – isso que é precisamente o que busca um médico que investiga sua etiologia (o que prova o argumento da primazia da dimensão ideativa em seu raciocínio).

Freud, embora não negligencie as determinações puramente biológicas, não as tem como guia de seu raciocínio causal, ou como ponto de partida primeiro de onde tudo se irradiaria.⁵⁶

Se Charcot ou Breuer têm em comum o fato de enxergarem a encenação de um “drama pessoal” (Trillat, 1991, p. 144) no sintoma histérico, eles simplesmente não veem necessidade de dar um passo além, como faz Freud, e tomar o conteúdo desse drama como um registro pleno de valor em si. É certo que, para ambos, a manifestação sintomática tem relações representativas com o momento de sua gênese – o sintoma remete direta ou indiretamente à atividade psíquica (ideias, pensamentos) de sua formação. Contudo, são relações de mera contiguidade dos traços de memória que excitaram o aparelho neurológico em momento de particular sensibilidade e que permaneceram enquanto registros anatômicos. Acima, citamos um trecho de Charcot em que ele diz que uma ideia traumática que se estabelece de forma autônoma ao abrigo de qualquer crítica, assume, por essa razão mesma, “uma força e um poder de realização, por assim dizer, sem limites”. Mas essa “realização” não guarda, sob nenhum aspecto, o mesmo sentido que a afirmação freudiana, por exemplo, de que o sonho ou o sintoma (quando traduzidos) são *a realização de um desejo*. Ou, como dizíamos, de que o sintoma é a *expressão* de um conflito psíquico (histeria de defesa). A realização, para Freud, é uma *realização subjetiva* – como vimos acima pelo exemplo de uma *intenção* por trás do sintoma –, que implica um processo de intencionalidade. Ou melhor, vários níveis de intencionalidade. Ao contrário, o raciocínio puramente fisiológico fazia com que Charcot e Breuer não tivessem opção senão encarar os elementos que pertenceriam à esfera “psíquica” apenas como epifenômenos. Caso contrário, seria necessário encontrar lugar para eles entre as determinações causais primárias.

Esses autores poderiam ser acusados de não disporem de um pensamento psicológico. Como se, por uma inclinação positivista, tivessem obliterado a dimensão “subjetiva”. Mas isso tampouco parece acurado. Na verdade, esse é um tema típico da argumentação psicanalítica,

que coroa Freud por ter supostamente incluído o psíquico no rol das necessidades ou possibilidades de determinação causal da medicina. Contudo, isso implicaria atribuir a Freud a fundação da psicologia, e a psicologia já existia muito antes dele, tendo, inclusive, lhe servindo de inspiração. Tomar Freud como psicólogo, ou como tendo inaugurado o pensamento psicológico no interior da medicina, parece antes um novo equívoco.

A questão a ser destacada, então, não é nem que não existisse psicologia nos naturalistas, como Charcot e Breuer, mas criticar a categoria mesma de “psíquico”, enquanto fazendo parte de um dualismo que deriva de uma certa tradição epistêmica que leva o pensamento para alguns impasses típicos. O próprio Freud é o primeiro a se debater com as categorias advindas de uma tal divisão. No texto *Considerações sobre um caso de neurose obsessiva* (Freud, 2013, p. 11), por exemplo, ele confessa abertamente sua dificuldade em conceber, justamente, o “salto” entre o psíquico e o somático, característico dos fenômenos histéricos.⁵⁷ Algo que nos lembra as dificuldades introduzidas por Descartes com a teoria da glândula pineal.

No mais, embora reduzido ao orgânico, devemos reconhecer a presença do “psíquico” em ambos Charcot e Breuer (talvez com o mesmo sentido que ele tem em Freud). Só que, em seus raciocínios etiológicos, por acentuarem um lado ou o outro, os impasses inerentes a essa divisão dualista aparecem de forma diferente.

Assim, para esses autores, a relação representativa (isto é, psíquica) entre o sintoma e as ideias que estavam por trás de sua gênese (e que, no limite, eram responsáveis por sua manutenção)⁵⁸ era meramente de evocação, no sentido da ativação, represamento/fixação (por causa dos estados neurológicos em que haviam acontecido) ou contiguidade do funcionamento neurológico, na medida em que estavam ultimamente determinadas pela dinâmica neuronal. O sintoma não tinha nenhum sentido que seria transmitido pela manifestação de seu conteúdo representativo, assim como não tinham também nenhum sentido especial os pensamentos que o originaram.

Tomemos o caso de Anna O., por exemplo, mais especificamente um trecho em que Breuer (2016a) fornece a explicação de um de seus sintomas:

Certa vez, em grande angústia pelo pai altamente febril e na tensão da espera, pois aguardavam um cirurgião de Viena para operá-lo, não dormiu durante a noite. Sua mãe se afastara por um instante e Anna estava sentada junto ao leito do enfermo, o braço *direito* pousado sobre o espaldar da cadeira. Caiu num estado de sonho acordado e viu como, vindo pela parede, uma serpente negra se aproximava do pai para mordê-lo. (É muito provável que, no gramado atrás da casa, realmente houvesse algumas serpentes, com as quais a menina já se tivesse sobressaltado antes e que agora forneciam o material da alucinação.)

Quis rechaçar o animal, mas estava como que paralisada; o braço direito, pendente sobre o espaldar da cadeira, ficara “adormecido”, insensível e parético e, quando o observou, seus dedos transformaram-se em pequenas serpentes com cabeça de caveira (as unhas). Provavelmente tentara afugentar a serpente com o braço direito paralisado e, com isso, a anestesia e a paralisia se associaram à alucinação da serpente. (p. 64, destaques do autor)

Fica claro como, para Breuer, o sintoma repete as condições do momento traumático, ou, então, suas marcas; mas elas, em si, não querem dizer nada ao médico. Esse último deve cumprir apenas eliminá-los por ab-reação através do método que ele chama “catártico”, e assim fazer periodicamente de modo a conseguir manter a condição de saúde da paciente (pois somos levados a pensar que, sendo um dado hereditário, fatalmente mais traumas se irão produzir devido à ocorrência dos estados hipnóides). Breuer jamais questiona a origem simbólica ou o fato da ocorrência de uma fantasia alucinatória daquele tipo, naquele momento. O âmbito das produções psíquicas não interessa, na medida em que ele não tem poder de determinação no esquema causal do quadro patológico. A “associação” a que Breuer acima se refere é uma associação por contiguidade, tais imagens não têm valor em si mesmas. O simbolismo é um epifenômeno do trauma, ocasionado pelas condições de excitação, e não o inverso.

O conteúdo do material psíquico, em si, não é levado em consideração na tentativa de desvendar a razão por trás da existência, manutenção e “realização” do sintoma histérico. Ao introduzir o caso de Anna, Breuer (2016a) diz:

Essa garota de vitalidade intelectual transbordante levava, no seio da família de tendência puritana, uma vida extremamente monótona, que ela embelezava de um modo provavelmente decisivo para sua doença. Cultivava sistematicamente o devaneio, que denominava ‘teatro particular’. Enquanto todos a julgavam presente, ela vivia contos de fadas no pensamento [...]. Mais tarde, terei de relatar como esses devaneios habituais da jovem saudável transformaram-se diretamente em doença. (p. 41, destaques do autor)

A atividade imaginativa da garota era tomada por seu aspecto puramente quantitativo, da intensidade dos afetos e de sua interferência no funcionamento normal das condições cerebrais. Anna, “em suas ausências durante o dia, [...] estava sempre criando alguma história ou situação” (Breuer, 2016a, p. 51). Freud certamente teria relacionado isso às fantasias e à atividade psíquica enquanto fator etiológico; teria tentado entender a lógica que as compunha e que mantinha o sintoma enquanto expressão ou realização. Mas, para Breuer, as fantasias, embora não irrelevantes para o caso, não tinham, por seu conteúdo, nenhuma relação direta com a sua disposição histérica ou com o que causava, por si mesmas, o sintoma, que deveria ser uma

singularidade da constituição do sistema nervoso. A paciente era uma grande sonhadora, o que certamente não era favorável para seu quadro, já que muitos devaneios produziam e podiam ocorrer em estados hipnóides, gerando sintomas histéricos. Poderíamos pensar, nesse cenário, que se fosse mais conformada, menos criativa, pouco imaginativa, teria menos sintomas. Mas a imaginação de Anna, embora “incurtida” ideativamente nos sintomas, nunca é pensada como sendo por eles *expressa* ou *realizada*, como será em Freud. Isto é, como índice de uma atividade independente, em si. É essa atividade subjacente ao sintoma que resultará no conceito de desejo, consolidando-se assim a partir de 1899. Como veremos, Freud não abandona nunca o raciocínio científico-naturalista. Contudo, pretendemos mostrar como a vertente hermenêutica do desejo torna-se progressivamente hegemônica.

Talvez possamos dizer que o “simbolismo” dos sintomas, nesse primeiro momento, está ligado sumamente a uma contiguidade,⁵⁹ no sentido da contiguidade da ideação (como epifenômeno) com o aumento da excitação, traumática.⁶⁰ E, como o esquema é organizado sob a forma de um paralelismo, o sintoma, entendido como expressão desse excedente de afeto, acabaria também por veicular as condições simultâneas do plano ideativo do momento de sua gênese. Por isso faz sentido pensar as representações, nessa perspectiva que enxerga apenas a matéria neurológica e suas interações físico-biológicas, como meros engramas, traços neutros de memória que se traduzem em registros neuronais. A ativação da excitação, do afeto, despertaria também, por simultaneidade, suas memórias. (Essa lógica, vale dizer, também nos faz pensar em uma concepção específica de “memória”, que mereceria um trabalho à parte).

Para Freud, entretanto, com a ideia de “defesa psíquica”, as coisas se passam de forma um pouco diferente. Desde o início, o esquema freudiano concebe que a natureza traumática de uma vivência e, por consequência, a formação dos sintomas neuróticos, estão ligados diretamente a um aspecto próprio ao plano das ideias em si. E que, se uma dessas ideias é isolada do domínio da consciência, isso se deve *a um conflito psíquico*.

Nos doentes por mim analisados, houve saúde psíquica até o momento em que *sucedeu um caso de incompatibilidade em sua vida representacional*, isto é, até que o seu Eu se defrontou com uma vivência, uma representação ou sentimento que despertou um afeto tão doloroso que a pessoa decidiu esquecer aquilo, pois não acreditava ter a força de resolver a contradição entre essa representação intolerável e seu Eu mediante o trabalho do pensamento (Freud, 2023c, p. 52, destaques do autor)

Evidentemente, o afeto, que depois será relacionado ao sentimento de “desprazer”, tem papel fundamental no desencadeamento do mecanismo da defesa. Mas isso enquanto correlato

de seu teor representacional. Pois, no fundo, é *a relação entre duas ideias que produz o afeto que faz com que se inicie o processo de defesa.*

É nesse sentido que, para Freud, o sintoma *expressa/realiza* o elemento reprimido do trauma: ele o realiza de forma simbólica, por impossibilidade de que esse elemento seja realizado efetivamente na consciência, dado o conflito que gera. Claro, essa é uma concepção que vai aos poucos tomando forma nos primeiros anos da teoria, mas que é fundamental para a constituição da psicanálise. Para Freud, os sintomas funcionam sobretudo por *substituição* ideativa, e não simplesmente por contiguidade ou simultaneidade ao campo de determinação das quantidades. Eles são metáforas do pensamento reprimido. O foco central recai não simplesmente sobre as meras condições ideativas da gênese do sintoma, isto é, do momento traumático, mas sobre *uma verdadeira atividade ideativa que se supõe subjazer à atualidade da realização do sintoma, que é por esse substituída simbolicamente.* E que nem por isso deixa de continuar se realizando, mesmo que de forma “substitutiva” ou “parcial”.

Podemos dizer, assim, que Freud reconhece no trauma um desejo. Esse último parece levá-lo a considerações diretas sobre a atividade subjetiva que contrastam com a passividade da matéria biológica na situação traumática. O termo “trauma” vem da medicina ortopédica. Sua etimologia é grega e significa “ferida”. Na medicina, essa ideia refere-se às perturbações causadas por uma lesão física, segundo o raciocínio do choque entre corpos e das leis de conservação de energia, o que é bastante compatível com a lógica breueriana do mecanismo de ab-reação.

Nesse caso, entretanto, não há possibilidade de interpretação, apenas de revivência/reprodução do afeto e da vivência, como os autores dizem em *Estudos sobre a histeria*. A ab-reação representa o expurgo quase motor da quantidade de energia não ab-reagida. Trata-se de uma influência flagrante do pensamento newtoniano sobre o raciocínio fisiológico.

Em contrapartida, a partir do momento em que Freud *interpreta* o desejo no sintoma, ele altera o estatuto epistêmico de sua ação. Ele faz surgir uma atividade subjetiva. E convoca, inclusive, esse novo sujeito – que não pode ser um cérebro – a reconhecer a si mesmo na interpretação. Não apenas a conhecer um fato enquanto observador, mas a reconhecer, no sentido das palavras do analista, sua própria intencionalidade.

CAPÍTULO 2: A METAPSICOLOGIA E O DESEJO

*Já está há muito resolvido pela física
que a natureza não tolera o vazio.*
(Dostoiévski)⁶¹

Se acompanharmos o desenvolvimento dos textos freudianos até 1900, período que compreende o recorte de nossa pesquisa, perceberemos que o conceito de desejo se articula em duas frentes paralelas no trabalho de Freud. Por um lado, como parte do testemunho de uma experiência clínica, na qual o autor relata compreensões de casos e interpretações/intervenções que efetivamente realizou com seus pacientes; por outro, o desejo também é um dos eixos fundamentais de suas tentativas de erguer um sistema teórico. Em cada um desses casos, o “desejo” assumirá formas diferentes. É claro que há uma intersecção importante entre essas duas áreas de atividade, mas defendemos que elas devem ser divididas metodicamente na trajetória inicial freudiana, pois cada uma resulta em consequências filosóficas próprias.

Provavelmente, essa divisão acontece porque essas realmente são atividades distintas. Na especulação teórica, Freud coloca-se como observador de uma estrutura de leis naturais as quais pretende deduzir a partir dos dados de sua experiência. Na situação clínica, em que Freud interpreta a fala de um paciente, entretanto, ele próprio se insere no jogo de causas que irão determinar os fatos dessa experiência.

Neste capítulo, abordaremos a primeira dessas duas frentes: a metapsicologia. Para isso, iremos analisar o *Projeto de uma psicologia* [*Entwurf einer Psychologie*],⁶² texto escrito por Freud em 1895 que representa uma das primeiras e mais importantes tentativas de sistematização de sua parte.

Veremos como o sentido do “desejo”, na metapsicologia, é equívoco, e que isso reflete as tensões epistemológicas a partir das quais a própria metapsicologia se articula. Estamos acostumados a analisar o sistema freudiano como o resultado de uma intenção consciente e esclarecida de sua parte. Enquanto, na verdade, os dados historiográficos revelam uma vertente afetiva *constituente* do movimento de teorização descrito em sua obra (ao menos, nessa fase inaugural). Tal compreensão é fundamental para entendermos os sentidos assumidos pelos conceitos da metapsicologia, em especial o “desejo”. A seguir, então, percorreremos os detalhes

que nos levam a entender como o desejo é articulado no interior desse esforço teórico e quais as consequências conceituais dessa articulação.



Nos anos iniciais da obra freudiana, que compreendem principalmente a década de 1890, a experiência do *Projeto*^b tem papel central. O trabalho com o texto sucede a publicação de *Estudos sobre a histeria* e representa um distanciamento em relação a Breuer, tanto teórico como pessoal.⁶³ Sua escrita faz parte de um movimento de aproximação de Freud em relação a outra figura, a qual influi decisivamente sobre suas produções nessa época: Wilhelm Fliess.^c

Freud escreve o *Projeto* dirigindo-o pessoalmente a Fliess,⁶⁴ que contribui indiretamente em algumas de suas principais ideias. Isso acontece no furor de sua “auto-análise”, que era realizada sobretudo através da troca de correspondência entre os dois. As cartas que sobreviveram dessa experiência mostram como aquele trabalho tinha um caráter extremamente pessoal para Freud, e como, durante todo esse primeiro período de investigação, o desenvolvimento da teoria psicanalítica estava ligada à sua própria vida psíquica – e à pessoa de Fliess. Em um dos momentos em que Freud sente perda de ânimo e estagnação de sua produção teórica, ele escreve ao amigo dizendo:

[Carta de 07 de julho de 1897] Sei que, no momento, estou imprestável como correspondente, sem nenhum direito a pleitear coisa alguma, mas nem sempre foi assim e nem continuará sendo. Ainda não sei o que está acontecendo comigo. Algo proveniente das mais recônditas profundezas de minha própria neurose insurgiu contra qualquer progresso na compreensão das neuroses e, de algum modo, você foi envolvido nisso. Isso porque minha paralisia redacional me parece destinada a inibir nossa comunicação. (Freud, 1986, p. 255, 256)

O fim desse ciclo, como indicamos na “Introdução” desta pesquisa, culmina com a escrita de *Die Traumdeutung*,⁶⁵ esse que Freud considerava um produto direto de sua auto-

^b Para facilitar a leitura, iremos doravante nos referir ao texto *Projeto de uma psicologia científica* (Freud, 2003) simplesmente como “*Projeto*”.

^c A influência de Fliess nesse período da vida de Freud não se traduz tanto por uma influência teórica, como com Breuer, mas por uma profunda influência afetiva. Embora a relação com Breuer também tivesse representado um vínculo afetivo importante, a relação com Fliess é fundamental para uma transformação pessoal de Freud que culmina em seu processo de “auto-análise”, e que lhe permite formular as teses mais importantes e fundantes da psicanálise. Sobre isso, ver Peter Gay (1989) e Freud (1986).

análise. Coincidentemente, ela antecede quase imediatamente o rompimento das relações com Fliess, aquele que tinha sido, durante todo aquele tempo, seu “verdadeiro Outro”.

O *Projeto* nunca foi publicado, e é significativo que tenha sido descartado por seu autor, sendo destruído junto com seus outros documentos pessoais. Ele foi resgatado como parte dos arquivos de Wilhelm Fliess após a morte desse último, sob enérgicos protestos de Freud.⁶⁶

De forma geral, os autores são unânimes em atribuir a esse texto uma grande importância. Ele é considerado o esboço inicial onde ganham forma alguns dos mais importantes conceitos da teoria freudiana, e onde estão presentes muitos dos axiomas de seu pensamento. A descoberta do *Projeto* foi recebida com entusiasmo na comunidade psicanalítica, por fornecer o lastro que permitia compreender o raciocínio que deu origem a construções posteriores na teoria.⁶⁷

Entretanto, a maioria das críticas sobre o *Projeto* não leva em conta o contexto específico de sua escrita na trajetória pessoal de Freud, e contenta-se em resgatar o valor dessas primeiras elaborações metapsicológicas, como ruínas, relacionando-as com outros textos de sua obra posterior. É certamente um esforço importante. Mas, com isso, se reforça o conteúdo do texto em seu aspecto positivo, e tenta-se construir, retroativamente, o seu sistema de modo integral. Porque vários conceitos que ganham vida no *Projeto* surgem posteriormente em plena importância nas propostas psicanalíticas, e porque é necessário que essas propostas tenham embasamento que as justifique cientificamente, busca-se reestabelecer a lógica do sistema e demonstrar que, no fim, o texto apresenta um conjunto esclarecido e coerente de relações conceituais, produto de um esforço pensado e consciente por parte de seu autor. Ou, ao menos, que ele contém a possibilidade de sê-lo – como um protótipo. Por fim, chega-se mesmo a negar que Freud tenha realmente abandonado o *Projeto*.

Essa não é uma boa estratégia, pois exige que ignoremos muitos fatos sobre o texto, tanto históricos quanto formais. É verdade que Freud não abandona totalmente as formulações do *Projeto* – muito pelo contrário. O famoso capítulo teórico de *A interpretação dos sonhos*, escrito pouco depois, é um testemunho desse fato.⁶⁸ Entretanto, não é possível ignorar o caráter conflituoso que o trabalho assume para seu autor. No fim, como diz Strachey (1996a), “O projeto deve continuar sendo o que é: uma obra inacabada, renegada por seu criador” (p. 352).

De todo modo, não é necessário modificar a real experiência de Freud com o *Projeto* para que as construções posteriores conservem seu valor. Na verdade, ela convoca antes um espírito crítico da teoria psicanalítica com relação a suas bases, que jamais surgiria da simples afirmação cega do sistema freudiano, e que pode resultar em novas e profícuas linhas de

investigação. Em última instância, podemos compreender os aparentes desajustes do texto do *Projeto* como uma potência – e não como déficit – e creditar a eles tanto valor quanto suas formulações mais bem aceitas.

Em carta a Fliess durante esse período, referindo-se ao seu trabalho, Freud (1986) faz a seguinte citação de um poema de Ruckert: “Aquilo que não podemos alcançar voando, devemos alcançar mancando. O Livro nos diz que não é pecado mancar” (p. 148).⁶⁹ Em outra ocasião, logo após ter abandonado o *Projeto*, Freud reconhece seu fracasso de forma positiva, dizendo: “O melhor que se pode dizer a respeito, até o momento, é que ele merece o elogio *voluisse in magnis rebus*”. Essa expressão romana louva a ambição como uma virtude, que teria tanto ou mais valor do que as realizações concretas. Portanto, longe de encararmos a experiência de Freud com o *Projeto* como um grande fracasso, ela parece ter um lugar muito importante no interior de sua trajetória pessoal e teórica.

De nossa parte, acreditamos que o valor do *Projeto* deve ser buscado naquilo que constituiu sua própria experiência. Como diz Assoun (1981), “É na literalidade do discurso freudiano e na objetividade de seu meio que é necessário buscar o fundamento epistemológico, evitando projetar, nessa literalidade, toda construção que não esteja nela implicada”. (p. 8) Ele adverte: “Convém não reascender, pela sedução de uma formalização do saber freudiano, a tentação de completar/cumprir o legado freudiano” (p. 10)

2.1. A história do *Projeto*

Boa parte dos equívocos de interpretação do *Projeto* provém de uma incompreensão acerca de sua história. Por isso, é importante começarmos por ela.

Muitos autores consideram que o texto foi escrito por Freud entre setembro e outubro de 1895. No final de agosto, Freud e o irmão partiram em viagem para a Itália, passando depois por Berlim para visitar Fliess. Esse encontro teria dado ânimo a Freud para escrever seu manuscrito, o qual começara já no trem de volta para Viena:

[15 de setembro de 1895] Pouco antes de Teschen, abri minha maleta à procura de papel, pois estava escuro demais para ler, era cedo demais para dormir e eu estava considerando a ideia de escrever, da melhor maneira possível, o primeiro rascunho da psicologia. (Freud, 1896, p. 139)

[23 de setembro de 1895] Tenho-lhe escrito tão pouco apenas por estar escrevendo muitas coisas para você, ou seja, escrevendo aquilo que comecei

no trem: um relato sumário da $\varphi\psi\omega$, que você poderá usar como base para sua crítica e ao qual tenho dado prosseguimento em minhas horas de lazer e nos intervalos entre os atos de minha clínica médica, agora gradativamente maior. *Existe já um volume considerável – rabiscos, é claro*, mas, mesmo assim, uma base, segundo espero, para seus acréscimos, nos quais tenho grandes esperanças. (Freud, 1896, p. 140)

Como vemos, essas informações constam nas cartas que se seguem imediatamente à estada de Freud na Alemanha. Provavelmente são elas que levam Marie Bonaparte, Anna Freud e Ernst Kris (1950), em introdução à edição inglesa do texto, a dizer que:

O seguinte manuscrito foi criado no outono de 1895. A primeira e a segunda partes (p. 379 e segs.) foram iniciadas após encontrar Fliess, ainda no trem (carta de 23 de setembro de 1895; parte do manuscrito está escrita a lápis) [na volta de Berlim, quando fora visitá-lo] e (ver data no final do manuscrito) terminou em 25 de setembro. A terceira parte (pp. 439 e segs.) foi iniciada em 5 de outubro de 1895 (ver datas no início do manuscrito).

Simanke (2023) expressa uma avaliação semelhante em seu livro *Os primórdios da psicanálise*, isto é, que Freud teria começado o texto do Projeto “nos primeiros dias de setembro” (p. 17). Que depois, então, de ter encontrado Fliess em Berlim, na famosa volta do trem, teria escrito 4 páginas e meia; e que, nas semanas subseqüentes, tendo daí partido, teria escrito mais 96 páginas, enviando a Fliess, no dia 08 de outubro de 1895, o conjunto de 100 páginas que conhecemos hoje (pp. 17-18).

Entretanto, embora todas essas informações estejam corretas, elas dizem respeito apenas ao manuscrito do *Projeto* de que dispomos hoje, isto é, ao documento enviado a Fliess nessa data.⁷⁰ É importante lembrar que esse material histórico provém unicamente dos arquivos de Wilhem Fliess, coletados com sua esposa, Ida Bondy, por Marie Bonaparte, depois de sua morte.⁷¹ Todos os documentos que pertenciam a Freud foram destruídos, fossem eles seus rascunhos pessoais ou as cartas que recebia do amigo.

Na verdade, o fato de Freud ter se referido a esse documento como seu “primeiro rascunho” não significa que ele fosse, de fato, o primeiro rascunho. Vários outros elementos historiográficos sugerem uma história diferente do trabalho freudiano, e, muito provavelmente, naquele momento Freud se referia apenas ao primeiro rascunho de sua *versão final*. Nas cartas a Fliess, há menção de seu empreendimento desde abril de 1895. Até o fim do mesmo ano, são raras as ocasiões em que Freud se corresponde com Fliess sem mencionar o *Projeto*. Nessas

cartas, é possível entrever a importância daquilo para ele, e estimar a grande quantidade de tempo que Freud se dedicava ao trabalho. Assim, é altamente improvável que ele não tenha colocado nada no papel durante todo esse período.

Portanto, reduzir o *Projeto* à sua escrita “oficial”, que chega às mãos de Fliess em outubro de 1895, é retirar muito de sua complexidade e estreitar as possibilidades de compreensão desse trabalho – tanto em si mesmo, quanto entendido no interior da trajetória freudiana. Acreditar que todo o conteúdo ali contido teria saído da cabeça do autor em apenas algumas semanas também é superestimar muito a capacidade de uma elaboração daquela magnitude.

James Strachey (1996a) é um dos poucos que chama a atenção para uma temporalidade alternativa do *Projeto*. Em sua introdução ao texto, ele estabelece um resumo histórico que traduz parte do ritmo essencial de sua construção. A partir da correspondência de Freud com Fliess, Strachey busca identificar os elementos historicamente importantes do período em que o *Projeto* foi escrito. Esses elementos, presentes nas cartas que Freud remetia a Fliess, podem revelar importantes pistas interpretativas sobre o texto. Isso porque, ali, Freud expunha abertamente suas pretensões e suas dificuldades com o trabalho.

Acreditamos que tal esforço é essencial para a compreensão do movimento que caracteriza a teorização de Freud, na medida em que a dinâmica de sua escrita aponta para momentos-chave de escansão do texto que correspondem aos impasses com os quais Freud depara no plano conceitual. Ele nos permite destacar os pontos de tensão e revelar os problemas fundamentais criados pela elaboração freudiana.

Dessa forma, percebemos como a forma final do texto transparece, ao menos em parte, o percurso de Freud com sua escrita, caracterizado por um movimento de “montanha russa”, em que momentos de intenso desenvolvimento são interrompidos por um forte desânimo frente a problemas que parecem incontornáveis para o sistema que vinha sendo desenvolvido.⁷² Essas escansões da teoria se traduzem também por uma variação do humor de Freud, que durante o processo alterna entre estados de ânimo excessivamente intensos e estados de depressivos.

Faremos aqui um breve resumo dos registros de 1895. Um estudo mais detalhado da historiografia desse período pode ser encontrado no Anexo 3.

Os anos de 1894 e 1895 parecem ter sido especialmente penosos para Freud, que enfrentava problemas de saúde, abstinência do tabaco e abalos emocionais. Na época, recém-casado e com filhos, Freud batalhava financeiramente para estabelecer-se como médico clínico,

algo em que não estava obtendo o devido êxito, nem a mínima satisfação pessoal. Havia, também, as desavenças com Breuer, que era uma figura muito importante em sua vida.

Freud inicia a escrita do *Projeto* com um “febril interesse” [*fiebrhafter Anteilnahme*], como dizem os editores Ana Freud, M. Bonaparte e Kris (1950). Não em setembro, e sim em abril. Na ocasião, Freud (1896) escreve a Fliess dizendo:

[27 de abril de 1895] Cientificamente, estou num mau caminho, a saber, preso na “Psicologia para neurologistas”, que me consome sistematicamente por completo, até que, verdadeiramente esgotado, sou forçado a interromper. Nunca experimentei um grau tão elevado de preocupação. [...] Um homem como eu não pode viver sem um cavalo de batalha, sem uma paixão devoradora, sem – nas palavras de Schiller – um tirano. Encontrei um. A serviço dele, não conheço limites. Trata-se da psicologia, que foi sempre minha meta distante a acenar-me, e que agora, desde que deparei com o problema das neuroses, aproximou-se muito mais. Estou *atormentado* por dois objetivos: examinar que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental, se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia um lucro para a psicologia normal. (p. 130. Destaques do autor)

Essa é a primeira referência explícita ao *Projeto*. Algumas semanas antes, Freud fazia alusão às suas “pesquisas psicológicas” (Carta de 11 de abril de 1895) e chega a dizer que a psicologia o estava atormentando muito (Carta de 02 de abril de 1895). Entretanto, nada aponta para a ideia de um novo projeto, nem menções diretas a elementos que encontramos no texto. Ele próprio confessa, em 11 de abril, que: “Meu trabalho científico vai prosseguindo, mais ou menos; ou seja, nada de novo, nenhuma ideia e nenhuma observação” (Freud, 1986, p. 125).

Conclui-se, portanto, que o início do *Projeto* data do fim de abril.

Na carta seguinte, Freud (1896) reafirma que estava trabalhando sobre ideias novas, e mostra a importância que aquele trabalho tinha: “Meu coração está todo na psicologia. Se lograr êxito nisso, ficarei satisfeito com todas as outras coisas” (Carta de 17 de junho de 1895, p. 133). Seu objetivo principal era “explicar a defesa”, um fenômeno que provinha de suas observações clínicas (Cartas de 06 e 16 de agosto de 1895), procurando fornecer uma “explicação psicológica” para aqueles fatos. A psicologia, aqui, é entendida como a realização de uma ciência natural.

Na verdade, de forma sugestiva, Freud se referia ao seu próprio trabalho como “a psicologia” – “minha Psicologia”.⁷³ Essas duas coisas se confundem nesse período, porque a pretensão de Freud era de fato realizar uma psicologia científica. Isto é, a ambição de Freud era que seu esquema abrisse caminho para construir um conhecimento psicológico universal.

Assim, a referência ao “psicológico”, nesse período de sua correspondência, muitas vezes é uma alusão aos pressupostos da ciência natural dos quais partia seu texto [o *Projeto*], e que refletiam esse ideal.⁷⁴

Pouco depois, ele declara ter atingido seu objetivo. Ao menos no que diz respeito à “defesa patológica”, tinha enfim chegado às “teorias psicológicas” de que precisava para explicá-la.

Contudo, logo encontra problemas. Apenas dez dias depois, Freud (1986) escreve:

[16 de agosto de 1895] Tive uma estranha experiência com a $\phi\psi\omega$.^d Pouco depois de haver soado o alarme com meu comunicado que ensejou congratulações, e depois de haver escalado um dos primeiros picos, vi-me confrontado com novas dificuldades, mas sem que me restasse fôlego suficiente para novos trabalhos. Assim, recompondo-me rapidamente, deixei toda a coisa de lado e venho-me convencendo de que não estou nem um pouco interessado [*Interessieren*] nela. (p. 136)

Identificamos, assim, um período de intenso desenvolvimento das “teorias psicológicas”,⁷⁵ que vai de 27 de abril até 16 de agosto de 1895, momento em que ele encontra seu limite. Como Freud dirá, esse limite diz respeito às possibilidades da teoria:

A psicologia é mesmo uma cruz. Jogar boliche ou catar cogumelos, pelo menos, são passatempos muito mais saudáveis. Tudo o que eu estava tentando fazer era explicar a defesa, mas experimente só tentar explicar algo que vem bem do âmago da natureza! Tive que abrir caminho palmo a palmo através do problema da qualidade, do sono e da memória – em suma, a psicologia inteira. Agora, não quero mais ouvir falar nisso. (p. 137)

Freud deixa de lado temporariamente seu projeto. Vemos, pelas cartas anteriores, como o trabalho o consumia. Suas esperanças com a ideia de uma psicologia científica a partir da defesa neurótica produziam nele um ânimo desmesurado,⁷⁶ mas também grandes frustrações.

Esse período de desânimo dura pouco. Nos primeiros dias de setembro, Freud viaja a Berlim para encontrar Fliess. Depois do encontro, a ideia do *Projeto* ganha nova força. Já na volta de trem para a Áustria, Freud recomeça a escrever o que seria “o primeiro rascunho da psicologia” (Carta de 15 de setembro de 1895). Segue-se disso um novo período de intensa produção e entusiasmo de Freud. Até que, no dia 08 de outubro, ele envia a primeira versão de seu trabalho a Fliess: dois “cadernos/capítulos” [*Hefte*] – muito provavelmente uma

^d Essa é uma outra maneira através da qual Freud se referia ao sistema teórico que estava construindo no *Projeto*.

composição retrabalhada dos rascunhos dos meses anteriores. Esse é o único manuscrito de que dispomos hoje.

É difícil saber exatamente o que Fliess teria dito a Freud, naqueles dias em Berlim, que mudara tanto sua disposição em relação ao *Projeto*. Peter Gay (1989, p. 70) conta como os dois amigos esperavam ansiosamente para seus encontros, quando provavelmente se trancavam durante horas no gabinete de trabalho para conversar – algo que Freud chamava de seus “congressos”. Na carta de 23 de setembro de 1895, há algumas menções sobre uma ajuda de Fliess para adaptar a teoria às “leis gerais do movimento”, o que poderia indicar que esse tinha sido o tema principal do debate. Contudo, o mais provável é que a mera presença do amigo, sua força afetiva, tenha ajudado a renovar as esperanças de Freud no seu trabalho.

Freud (1896) menciona, ainda, um terceiro capítulo/caderno em que estava trabalhando, sobre “a psicopatologia do recalçamento”, e confessa que isso o exigia retornar aos capítulos anteriores para fazer correções (p. 142). O que revela o quanto Freud não considerava o primeiro rascunho, enviado a Fliess, como um sistema acabado.⁷⁷ Não era que lhe faltassem complementos – um terceiro ou quarto capítulos. Na verdade, Freud julgava que sua lógica não estava completa.

Pois, embora tivesse partido de princípios claros, a correspondência freudiana mostra que ele aprimorava seu sistema progressivamente a partir das conclusões obtidas na clínica. Freud buscava combinar⁷⁸ os novos conhecimentos com os pressupostos da ciência natural, na esperança de elucidar o mecanismo como um todo. Eram os fatos clínicos que, no fim, revelariam o funcionamento do aparelho psíquico.

No mesmo dia em que envia seu rascunho, Freud relata dificuldades justamente nessa parte da tarefa. As novas – e decepcionantes – limitações diziam respeito à elucidação mecânica do recalçamento:

[08 de outubro de 1895] O que ainda não está coerente [*Was mir nicht zusammengeht*]⁷⁹ não é o mecanismo – posso ser paciente quanto a isso –, e sim a elucidação do recalçamento – cujo conhecimento clínico fez grandes progressos em outros aspectos.

Pense só: entre outras coisas, estou na trilha da seguinte precondição estrita da histeria: a de que deve ter ocorrido uma experiência sexual primária (anterior à puberdade), acompanhada de repugnância e medo; na neurose obsessiva, ela deve ter ocorrido acompanhada de prazer.

Mas não tenho tido sucesso na elucidação mecânica [*mechanische Aufklärung*]; ao contrário, estou inclinado a ouvir a voz silenciosa que me diz que minhas explicações não são suficientes. (Freud, 1986, p. 142)

Podemos inferir que as reflexões clínicas acerca do recalçamento tornavam difícil a “elucidação mecânica”, isto é, sua tradução na linguagem das ciências naturais. Como acontece em outros momentos, Freud era obrigado a pensar em conceitos que não coadunavam – “iam junto” [*Zusammengehen*] – com o sistema de uma psicologia científica.

Exausto, e chamando tudo aquilo de “tolice”, Freud decide novamente colocar o *Projeto* de lado.

Também por um breve período. Pois, menos de duas semanas depois, ele anunciava ter chegado às compreensões que fariam da “sua psicologia” um sistema independente e autônomo:

[20 de outubro de 1895] Numa noite laboriosa da semana passada, quando eu estava sofrendo daquele grau de dor que propicia as condições ótimas para minhas atividades mentais, as barreiras ergueram-se subitamente, os véus caíram e tudo se tornou transparente – desde os detalhes das neuroses até os determinantes da consciência. Tudo pareceu encaixar-se, as engrenagens se entrosaram e tive a impressão de que a coisa passara realmente a ser uma máquina que logo funcionaria sozinha. Os três sistemas de neurônios; os estados livres e ligados de Qn (quantidade); os processos primário e secundário; a tendência principal e a tendência de compromisso do sistema nervoso; as duas regras biológicas da atenção e da defesa; as características de qualidade, realidade e pensamento; o estado do grupo psicosexual; a determinação sexual do recalçamento; e, por fim, os fatores que determinam a consciência como função da percepção – tudo ficou e continua correto até hoje! Naturalmente, mal consigo conter minha alegria. (Freud, 1986, p. 147)

Ele complementa dizendo: “Se tivesse esperado mais duas semanas para lhe mandar o relatório, tudo teria ficado muito mais claro.” (Freud, 1986, p. 147)

Vemos como o entusiasmo de Freud estava ligado à concepção de seu sistema como um todo consolidado. Ele compara sua tarefa àquela de montar um quebra-cabeças (Carta de 31 de outubro de 1895). Era natural, então, que quisesse dispor do conhecimento de todas as engrenagens, para poder chegar ao funcionamento da “máquina”. “Creio que a coisa tem mesmo coerência”, diz ele,

[31 de outubro de 1895] mas ainda não confio nas partes isoladas. Substituo-as continuamente por outras e ainda não ousou mostrar a estrutura a nenhum sábio. O que você tem nas mãos também perdeu parcialmente o valor e só pretende ser[vir] de amostra, mas espero que produza o efeito desejado. Agora, estou extremamente exaurido e, de qualquer modo, preciso por o assunto de lado por dois meses, pois tenho que escrever sobre as paralisias infantis para Nothnagel. (Freud, 1986, p. 149)

O entusiasmo renovado de Freud com seu sistema teórico se mantém por quase vinte dias. Até que, no começo de novembro, ele comunica ao amigo:

[08 de novembro de 1895] A partir de agora, minhas cartas perderão muito de seu conteúdo. Empacotei os manuscritos psicológicos e os atirei numa gaveta, onde dormirão até 1896. (Freud, 1986, p. 151)

Em parte, Freud se distancia novamente do trabalho para dar atenção às paralisias infantis, tema sobre o qual escreveria na enciclopédia de Nothnagel. Mas essa nova escanção do trabalho acontece principalmente pelos motivos que já o haviam paralisado antes. Freud teria feito novas investigações, que o haviam levado de novo a contradições que o obrigavam a novas revisões no esquema. “Nesse momento”, diz ele, “rebelei-me contra meu tirano. Senti-me sobrecarregado de trabalho, irritado, confuso e incapaz de dominar aquilo tudo. Assim, joguei tudo longe.” (Freud, 1986, p. 151)

Dessa vez, ele de fato se mantém afastado de seus papéis por um bom tempo. Inicialmente, diz-se “abatido e desencantado” (Freud, 1986, p. 151) por tê-lo colocado de lado. “Sinto agora um vazio” (Freud, 1986, p. 152), confessa. Passados vinte dias, escreve enfim dizendo:

[29 de novembro de 1895] Não entendo mais o estado mental em que maquinei [*ausgebrütet*] a psicologia; não consigo conceber como posso tê-lo infligido a você. Creio que você ainda está sendo polido demais; para mim, parece ter sido uma espécie de loucura. A solução clínica das duas neuroses provavelmente se manterá, depois de algumas modificações. (Freud, 1986, p. 153)

Essa carta marca o abandono do *Projeto* freudiano. Talvez não o abandono de todos os seus conceitos, nem de muitas de suas reflexões, mas certamente de um determinado espírito do qual ele teria surgido e que havia guiado o trabalho de Freud durante a maior parte daquele ano.

Existe uma clara diferença de tom entre essa carta e as anteriores, mesmo entre aquelas em que Freud manifesta sua frustração. Aqui, ele olha para trás e faz um juízo sobre a experiência como um todo. Isso implica que, de alguma forma, ela tinha se encerrado para ele, que ele não se via mais naquela situação.⁸⁰

É interessante notar, entretanto, como Freud diz que a solução clínica das neuroses irá se manter. No contexto, essa concepção surge para ele como oposta às aspirações

sistematizantes de sua experiência anterior, e mais humildes. Freud dirá que, ao contrário do esclarecimento mecânico, a solução clínica era “atraente e simples”.

Na verdade, desde o início de seu trabalho, vemos Freud suspeitar do caráter demasiado idealizado de suas pretensões. Ele fala mais de uma vez em “fantasias”, ao descrevê-lo (Carta de 21 de maio, de 25 de maio e de 08 de outubro de 1895), e confessa: “espero que não se trate de uma miragem/quimera [*Traumgold*]” (Freud, 1986, p. 135). Isso sem falar nas inúmeras vezes em que coloca em xeque a possibilidade realizar aquela tarefa (por exemplo, nas cartas de 27 de abril, 08 de outubro e 08 de novembro de 1895).

É significativo, portanto, que Freud encerre a experiência do *Projeto* relativizando os princípios da ciência natural que havia adotado como pressupostos de trabalho: “Não estou subordinado à prioridade da ‘constância psíquica’”, diz ele, referindo-se ao princípio do movimento neuronal. “Você tem razão, ela pode ser entendida de muitas maneiras diferentes.” (Freud, 1986, p. 156)

Como vimos, Freud (1986) resume seus sentimentos em relação aos esforços daquele ano da seguinte maneira: “O melhor que se pode dizer a respeito, até o momento, é que ele merece o elogio *voluisse in magnis rebus.*” – expressão latina que significa, literalmente, “ter desejado grandes coisas”/“ter ambicionado grandes feitos” (p. 156). Ela era usada pelos romanos para louvar aqueles cujos espíritos aspiravam a grandes realizações, fossem elas alcançadas ou não.

Freud não parecia tomar o fracasso de seu projeto como uma derrota, nem se sentia mal com isso. Pelo contrário. Seu esforço é louvado como algo que foi importante e que demonstra o desejo que o mantém no caminho de suas investigações.

Lembremos como, por exemplo, pouco depois do *Projeto* Freud revê a teoria da sedução, descobrindo a realidade psíquica; e como, doravante, ele passa a debruçar-se mais sistematicamente sobre a análise dos sonhos. Vemos também como, nas cartas e textos seguintes a ele, Freud demonstra ter um pensamento muito mais clínico, bem diferente daquelas outras intenções. É provável que aquela sua experiência tenha contribuído decisivamente para as novas realizações.

Em resumo, parece importante levar em consideração esse contexto ao analisarmos a literalidade do texto do *Projeto*. Especialmente tendo em vista o caráter pessoal e afetivo que o *Projeto* demonstra ter para Freud, bem como o seu lugar em sua trajetória. Isso reforça a tese de que o texto do *Projeto* – e, portanto, a metapsicologia inaugural – não é exatamente o produto bem-acabado de uma intenção consciente de sua parte, mas, antes, um campo de tensões e

conflitos, onde o autor mobiliza categorias diversas presentes no horizonte de seu pensamento. Isso indicaria, também, que os conceitos ali desenvolvidos se configuram como problemáticas – ou seja, de modo não categórico. É o que acontece com o conceito de “desejo”.

2.2. O mecanicismo de Freud

Há um debate em torno do *Projeto* quanto à sua posição epistêmica. Em especial, sobre se devemos ou não classificar o trabalho como um empreendimento mecanicista. Tal perspectiva, claro, é malvista pelos defensores do naturalismo de Freud, que argumentam que esse último excederia desde cedo, em sua obra, uma visão meramente mecânica da natureza. Por outro lado, as indicações presentes no texto do *Projeto* dificilmente podem ser ignoradas. Ali, Freud declara abertamente suas intenções mecanicistas.

Nas primeiras linhas do texto, então, lê-se a seguinte introdução de Freud [apresentada, aqui, em duas diferentes traduções]:

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. Duas são as ideias principais envolvidas: [1] A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Q, sujeita às leis gerais do movimento. [2] Os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais. (Freud, 1996j, p. 355)

O propósito [é] fornecer uma psicologia científica e naturalista, ou seja, expor os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição. Contém duas ideias principais: 1. Concebe o que diferencia atividade de repouso como Q, submetida à lei geral do movimento; 2. Toma os neurônios como partículas materiais. (Freud, 2003, p. 175)

O autor declara sua vontade de realizar uma *Naturwissenschaftliche Psychologie*. Gabbi (2003) comenta que

Ao pretender deduzir uma psicologia que seria científica e naturalista (*eine naturwissenschaftliche Psychologie*), Freud posiciona-se claramente em relação ao debate, nascido na metade do século XIX, entre as ciências do espírito ou morais (*Geisteswissenschaften*), que visam compreender, e as ciências naturais (*Naturwissenschaften*), que procuram explicar.” (p. 19)

O termo *Naturwissenschaft* pode ser traduzido literalmente, por “conhecimento”, “estudo”, ou – como usualmente se traduz – “ciência da natureza”; mas também pode significar, em uma acepção mais popular, simplesmente “ciência”. Até porque as ciências da natureza eram as representantes do espírito científico da época – e ainda da nossa.

Logo em seguida, Freud detalha o que entende por uma *Naturwissenschaftliche Psychologie*, essa que tinha por intenção [*Absicht*] construir: uma ciência que apresentasse [*darstellen*]^e os processos psíquicos como algo que pudesse ser objetivado como matéria e calculado segundo uma razão quantitativa. Para isso era importante que fosse constituído de partes materiais especificáveis – unidades – sem o que não lhes seria possível aplicar o raciocínio da quantidade. A ciência, para Freud – ao menos aqui –, é a formulação de seu objeto na linguagem que conjuga o materialismo e o cálculo de quantidades.⁸¹ Trata-se de um modelo inspirado na física que inaugura a racionalidade da ciência moderna no século XVI.⁸² Sobre isso, Gabbi (2003) comenta:

Uma psicologia natural tem as seguintes características: (a) toma a física como modelo, (b) supõe que não haja diferença essencial entre os fatos físicos e os fatos psicológicos e (c) explica os processos pela sua gênese. Todas essas características, como o leitor pode constatar, estão presentes em *Entwurf*.” (p. 19)

Segundo Freud, esse procedimento tornaria os “processos psicológicos” – ou, eventos, fenômenos [*psychische Vorgänge*] – **claros/intuitivos** [*anschaulich*] e **livres de contradição** [*widerspruchsfrei*]. A ideia de um conhecimento claro, sobre o qual não se pode lançar dúvidas, tem íntima relação com o próprio conceito moderno de ciência.⁸³ O termo *anschaulich* carrega um forte significado visual, e tem parentesco com o verbo *anschauen*, que significa “ver”, “contemplar”. Ele remete a algo que seria, então, fácil de visualizar, que é visível. Poderíamos lembrar, aqui, da intenção do filósofo René Descartes em chegar a um conhecimento “*clair e distinct*”,⁸⁴ das “*lumières*” [luzes/iluminismo] como movimento histórico e cultural e, por fim, da *Aufklärung* [esclarecimento] alemã – todos conceitos situados no mesmo espectro semântico.

Para Freud, especificamente, afirmar isso era condicionar a clareza e a consistência do saber psicológico à elaboração da ciência nos moldes quantitativo e materialista. O que

^e O termo *Darstellen* guarda ainda o sentido de “representar” e “demonstrar”.

inclusive sugere oposição a uma outra ideia de psicologia – que ele possivelmente tinha em mente – a qual poderia ser condenada como obscura e contraditória.

Essa breve introdução do texto, portanto, já explica por que o manuscrito de Freud ficou conhecido como *Projeto de uma psicologia científica* [*Entwurf einer Psychologie*] – tendo recebido esse título dos editores que decidiram publicá-lo, no fim da década de 1930. Considerando o que vimos acima, o título parece apropriado, e revela uma genuína vontade de Freud de levar a cabo uma idealização. Mais do que isso, o contexto de sua escrita sugere que ele acreditava que podia redimir ou completar os esforços anteriores da psicologia científica a partir das recentes descobertas feitas por ele no campo das neuroses.⁸⁵

O termo “*Entwurf*” é introduzido pelo próprio Freud na primeira frase do texto, no parágrafo que vimos no início [*Es ist die Absicht dieses Entwurfs, eine naturwissenschaftliche Psychologie zu liefern*]. Assim, fica explícito que “*Entwurf*” aponta para uma vontade do autor, que atravessa o texto, e que expressa a relação que tinha com sua escrita. Essa palavra, em alemão, apresenta um espectro semântico gradativo em que assume tanto o sentido de “projeto”, “plano” [*Plan, Vorhaben*] – como formalização de uma intenção ou desejo (ex: “projeto pessoal, “projeto de vida” etc.) –, quanto da materialização desse plano. Ela pode se referir à ideia, ao fato de que alguém tem um plano ou uma intenção organizada, ou pode significar mais estritamente o “esquema”, “desenho” – a colocação do projeto em papel e inclusive a elaboração de uma lista de passos a serem seguidos. Por isso, *Entwurf* também é comumente associado a projetos arquitetônicos ou de design (*Entwurfsbüro, Entwurfszeichnung*).

Assim, podemos entender que *Projeto* é tanto o texto, em si, como a intenção pessoal de Freud por trás dele. Com isso, não pretendemos fazer uma psicologia do autor, mas apontar para a estrutura do texto. A relação de Freud com seu trabalho não é indiferente na determinação de sua forma, porque suas intenções integram o próprio texto, na condição de elemento formal: elas marcam seu ponto de partida, e, assim, contribuem decisivamente para os rumos de seu desenvolvimento.

Como vimos acima, Freud elabora a intenção científicista ao fixar as bases de seu pensamento neurofisiológico com dois pressupostos fundamentais: a lei da inércia e o atomismo materialista.⁸⁶ São nesses moldes, portanto, que ele declara as intenções imediatas de seu projeto: *construir uma psicologia científica, entendida como a formatação em linguagem matemática e materialista de seu objeto, esse cuja causalidade deveria ser reduzida às leis gerais do movimento.*⁸⁷ O campo no qual isso seria aplicado, é claro, seria o cérebro – em especial as recém-descobertas células neuronais.⁸⁸

Dessa forma, Freud lança as bases para construir um verdadeiro labirinto newtoniano do sistema nervoso,⁸⁹ no qual só haveria forças e corpos que reagem a elas segundo uma organização determinada. Isso poderia qualificar o pensamento freudiano de mecanicista, segundo definição de Joseph Beaudé (1987).⁹⁰ Talvez não em sentido metafísico estrito, como proposição de uma visão de mundo, mas possivelmente como adoção indireta de suas categorias na compreensão do que se entendia por “mundo natural”.

O pensamento mecanicista tem raízes no século XVI e a maioria dos autores reconhece sua origem com René Descartes.⁹¹ É provável que o pensamento freudiano reproduza muito de suas bases metafísicas, já que elas influenciaram muito o desenvolvimento do discurso científico na modernidade,⁹² e, com isso, a própria mentalidade do homem moderno.

Na verdade, como diz Beaudé (1987), o pensamento mecanicista é menos uma doutrina organizada, defendida ativamente por filósofos ou cientistas, do que algo que organiza a racionalidade moderna a partir do advento da ciência positiva. Ele explica que:

Com efeito, o surto do mecanismo ocorreu no século XVII. Ele permitiu o nascimento e o desenvolvimento da ciência clássica. O seu advento foi, como por vezes se disse, ‘uma revolução’, no sentido em que propôs uma ideia do mundo radicalmente nova e em ruptura com as representações da natureza até então recebidas. Sem ser em si mesmo uma teoria científica, ele estabeleceu uma nova racionalidade e fundou uma nova apreensão dos fenômenos, sem as quais a ciência verdadeira teria sido impossível. Em suma, o mecanismo⁹³ é uma reforma fundamental do entendimento, mercê da qual o mundo se acha percebido e conhecido de maneira diferente. (p. 59)

Sobre isso, Costabel (1987) também afirma que:

A mudança da civilização que hoje em dia se estende por toda a superfície do globo partiu da Europa, onde a sua origem se situa incontestavelmente no fenômeno da ciência positiva tal como ele surge nos séculos XVII e XVIII. Ora, este fenômeno é ele próprio dominado pelo modelo que a nascente ciência mecânica forneceu a todas as outras especulações teóricas, depois pelos meios de apreensão intelectual que o desenvolvimento desta ciência pôs à disposição do espírito, até, por fim, a universalidade do modelo ser contestada, no final do século XIX, no preciso momento em que tal modelo parecia atingir uma grande perfeição. A história da mecânica é, por conseguinte, muito menos a das vicissitudes que assinalaram desde tempos longínquos as relações entre a prática e a especulação que a de uma conquista do espírito iniciada há três séculos e cuja efêmera supremacia desempenhou um papel primordial na ciência. (p. 82)

É Beaudé (1987), em especial, que chama a atenção para a disseminação do pensamento mecanicista na sociedade moderna, contexto no qual adquiriu sua versão mais importante. “Essa

doutrina”, diz ele, “na medida em que não exige um esforço de compreensão demasiado árduo, vai propagar-se sem custo e fazer penetrar assaz largamente na opinião a nova representação da natureza” (p. 69). No dealbar do século XVIII”, diz Beaudé, ainda,

a ideia mecanista tornou-se uma ideia comum que, pelo menos em certas classes da sociedade, impregna, por assim dizer, a vida quotidiana. O mecanismo atinge por conseguinte o seu apogeu no século XVIII. Mas é difícil dizer que no decurso deste mesmo século se situa o seu fim. Se podemos fixar bastante nitidamente o começo da época mecanista, já não nos é possível, em contrapartida, assinalar-lhe um termo. Num certo sentido, vivemos ainda do mecanismo, porquanto ele está na origem do incremento das ciências e das técnicas; noutro sentido, ele desapareceu, visto que as ciências antigas, para se renovarem, e as novas, para se fundarem, tiveram de romper com ele. (p. 70)

Nesse contexto, é provável que vários autores, dentre os quais Freud, tenham reproduzido os pressupostos mecanicistas de forma mais ou menos naturalizada, como ideologia que figurava como pano de fundo de algumas de suas compreensões – por mais que, racionalmente, inclusive, pudessem ser críticos dessa concepção.⁹⁴ Com efeito, para além dos pressupostos iniciais lançados por Freud no *Projeto*, é possível identificar várias formas pelas quais seu esquema participa de uma racionalidade mecanicista – inviabilizando, por exemplo, pensarmos nele através de outras óticas, como a biológica.

Além disso, é difícil negar que Freud tenha tido intenções decididamente mecanicistas com seu projeto. Em determinado momento, por exemplo, ele diz explicitamente a Fliess que estava se empenhando em uma “elucidação mecânica” [*mecanische Aufklärung*] do aparelho. Ademais, desde o ano anterior, no texto *As neuropsicoses de defesa*, Freud (2023c) já defendia a hipótese da quantidade como uma ideia de trabalho fundamental.

Mais do que isso: a esperança de construir uma *Naturwissenschaft* naqueles termos parece ter estado, desde o início, por trás do ânimo que o conduziu ao projeto – ânimo esse que depois confessaria ter sido “uma espécie de loucura” (Freud, 1986, p. 153). Em parte, o espírito que atravessa o trabalho de Freud pode ser traduzido pelo trecho abaixo, retirado de carta a Fliess no dia 20 de outubro de 1895:

Numa noite laboriosa da semana passada, quando eu estava sofrendo daquele grau de dor que propicia as condições ótimas para minhas atividades mentais, as barreiras ergueram-se subitamente, os véus caíram e tudo se tornou transparente – desde os detalhes das neuroses até os determinantes da consciência. **Tudo pareceu encaixar-se, as engrenagens se entrosaram e tive a impressão de que a coisa passara realmente a ser uma máquina que logo funcionaria sozinha** [*Er schien alles inenander zu greifen, das*

Räderwerk passt zusammen, man bekam den Eindruck, das Ding sei jetzt wirklich eine Maschine und Werde nächstens auch von selber gehen]. Os três sistemas de neurônios; os estados livres e ligados de Qn (quantidade); os processos primário e secundário; a tendência principal e a tendência de compromisso do sistema nervoso; as duas regras biológicas da atenção e da defesa; as características de qualidade, realidade e pensamento; o estado do grupo psicosexual; a determinação sexual do recalçamento; e, por fim, os fatores que determinam a consciência como função da percepção – tudo ficou e continua correto até hoje! Naturalmente, mal consigo conter minha alegria. (Freud, 1986, p. 147, destaques nossos)

Mas, se o ideário mecanicista estava profundamente enraizado na concepção de ciência a partir do século XVI – e, assim, na própria ideologia que faz parte da modernidade –, isso chega a Freud de forma mais específica a partir uma tradição de pensamento fisiológico hegemônica em sua época. Herdeira, sem dúvida, da visão de mundo moderna, mas de certa forma independente, ao desenhar-se a partir de fatos e descobertas científicas específicas.⁹⁵

Essa corrente chega a Freud sobretudo pela figura de seu mentor, Ernst Brücke,⁹⁶ em cujo laboratório trabalhou por vários anos.⁹⁷ Seus maiores representantes tinham sido Helmholtz e Du Bois-Reymond. A partir de experimentos com a eletricidade animal, que abriram a possibilidade de medição da corrente e do impulso nervoso, e de observações com o microscópio que derrubavam algumas concepções anteriores sobre a energia pensada no interior da biologia,⁹⁸ esses autores propõem um modelo de fisiologia estritamente reduzida às causalidades físico-químicas. Essa concepção desenvolve-se pela constatação de

que as forças fundamentais dos corpos organizados estão essencialmente de acordo com aquelas da natureza inorgânica, elas trabalham cegamente seguindo as leis da necessidade e independentemente de qualquer propósito, elas são forças tão bem estabelecidas pela existência da matéria como o são as forças físicas.” (Theodor Schwann *apud* Padovan, 2018. Tradução do próprio autor.)

Tal posição contrapunha-se à ideologia dominante nas ciências da natureza, especialmente na Alemanha daquela época, que curiosamente havia se erguido como crítica ao mecanicismo dos séculos anteriores. Ela derivava diretamente da *Naturphilosophie* de Schelling.⁹⁹ que defendia que os organismos vivos eram essencialmente diferentes dos não-vivos, e que as leis que regem o mundo físico não seriam suficientes para estabelecer uma causalidade dos fenômenos da vida. Essa tese era conhecida como “vitalismo”, e era rejeitada por esses novos autores, como Du Bois-Reymond:

Se examinarmos a evolução de nossa ciência, não podemos deixar de reconhecer que o campo dos fenômenos atribuídos à força vital [*Lebenskraft*] está se tornando a cada dia mais restrito na medida em que seu território se encontra, cada vez mais, sob a jurisdição das forças físicas e químicas (...). É inevitável que, um dia, abandonando seus interesses particulares, a fisiologia se funde em uma grande unidade nacional das ciências naturais teóricas, dissolvendo-se inteiramente na física e na química orgânicas” (Du Bois-Reymond *apud* Padovan, 2018, p. 31. Tradução do próprio autor.).

Na verdade, ao se opor ao vitalismo de Schelling, essa tradição da fisiologia do século XIX resgatava, em algum nível, o pensamento mecanicista dos séculos anteriores.¹⁰⁰ Mesmo que, segundo Bernfeld (1944), esses autores diferenciasssem máquina e organismo, atribuindo a esse último a faculdade de assimilação (p. 8), seus métodos propunham uma homogeneização do plano causal entre organismo e mundo externo, típico da racionalidade mecânica, segundo o qual, pelo seu corpo, o homem não passa de matéria e faz parte da natureza mecânica (Beaude, 1987, p. 66).¹⁰¹ Bernfeld (1944) resume da seguinte forma o pensamento fisiológico desses autores:

A fisiologia é a ciência dos organismos enquanto tais. Organismos diferem de agregados de material morto em ação – máquinas – por possuírem a faculdade de assimilação, mas ele são todos fenômenos do mundo físico: sistemas de átomos, movidos por forças, de acordo com o princípio de conservação de energia formulado por Helmholtz: a soma de forças (forças motoras e forças potenciais) permanece constante em cada sistema isolado. As causas reais são simbolizadas em ciência pela palavra ‘força’. Quanto menos sabemos sobre elas, mais tipos de forças nós distinguimos: mecânicas, elétricas, forças magnéticas, luz, calor. O progresso no conhecimento as reduz a duas: atração e repulsão. Isso se aplica também ao organismo humano. Ao contrário de Descartes, não podemos acreditar que as mudanças perpétuas que experimentamos e que acontecem ao nosso ‘ego’ não são efeitos de causas externas. (p. 349)

Influenciado pelos desenvolvimentos da física como ciência moderna e pelo progresso tecnológico das maquinarias,¹⁰² aquele mecanicismo dos séculos XVI e XVII fazia um paralelo direto entre a mecânica e a medicina. A escola de pensamento de Helmholtz recupera esse pensamento sob novas bases, já que, desde então, os conhecimentos sobre a física e a química tinham conhecido grandes avanços. Mas o que parece mais relevante é o movimento de redução metodológica do plano dos processos causais realizado por esses autores, que remonta às bases do pensamento científico moderno.¹⁰³ Ao método de Galileu,¹⁰⁴ por exemplo, fundador da dinâmica, que enxergava no conhecimento sobre o mundo apenas as qualidades primárias dos objetos, isto é, o que podia ser descrito matematicamente de suas partes materiais

especificáveis.¹⁰⁵ A Descartes, que renova a física da Antiguidade sobre bases puramente matemáticas, que expulsa da ciência toda ideia de qualidade em detrimento de quantidades, matéria e movimento.

É no esteio dessa visão metodológica que Du Bois-Reymond declara:

Brücke e eu fizemos um juramento solene de colocar em vigor essa verdade: Nenhuma outra força senão as físico-químicas comuns estão ativas no organismo. Nos casos que não podem ser explicadas por essas forças no momento, é necessário encontrar o modo ou a forma de sua ação por meio do método físico-matemático, ou assumir novas forças iguais em dignidade às forças químico-físicas inerentes à matéria, redutíveis às forças de atração e repulsão. (Bernfeld, 1944, p. 348).

Portanto, ao pensar um projeto de psicologia naqueles termos, Freud estava profundamente vinculado ao espírito de seu tempo¹⁰⁶ e, sobretudo, às personalidades fortes e apaixonantes a quem ele próprio havia se aficionado e tomado como modelos.¹⁰⁷ Como diz Peter Gay (1989),

As metáforas mecanicistas e o vocabulário técnico de Freud [no *Projeto*] – ‘neurônios’, ‘quantidade’, ‘regras biológicas de atenção e defesa’ e o mais – faziam parte da linguagem de seu mundo, de sua formação médica e do Hospital Geral de Viena. A tentativa de fundar a psicologia como uma ciência natural, sobre as bases da neurologia, adequa-se às aspirações dos positivistas com quem Freud estudara, e cujas esperanças e fantasias ele agora se empenhava em concretizar. (p. 88)

Seu “projeto” de realizar uma psicologia científica a partir das novas descobertas no campo das neuroses mobiliza todas as categorias desse campo epistêmico e as reatualiza no movimento de sua escrita. No artigo *Freud's earliest theories and the school of Helmholtz*, Bernfeld (1944) sugere que

Além da força estabilizadora e da atração exercida por essas figuras, uma espécie de 'afinidade eletiva' impulsionava Freud na direção da escola de Brücke. Em meia dúzia de anos, Freud recapitulava, ontogeneticamente — para usar os termos darwinistas tão caros ao jovem Freud — a filogenia do pensamento dos setenta anos anteriores. Essa 'fisiologia' integrava-se ao movimento mais amplo da civilização ocidental. (Bernfeld, 1944, p. 353)

Aquela era uma linguagem dominante da época, associada diretamente com o selo da cientificidade. Canguilhem (2012) diz que “A psicologia, ciência da subjetividade, começa, então, como psicofísica por duas razões. Primeiramente, porque ela não pode ser menos que

uma física para ser levada a sério pelos físicos” (p. 406). Assim, é bastante natural que Freud quisesse intencionalmente utilizá-la para formular suas teses.¹⁰⁸

Contudo, mais do que a linguagem técnica, Freud tomava de seus mestres principalmente a inspiração, a paixão com encaravam suas atividades científicas, o ideal que lhes imbuía o espírito e a forma com que investiam nisso suas próprias vidas.¹⁰⁹ É esse ímpeto [*Drang*] que veremos no *Projeto*, quando Freud vislumbra a possibilidade de realizar uma psicologia científica a partir dos dados de investigação das neuroses:

Um homem como eu não pode viver sem um cavalo de batalha, sem uma paixão devoradora, sem – nas palavras de Schiller – um tirano. Encontrei um. A serviço dele, não conheço limites. Trata-se da psicologia, que foi sempre minha meta distante a acenar-me, e que agora, desde que deparei com o problema das neuroses, aproximou-se muito mais. Estou *atormentado* por dois objetivos: examinar que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental, se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia um lucro para a psicologia normal. (Freud, 1986, p. 130)

Segundo Bernfeld (1944), embora tivesse surgido como crítica ao suposto misticismo da *Naturphilosophie*, o novo movimento fisicalista também não escapava de uma alta dose de sentimentalismo ideológico:¹¹⁰

A fisiologia 'fisicalista' — embora não sozinha — derrubou a filosofia e tomou seu lugar. Como já aconteceu antes, o conquistador introjetou a emotividade [*emotionalism*] de sua vítima. 'Unidade da ciência', 'ciência', 'forças físicas' não eram meramente ideias que orientavam os autores, ou hipóteses do trabalho científico; elas se tornaram quase objetos de culto. Eram mais do que métodos de pesquisa — tornaram-se uma *Weltanschauung*. A intensidade desse ímpeto variava de cientista para cientista, de lugar para lugar. Em Berlim, com Du Bois-Reymond, atingia o apogeu, curiosamente misturado com o nacionalismo prussiano. Na Áustria, a *Naturphilosophie* jamais teve muito poder, e o fanatismo fisiológico era mínimo em Viena e com Brücke. Ainda assim, ele existia. (p. 354)

O autor sugere, ainda, que teria sido esse o espírito que havia afetado o jovem Freud em 1873, quando escutara o famoso ensaio sobre a Natureza de Goethe,^f levando-o a escolher a medicina.¹¹¹

Foi por meio de um entusiasmo pela *Naturphilosophie* que Freud chegou à fisiologia 'fisicalista' de Brücke. Pouco antes de concluir o ginásico (ensino médio), no início do verão de 1873, 'foi ao ouvir, numa palestra pública do Prof. Carl Brühl, a leitura do belo ensaio de Goethe sobre a Natureza, que decidiu tornar-se estudante de medicina' (22). Não era a medicina o que ele

^f Cujá autoria, na verdade, lhe fora atribuída de forma equivocada.

buscava. Ele não se interessava pelas atividades do médico, nem se impressionava com sua posição social. Tornar-se médico não era um ideal — representava, antes, uma forma de defesa contra sua ambição de desempenhar um papel de liderança na política, ambição essa que remontava a sonhos infantis de identificação com Aníbal [Barca], o General Masséna e Oliver Cromwell. Ingressar na faculdade de medicina era simplesmente o único caminho realista para estudar as ciências da natureza. Todos os líderes da fisiologia 'fiscalista' eram médicos que, como Brücke e Du Bois-Reymond, jamais haviam tratado um paciente, ou que, como Helmholtz, atuaram como médicos relutantemente apenas por um breve período.

Goethe, que determinou essa escolha, é um precursor da *Naturphilosophie* — em seus ensaios científicos (e apenas nesse campo) ele próprio é um *Naturphilosoph*, embora um moderado e equilibrado. O 'curto e incomparavelmente belo ensaio sobre a Natureza' (20, p. 420) é uma espécie de programa do espírito nascente da *Naturphilosophie* alemã.

Assim como ocorreu com Goethe e mais tarde com a geração de Schelling, também no espírito de Freud o sentimento panteísta surgiu depois que o Deus de sua infância perdeu poder sobre suas ideias — mas ainda assim, persistiu como objeto de reflexão ao longo de toda a vida. (Bernfeld, 1944, pp. 354-355)

Nesse sentido, julgamos que é possível identificar um elemento afetivo de Freud na idealização do *Projeto*, que indicaria a adesão a uma visão de mundo.¹¹² Ele é determinante para o desenvolvimento de sua teoria e nada indiferente à sua forma final do texto. Somos levados a concluir isso não apenas pelo contexto histórico das ideias de que toma partido, mas por declarações em sua correspondência com Fliess, na época. Dizer que o projeto de Freud é mecanicista não é correto. Mas é lícito supor que ele compartilhe ideais mecanicistas — a começar pela própria constituição de seu objeto, que ele chama de “aparelho” psíquico. O importante, entretanto, é entender como esse movimento inicial de Freud, em seu texto, pauta seu ritmo, influencia seu desenvolvimento e configura muitos de seus problemas.

2.3. Os limites do mecanicismo

Reconhecer que há um projeto mecanicista em Freud não serve para enquadrar seu texto em uma filosofia, mas para demonstrar como essa epistemologia influi na direção e nas possibilidades de desenvolvimento da teoria.¹¹³ Ela determina algumas das principais coordenadas, no plano conceitual, e, mais importante, configura uma parte dos problemas com que Freud depara.

Há duas razões pelas quais não devemos classificar o *Projeto* como um trabalho mecanicista: 1) Freud mobiliza, em paralelo, uma racionalidade biológica. Ela pode ser identificada, no texto, por concepções adaptativas e, principalmente, como diz Simanke (2023), pelo uso do conceito de “função”.¹¹⁴ Como veremos, há diferenças importantes entre o organismo, na biologia, e os processos que acontecem na substância inerte – típicos da concepção de um “animal-máquina” – que justificam pensarmos em duas racionalidades distintas;¹¹⁵ 2) A própria intenção científicista, declarada no início do texto, de “representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis”, falha. Freud não consegue levá-la a cabo, pois, ao tentar desenvolvê-la, acaba produzindo impasses típicos da racionalidade mecanicista, que fazem com que ele seja obrigado a fazer concessões à proposta inicial. Conforme o texto progride, Freud tem que recorrer cada vez mais a elementos heterogêneos à causalidade puramente mecânica. Sobre isso, o filósofo Paul Ricouer (1965) diz:

Podemos dizer que nada é mais caduco que o plano explicativo do *Projeto* e que nada é mais inesgotável que seu programa de descrição: à medida em que se avança no *Projeto*, temos a impressão de que o quadro quantitativo e o suporte neurológico recuam a um plano de fundo, até se tornarem nada mais do que uma linguagem de referência, dada e imediatamente disponível, que fornece o traçado/os limites/as bordas [*la contrainte*] necessárias à expressão das enormes descobertas” (p. 85)

No primeiro capítulo, Freud fornece uma visão geral de seu esquema que já contraria o princípio da inércia neuronal postulada na página anterior.¹¹⁶

Inicialmente, ele concebe o sistema nervoso como qualquer outro objeto do mundo externo, isto é, como matéria morta. Embora Freud diga que sua “função” é neutralizar a energia vinda de fora através da descarga, isso ainda não caracteriza um pensamento biológico, mantendo-se sob a tutela das leis gerais do movimento. Freud descreve esse processo como “reflexo”. Mas aqui, também, trata-se de um aparelho reflexo que reage de forma estritamente mecânica (Simanke, 2023 p. 110), segundo a ideia de uma reação newtoniana à força que nele incide.¹¹⁷

A dinâmica do aparelho, que fornecia a causalidade de seus processos, exigia pensar na origem daquelas quantidades ($Q\eta$) e nos modos de interação da matéria. Segundo esse modelo, a gênese do movimento nervoso só poderia ser um outro movimento – externo – pois a substância inerte¹¹⁸ tem como única causa as forças físicas que nela incidem (como a máquina, que depende, por definição, de uma fonte externa). Assim, o funcionamento do aparelho

responderia inteiramente ao modelo do choque mecânico,¹¹⁹ que se funda sobre o princípio de conservação do movimento.¹²⁰

Essa forma de racionalização dos processos psíquicos tem por efeito uma homogeneização entre o sistema nervoso e o mundo, como se ambos estivessem no mesmo plano de causalidade, e como se houvesse, entre eles, a possibilidade de uma transferência direta de energia. No limite, Freud toma o aparelho neurológico como parte do mundo. É o que faz com que Ricouer (1965) diga que ele é um aparelho “mundano” (p. 82). Isso acontece não somente como metáfora teórica. Freud supõe uma extensão concreta entre os limites desse sistema e o resto das grandezas físicas do universo.

Uma fonte de energia exterior – uma luz, por exemplo – incidiria o sistema nervoso como uma força própria que seria transmitida *tal qual* às suas vias de condução, cujos caminhos a direcionariam à descarga.¹²¹ Isso aconteceria da mesma forma como, no mundo concreto, uma determinada força atinge um objeto e transfere a ele sua energia (cinética).¹²² O estímulo chegaria ao sistema nervoso através dos órgãos dos sentidos, que Freud entendia como “telas” protetoras que reduzem parte da quantidade¹²³ que vinha de fora.¹²⁴

Seguindo o princípio da inércia, a energia empregada na ação de descarga (reação) deveria ser a mesma que a intensidade que o aparelho recebe da fonte exterior.¹²⁵ Freud busca fazer com que o modo de reação seja determinado totalmente pela arquitetura concreta do sistema nervoso, obedecendo aos princípios de uma racionalidade mecânica. Ele faz isso através do conceito de “barreiras de contato” – um raciocínio que acompanha a lógica materialista do processo –,¹²⁶ isto é, partes materiais dos neurônios que sofreriam alterações estruturais como resultado dos choques de quantidades de energia que incidiram no aparelho. Esses eventos deixariam “rastros”, derrubando, a depender de sua intensidade, algumas das forças de resistência e criando, assim, um caminho preferencial para a descarga, que se repetiria em ocasiões futuras.¹²⁷

A partir desse raciocínio, Freud tenta explicar a memória,¹²⁸ as representações e o desejo.¹²⁹

Acontece que algumas excitações exigiam mais do que a descarga imediata e proporcional das quantidades por via motora. Exigia que o aparelho fosse capaz de realizar uma “ação específica”, ou seja, que fosse dotado de função executiva, o que extrapolava o automatismo das reações reflexas e feria a tendência à anulação das energias em seu interior.¹³⁰

É nesse ponto que Freud recorre à biologia. A forma final de seu esquema, portanto, é atravessada pela biologia – mais do que pela física, sob certos aspectos.¹³¹ O que,

evidentemente, não anula o fato de que a mecânica tenha sido sua intenção primária. Ele retoma, assim, as primeiras elaborações e as ressignifica no interior do quadro mais completo a que havia chegado – que incluía o “processo primário”, mecânico, e, agora, o “processo secundário”. Esses dois passam a ter a forma de funções biológicas. Mas fica claro que o processo secundário é a versão bem-acabada do raciocínio,¹³² e que o processo primário tem existência meramente conceitual.

Alguns autores, como Simanke (2023) e Gabbi (2003), sugerem que o aparelho puramente reflexo de Freud teria, no *Projeto*, um caráter fortemente mítico (Simanke, 2023, p. 104). Em seu comentário sobre o texto, Gabbi argumenta que o sistema nervoso primitivo funciona como uma “ficção teórica” – cujas limitações, entretanto, coincidem com as limitações do projeto freudiano.¹³³ No conjunto do texto, o caráter ficcional do processo primário é inegável. Até porque sua superação é condição necessária para prosseguir na compreensão do sistema.

Não obstante, o raciocínio mecânico de Freud continua vivo, e merece ser considerado como uma intenção teórica independente. Como diz Gabbi (2003), “Uma tese maior de *Entwurf* está enunciada com todas as letras: os processos psíquicos têm de ser explicados como diferenças quantitativas, inclusive os processos que envolvem relações de intencionalidade” (p. 32). Freud não abandona a racionalidade da física nem quando defronta com os limites do mecanismo. Ele recorre a algumas ideias da biologia, especialmente como pano de fundo adaptativo^g de suas elaborações. Mas logo retoma seu “aparelho”, tentando contornar os impasses que surgiam reduzindo-os a novos processos quantitativos.¹³⁴

Nesse sentido, o pensamento mecânico não seria apenas um acessório metodológico no *Projeto*. Ao contrário, Freud realmente se compromete com os princípios que havia adotado no início do texto,¹³⁵ e os desenvolve até seus limites. O recurso à biologia, que dá ao texto o aspecto de uma composição heurística entre duas racionalidades, não anula o fato de haver um esforço real de redução mecanicista por parte de Freud.¹³⁶ Décadas depois, ele continuaria se referindo ao seu movimento da seguinte forma: “Nossa hipótese de *um aparelho psíquico que se estende espacialmente*, composto de elementos adequados a seu fim, desenvolvido conforme as necessidades da vida, que apenas em certo lugar e sob determinadas condições faz surgir o fenômeno da consciência — *essa hipótese nos permitiu estabelecer a psicologia sobre um*

^g Isto é, evolutivo.

fundamento semelhante ao de qualquer outra das ciências naturais, como a física, por exemplo.” (Freud, 2018, p. 148)

Como tentamos demonstrar anteriormente, essa parece ser a intenção fundamental da escrita do *Projeto* – sua *raison d’être* – (ao menos) em uma parte importante de seu desenvolvimento. As declarações do próprio do texto, as premissas implícitas ao esquema, a direção de seu desenvolvimento – tudo isso, junto com a análise historiográfica da correspondência de Freud (ver Anexo 3), aponta para essa interpretação. No fundo, é difícil pensar que Freud não cultivasse esperanças reais de construir uma máquina que logo pudesse “funcionar sozinha” (Freud, 1986, p. 147).

O simples uso de termos da biologia não significava que ele estivesse realmente desenvolvendo um pensamento de cunho biológico. Como aponta Gabbi (2003, p. 27), há no *Projeto* várias tentativas de reduzir o biológico ao mecânico.¹³⁷ Vimos como isso acontecia com o conceito de “reflexo”.^h Um outro exemplo é o uso do termo “estímulo” para indicar as “quantidades”/forças (internas ou externas) que incidiam sobre o aparelho/sistema nervoso.ⁱ

^h Embora considerasse que, em seu conjunto, o *Projeto* concebia “reflexo” de um ponto de vista biológico, por sua associação à hipótese da “vesícula protoplasmática” – que explicaria a origem do sistema nervoso – Simanke (2023) nos diz que “É partindo desta [de uma] versão mecanicista que o conceito chega até o *Projeto*, o que transparece no modo como Freud o vincula diretamente ao princípio da inércia”. (p. 92) Ele reconhece que é esse pensamento que está por trás da lógica pela qual Freud entende o sistema nervoso primário – por mítico que possamos tomá-lo: “O princípio de inércia enuncia, então, a regra geral de funcionamento de um sistema que fosse puramente mecânico – um ‘animal-máquina’ cartesiano, por assim dizer. Seu caráter ficcional se evidencia pela consideração de que tal sistema não poderia, *stricto sensu*, cumprir as duas funções (primária e secundária) que lhe foram atribuídas. Embora a função primária de descarga de quantidade pudesse, em princípio, ser cumprida por um aparelho reflexo que reagisse de forma estritamente mecânica aos estímulos – ou seja, um aparelho que pudesse ser concebido em termos de uma visão mecanicista de reflexo –, a função secundária (fuga de estímulo) requer alguma espécie de memória e uma concepção dos reflexos como adaptações biológicas.” (Simanke, 2023, p. 110. Destaques nossos)

ⁱ Apesar de caracterizarem alterações exógenas que provocam reações do organismo, a ideia de “estímulo”, na biologia, implica considerações que entram em plena contradição com um esquema de choque mecânico e com a ideia de uma transferência direta de energia entre dois corpos físicos. Para começar, a biologia se funda na divisão entre organismo e ambiente, onde o primeiro detém energia própria e modos de reação autônomos (como, ademais, aparece no *Projeto* com a introdução do “processo secundário” e em algumas afirmações fisicalistas do mecanicismo oitocentista, que ressaltam a diferença entre organismo e máquina [ver Bernfeld, 1944]). É essa divisão, inclusive, que permite com que se pense nas interações possíveis entre os dois, entendidas segundo causalidades naturais de adaptação.

Assim, não é possível pensar em uma relação de proporcionalidade quantitativa nas formas de interação entre organismo e meio – ou, nas variações de movimento –, como se eles fizessem diretamente parte do mesmo plano de causalidades. Como diz Beaudé (1978): “Pelo seu corpo, o homem faz parte da natureza mecânica. Corporalmente, ele não passa de matéria e todos os processos biológicos se explicam, tal como os fenômenos físicos, pela ‘figura e pelo movimento’. Significa isto que não existe uma biologia mecanista propriamente dita, visto que ela se definiria como uma biologia sem a ideia de vida” (p. 66)

Freud utiliza de forma mais ou menos indiscriminada “estímulo” e “excitação”, e chama Q(ή) de “quantidade de excitação”. Entretanto, tais ideias remetem justamente a um cenário em que o organismo vivo reage aos eventos externos através de um metabolismo. No fundo, os órgãos sensoriais – entendidos por Freud, no *Projeto*, como terminações do sistema nervoso, limites com o mundo externo – não funcionam de modo a receber diretamente as forças exógenas. Eles cumprem funções adaptativas específicas, a partir das quais, na presença de um evento

Assim, e tendo como base o que desenvolvemos no subcapítulo anterior, podemos pensar que esse caráter mítico do sistema do *Projeto* se deve à adesão de Freud a um modelo de pensamento específico, no qual ele efetivamente depositou sua crença científica. “Mito”, nessa acepção, significaria a própria linguagem que ele utiliza para abordar seu objeto, isto é, a estrutura de relações e sentidos que lhe conferem suas possibilidades conceituais – e ficcionais.¹³⁸

Palma (2009) chama a atenção para esse aspecto epistemológico do discurso científico. Em seu livro *Metáforas e modelos científicos*, ele defende o caráter inevitavelmente “mitológico” da transmissão de verdades científicas pela linguagem – sem que isso implique um rebaixamento do valor hierárquico da atividade científica. Segundo ele, as metáforas (ficções teóricas) das quais a ciência se vale – seja a máquina, o organismo, o desenvolvimento, a seleção, a cibernética etc. – desempenham um papel cognoscivo e epistêmico fundamental em sua atividade (Palma, 2009 p. 11). Palma critica a compreensão de uma epistemologia tradicional que entende a linguagem científica apenas como uma descrição literal da realidade (Palma, 2009, p. 8).

O filósofo Edwin Burt (1983) tem uma compreensão semelhante. Em seu trabalho, Burt denuncia o pano de fundo metafísico por trás das muitas construções e desenvolvimentos da ciência moderna, desde seu aparecimento. Ele aponta para a existência de um pensamento cosmológico subjacente aos nossos processos mentais:

Afinal, como é curiosa a maneira pela qual nós, modernos, pensamos a respeito de nosso mundo! E como é nova, também. A cosmologia subjacente a nossos processos mentais tem apenas três séculos de idade – uma simples

determinado, produzem respostas prefiguradas. A produção de impulsos nervosos, que ocorre através de processos eletroquímicos, é uma dessas respostas adaptativas. Isso não quer dizer que as quantidades externas tenham efetivamente adentrado o organismo, como uma transferência de energia. No limite, é o próprio organismo que produz a energia do impulso elétrico, a estimulação não sendo senão uma relação entre indicadores e marcadores biológicos. A fonte de energia surge como produto do metabolismo em outras funções biológicas – alimentação, por exemplo, e digestão. Prova disso é que um organismo desnutrido, ou morto, perde a capacidade de sensibilidade. A “excitação” tampouco é o estado do corpo que recebe a energia externa através do choque, mas antes o estado de ativação das coordenadas de resposta adaptativas frente a um determinado estímulo do ambiente. Esse “estímulo” já é uma informação biológica, ambiental, não pode ser tomado como uma quantidade bruta. Mesmo no caso da fotossíntese das plantas, por exemplo, não podemos entender que a energia solar (no caso, o calor) passa diretamente para o organismo. Ela desencadeia reações químico-biológicas, que produzirão as condições de vitalidade do organismo.

O fato de Freud entender, no *Projeto*, os órgãos do sentido como possíveis “telas” contra quantidades, demonstra bem como ele empregava a ideia de estímulo de forma diferente da que descrevemos acima.

Para mais detalhes sobre isso, ver Canguilhem (2012b). Ver, também, as notas 10, 11 e 12 da tradução comentada de Gabbi (2003, pp. 28-29), que corroboram nossa interpretação. Entre outras coisas, Gabbi diz que a recepção de estímulos “Q” acontece através do modelo do choque mecânico de um evento externo que coloca o sistema em movimento direto, demonstrando que a racionalidade em questão é mecanicista (embora utilizando de termos como “estímulo” e “estimulação”).

criança na história do pensamento – e, no entanto, nos apegamos a ela com o mesmo zelo intranquilo com que um jovem pai afaga seu bebê recém-nascido. Tal como ele, somos bastante ignorantes a respeito de sua natureza precisa; contudo, tal como ele, acreditamos candidamente que ela nos pertence e permitimos que ela exerça um controle sutil, abrangente e sem restrições sobre nosso pensamento. (Burt, 1983, p. 9)

A intenção desses autores é demonstrar como a atividade científica parte sempre de formas e modelos conceituais para produzir tais verdades. Isso não diminui o valor dessa atividade, a não ser que as verdades científicas se pretendam absolutas.¹³⁹ Essa forma de ver as categorias científicas, contudo, as torna passíveis de uma análise que busque explicitar as consequências da utilização da linguagem na construção conceitual. Como diz Palma (2009),

[...] não tem nenhum sentido elaborar uma espécie de denúncia ou advertência sobre os supostos perigos ou riscos da linguagem metafórica. Em vez disso, trata-se de analisar a natureza e a função das metáforas para compreender o tipo de compromissos conceituais, intelectuais e epistemológicos que alguém assume quando as enuncia e de aproveitar suas potencialidades. (p. 11)

No *Projeto*, os pressupostos mecânicos utilizados por Freud conferem ao texto características determinantes desse tipo. Eles estruturam parte de seu horizonte conceitual a partir das categorias metafísicas (Burt, 1983) do contexto epistêmico de onde foram tirados. Eles também configuram as possibilidades e os limites que o autor terá no interior daquela linguagem, que, em certa medida, impõe a ele exigências lógico-formais, das quais só se vê livre ao abandoná-la.¹⁴⁰

Nesse sentido, podemos dizer também que uma tal linguagem sistematiza alguns dos impasses fundamentais com os quais um autor irá defrontar em seu desenvolvimento teórico, na medida em que eles fariam parte de uma racionalidade que impõe ao conceito seus contornos.

É o que parece acontecer na experiência de Freud com o *Projeto*. Se o seu movimento inicial é de reduzir as causalidades dos processos psicológicos à quantidade e à matéria, sua contraparte se revela quando as possibilidades desse pensamento se esgotam e ele se vê diante de certas impossibilidades. Isso quando não se produzem antinomias no interior da própria perspectiva mecânica, ao tentar esticá-la para além de seu domínio.¹⁴¹ Em momentos como esse, Freud é colocado diante de alguns problemas típicos da redução quantitativa e materialista: as formas da *qualidade* e da *consciência*. “A consciência”, diz ele,

dá-nos o que se chama de *qualidades*, sensações que numa grande variedade são algo *diverso* [*diferentes* – “*anders*”] e cuja *diversidade* [*diferença* – *Anders*] diferencia-se segundo relações ao mundo externo.¹⁴² Nessa

diversidade há séries, semelhanças etc., não há propriamente quantidades. Pode-se perguntar: *como* se originam as qualidades e *onde* se originam as qualidades? São questões que carecem da mais cuidadosa investigação e que, aqui, só podem ser tratadas aproximadamente. (Freud, 2003, p. 187, destaques do autor)¹⁴³

O capítulo 7 do *Projeto* tem o título *O problema da qualidade*.¹⁴⁴ Nele, Freud discute principalmente a consciência, demonstrando como essas duas categorias estão intimamente relacionadas em seu pensamento. “Até agora”, diz ele,

não discutimos de nenhuma maneira que toda teoria psicológica tem ainda, além dos desempenhos [*Leistungen*] decorrentes do lado científico-naturalista, de satisfazer uma grande exigência. Ela nos deve explicar aquilo que conhecemos de forma mais enigmática através de nossa “consciência”, e dado que esta consciência não sabe nada das suposições feitas até aqui – quantid[adaes] e neurônios – ela também nos deve explicar este não saber. Imediatamente esclarecemos um pressuposto que nos guiou até aqui. Temos tratado os processos psíquicos como algo que poderia prescindir deste conhecimento dado pela consciência, que existe independente de uma tal consciência. (Freud, 2003, pp. 186-187)

Freud fala da consciência como algo que não faz parte do trabalho do campo científico-naturalista, chegando a opor os dois.¹⁴⁵ “[...] nossa consciência só fornece *qualidades*”, diz ele, “enquanto a ciência natural¹⁴⁶ reconhece apenas *quantidades*” (Freud, 2003, p. 188). A consciência, tal como se apresentava – isto é, indicando qualidades – não podia ser expressa pela linguagem que descrevia apenas “quantidades e neurônios”.

É verdade que, depois, há várias tentativas da parte de Freud de incorporar esses novos elementos a uma linguagem quantitativa.¹⁴⁷ Mesmo assim, Freud é levado inevitavelmente a falar em termos dualistas durante a construção do esquema (um dualismo que não diz respeito à divisão entre física e biologia, que, como tentamos demonstrar, não é um verdadeiro dualismo).^j Algumas de suas categorias, que faziam parte do funcionamento mecânico,

^j A divisão entre mecânica e biologia não é um verdadeiro dualismo, pois essas duas categorias não se sustentam mutuamente.

Não pretendemos afirmar que Freud era um autor dualista, o que seria exagerado e incorreto. É muito diferente dizer que há um dualismo que atravessa epistemologicamente as categorias freudianas do que propor sua consolidação como um autor de pensamento dualista. De toda forma, basta reconhecermos que algumas categorias do esquema de Freud são dotadas de qualidades que não se reduzem à lógica mecânica, a despeito de seu esforço para que isso acontecesse. E, aqui, não é o caso de se afirmar um recurso à biologia. Pois, como observa Gabbi (2003), “Tanto o modelo mecânico – baseado nas diferenças quantitativas – quanto o modelo biológico – fundado na evolução do sistema – são incapazes de explicar a consciência.” (p. 128) Nesse sentido, é de se pensar se o problema da consciência não era consequência indireta da adoção irrefletida de uma linguagem “científica”/“científico-naturalista” [*Naturwissenschaftliche*] que desconsiderava seus próprios limites.

permanecem suspensas em uma espécie de indefinição marcada pela impossibilidade de reduzi-las à linguagem quantitativa. Vemos surgir sob sua pena considerações sobre a consciência, a percepção, a representação, o Eu, o pensamento, o julgamento, entre outros, que lhe aparecem como dimensões heterogêneas ao esquema mecânico.¹⁴⁸ Freud tenta reduzi-las a uma linguagem quantitativa, mas não pode evitar falar delas por meio de formas que denotam uma outra racionalidade.

Paul Ricouer aponta esse problema por exemplo, quando Freud trata dos processos de inibição e discriminação,¹⁴⁹ que envolvem também o conceito de “Eu”, e se estendem até a atenção, o juízo e reconhecimento da realidade:

É ainda mais difícil de explicar, em termos mecânicos, a relação entre inibição e discriminação [...]. Com a discriminação, entram no sistema funções cada vez menos designáveis como energias mensuráveis.¹⁵⁰ O *Projeto*, na sua terceira parte, introduz mesmo temas descritíveis, muitos dos quais serão explorados apenas muito mais tarde: o ‘julgamento’ – termo tomado de empréstimo de Jérusalem – é concebido como reconhecimento da identidade entre um investimento de atração [*appétitif*] e um índice perceptivo de realidade: esse reconhecimento real de um objeto desejado constitui a primeira etapa da apreciação da realidade, da crença. Freud não se precipita dando-lhe uma interpretação quantitativa: mas é claro que “o investimento dos neurônios psíquicos” (351) é uma simples transcrição da psicologia em uma linguagem conveniente.

Dizemos o mesmo sobre a ‘atenção’, concebida como interesse suscitado em ψ por um índice de realidade; a explicação proposta constitui desde o início uma explicação econômica – esse interesse consistindo em uma preparação do eu para superinvestir a percepção (373). Mas será que isso ainda é uma interpretação mecânica e quantitativa? (Ricouer, 1965, pp. 91-93)

2.4. A consciência e o problema da qualidade

Em agosto de 1895, quando trabalhava sobre o *Projeto*, Freud escreve a Fliess dizendo:

[16 de agosto de 1895] Tive uma estranha experiência com a $\phi\psi\omega$. Pouco depois de haver soado o alarme com meu comunicado que ensejou congratulações, e depois de haver escalado um dos primeiros picos, vi-me confrontado com novas dificuldades, mas sem que me restasse fôlego suficiente para novos trabalhos. Assim, recompondo-me rapidamente, deixei toda a coisa de lado e venho-me convencendo de que não estou nem um pouco interessado nela. [...] A psicologia é mesmo uma cruz. Jogar boliche ou catar cogumelos, pelo menos, são passatempos muito mais saudáveis. Tudo o que eu estava tentando fazer era explicar a defesa, mas experimente só tentar explicar algo que vem bem do âmago da natureza! Tive que abrir caminho palmo a palmo através do problema da qualidade, do sono e da memória – em

suma, a psicologia inteira. Agora, não quero mais ouvir falar nisso. (Freud, 1986, p. 136)

Esse é um dos momentos-chave, em que Freud se frustra com o andamento de suas pesquisas e coloca o *Projeto* de lado por um tempo.¹⁵¹ Segundo suas palavras, ao tentar explicar [*erklären*] a defesa, ele foi levado a questões que pertenciam ao próprio “âmago da natureza”, e que exigiam dele que solucionasse a psicologia como um todo/por inteiro.¹⁵²

A referência à natureza é sugestiva. Na verdade, ela é presente desde o início, quando se pensa em uma ciência “natural” [*Naturwissenschaft*]. Assim, parece mais provável que os problemas que Freud enfrentava não pertencessem realmente ao “âmago da natureza”, mas ao âmago da ideia de natureza que ele havia mobilizado.¹⁵³

Uma dessas questões era o *problema da qualidade*, que destacamos por aparecer de forma explícita no texto do *Projeto*. “Onde se originam as qualidades?”, ele se pergunta. “Não no mundo externo”, responde, “pois segundo nossa intuição científico naturalista, à qual a psicologia também aqui [neste ‘*Projeto*’] deve ser submetida, externamente há apenas massas em movimento e nada mais.” (Freud, 2003, p. 187)

De fato, a natureza foi reduzida, em um determinado momento da história do pensamento ocidental, ao universo de massas e movimento, que existiria e funcionaria de modo independente da vontade humana. Essa concepção, fortemente influenciada por um pensamento matemático,¹⁵⁴ excluía do conhecimento as chamadas qualidades, promovendo uma dissociação entre homem e mundo, consciência e matéria.¹⁵⁵ Como diz Freud (2003), no próprio *Projeto*, “a ciência se colocou como tarefa retroceder de nossas *qualidades* sensoriais em seu conjunto para *quantidade[s] externa[s]*”. (p. 188). “Ao que parece”, diz ele, ainda “a característica da qualidade (ou seja, sensação consciente) só se manifesta quando as quantidades são tão excluídas [interrompidas, desligadas – *Ausgeschaltet*] quanto possível.” (Freud, 1996j, p. 370)¹⁵⁶

O filósofo Alfred Whitehead, explica como essa visão de mundo moderna – que surge a partir da revolução científica no século XVI e de sua redução metodológica – dá origem a uma bifurcação da ideia de natureza, resultando, em última instância, na conhecida divisão entre extensão e pensamento (ou corpo e mente). Como podemos ver abaixo, isso começa como uma necessidade epistêmica:

A natureza é aquilo que observamos pela percepção obtida através dos sentidos. Nessa percepção sensível, estamos cômicos de algo que não é pensamento e que é contido em si mesmo com relação ao pensamento. Essa

propriedade de ser autocontido com relação ao pensamento está na base da ciência natural. Significa que a natureza pode ser concebida como um sistema fechado cujas relações mútuas prescindem da expressão do fato de que se pensa acerca das mesmas. (Whitehead, 1993, p. 7)¹⁵⁷

Nesse sentido, não deixa de ser significativo que a ideia de consciência surja inicialmente na pena de Freud como um problema epistêmico:

Assim, estamos preparados para descobrir que algumas de nossas suposições não serão confirmadas pela consciência. Se não nos deixarmos desconcertar por tal fato, segue-se desse pressuposto que a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro, dos processos neurônicos; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda extensão como inconscientes e cabe inferi-los do mesmo modo que as outras coisas naturais. (Freud, 2003, p. 187)

Vê-se, pela citação acima, que a consciência está longe de ser apenas uma questão psicológica ou experimental, mas de *conhecimento*. Ela é tratada, por Freud, como uma forma parcial do conhecimento sobre os processos psicológicos, em oposição ao “inconsciente”, que representava a totalidade dos processos fisiológicos^k – aos quais, inclusive, o fenômeno da consciência deveria estar submetido. Aquele que quisesse conhecer(-se) pela consciência, por assim dizer, jamais conseguiria chegar à matriz causal que embasava as verdades científicas, que fazia com que o objeto da psicologia devesse ser tomado como os demais fenômenos naturais.

Não pretendemos entrar nesse complexo problema epistemológico, que renderia um trabalho por si só. O importante é reconhecer o aparecimento e a influência da “qualidade”, no *Projeto*,¹⁵⁸ que Freud também chama de “sensação consciente” [*bewußte Empfindung*] (p. 188). Pois, a partir daí, muitas das categorias que ele mobiliza irão se afirmar sobre um limite tênue entre quantidade e qualidade, em que ora se apresentam como parte dos processos do mecanismo, ora como uma consciência que envolve processos heterogêneos à quantidade.

Um exemplo disso é o conceito de “representação/ideia” [*Vorstellung*] e sua relação com a “percepção. Freud parte de uma visão empirista, em que as ideias são derivadas diretamente das experiências sensíveis.¹⁵⁹ O termo *Vorstellung*, em alemão, significa literalmente “posto

^k O inconsciente tem o sentido, aqui, de “involuntário” – e, no limite, “inanimado” e “automático”. Como bem observa Gabbi (2003), “O termo *inconsciente* é usado para referir-se a processos fisiológicos, para qualificar tais processos, ou seja, como adjetivo. No final do parágrafo, ao afirmar ‘cabe inferi-los como as outras coisas naturais’, Freud expressa claramente seus pressupostos naturalistas.” (p. 124). Jayme Salomão também diz: “Eis aqui um bom exemplo do fato de que, em alemão, a palavra “*unbewusst*”, que traduzimos por ‘inconscientes’, é uma forma verbal *passiva* que poderia ser traduzida como ‘inconscientizados’.” (Freud, 1996j, p. 368, destaques do autor).

diante”, “colocado à frente”, o que ilustra bem o sentido de “imagem mnêmica” que ele assume no texto freudiano, como resíduo de uma vivência empírica. Acontece que Freud remete esse processo à materialidade do sistema nervoso. Assim, a representação seria um registro anatômico da vivência perceptiva (causada pelas quantidades), e a memória seria a reprodução automática dessa imagem gravada do objeto percebido:

Através da percepção são ativados conjuntamente os sistemas ϕ e ψ ; porém há um processo psíquico realizado exclusivamente em ψ , **o reproduzir ou recordar**, e este, falando genericamente, é *sem qualidade* [desprovido de qualidade]. A recordação não traz, *de norma*, nenhum tipo especial de qualidade perceptiva.” (Freud, 2003, p. 187, destaques nossos em negrito, destaques do autor em itálico).¹⁶⁰

Isso dissocia a consciência da percepção, que se torna um processo passivo de recepção de quantidades (uma via de condução material).

Como parte da realização de uma “dinâmica das ideias”, Freud ainda adota, para elas, o raciocínio atomista da física,¹⁶¹ que fazia com que as representações pudessem ser tomadas como unidades – que, em última instância, remetiam a um neurônio específico.¹⁶²

Entretanto, mesmo que ignorássemos a pergunta sobre como as quantidades se transformam em ideias – ou melhor, como as quantidades transferem ao sistema nervoso as características diferenciais dos objetos/imagens externos – essa visão esbarra no problema sobre os limites da representação que depois é reproduzida como precipitado da percepção.

Tal problema nos coloca diante do fato da participação *ab initio* das qualidades no fenômeno da percepção.

Afinal, o que seria uma ideia? Se a vivência perceptiva consistiu na visão do rosto da mãe, que amamenta a criança, e no som de sua voz, o que exatamente fica registrado na memória? O rosto? Mas quais os limites desse rosto? É lícito imaginar que haja uma diferenciação cognitiva primária da unidade dos objetos, segundo as formas que os classificamos em linguagem comum? E, mesmo se admitíssemos que é o rosto que jaz como traço mnêmico – o que é exatamente esse rosto? No caso de um sorriso materno – isso seria um elemento mnêmico à parte?¹⁶³

Mesmo que supuséssemos que o sistema nervoso captura cada momento como uma foto – que é depois reproduzida de modo idêntico no “olho da mente” – ainda assim não haveria condições para a diferenciação entre os objetos da cena, e, portanto, a formação de “ideias”. O

fato isolado de uma vivência não seria suficiente para a discriminação, mas exigiria pelo menos mais uma vivência como base comparativa.

Assim, Freud é levado a tratar de elementos linguísticos e hermenêuticos. Na citação abaixo, vê-se como ele tenta traduzi-los na linguagem da ciência natural que havia tomado como modelo, através de uma correspondência entre as unidades representacionais – supostamente derivadas da percepção – e os neurônios do sistema nervoso. Nela, Freud tenta dar conta do fato de que a vivência de satisfação não deixa atrás de si apenas um traço de memória, mas vários. E que, portanto, o “desenvolvimento de ψ ”, entendido como a base material da memória,¹⁶⁴ exige uma “compreensão ampla”:

Mas a facilitação forma-se de uma maneira que permite ter uma visão mais profunda sobre o desenvolvimento de ψ . Até agora travamos conhecimento com a influência de ϕ e das conduções endógenas sobre neurônios ψ ; todavia os neurônios singulares ψ estavam bloqueados entre si por barreiras de contato com fortes resistências. Ora, há uma lei fundamental de *associação por simultaneidade*, presente em toda atividade ψ pura, na recordação reprodutiva, e fundamento de todas as ligações entre os neurônios ψ . Aprendemos que a consciência, portanto, a ocupação quantitativa de um neurônio α de ψ , passa para um segundo β , se α e β forem uma vez ocupados simultaneamente desde ϕ . Assim, pela ocupação simultânea α - β , uma barreira de contato foi facilitada. (Freud, 2003, pp. 196-197)¹⁶⁵

Em outro momento, ao tratar do mecanismo do processo secundário, isso também aparece. A função executiva – de cunho biológico – preconizava a realização da ação específica quando houvesse uma situação de “identidade perceptiva” entre a memória e as condições percebidas no mundo real – o que garantiria, por aprendizado, a descarga efetiva da tensão e o afastamento do risco biológico ao organismo. Entretanto, isso esbarrava no problema dos limites das ideias, pois, como vimos, uma vivência normalmente é responsável pelo registro de mais de uma representação – ou, de várias representações ligadas a uma cena:

Ou seja, é o momento de recordarmos que as ocupações perceptivas jamais são ocupações de neurônios isolados, mas sempre de complexos. Até aqui nos descuidamos deste traço; agora é o momento de levá-lo em conta. A ocupação desiderativa [ocupação/investimento de desejo/desejante] refere-se de forma bastante geral a neurônio a + neurônio b ; a ocupação perceptiva, a neurônio a + neurônio c . Dado que este será o caso mais frequente, mais que o da identidade, ele merece uma consideração mais exata. A experiência biológica também ensinará aqui que é inseguro iniciar a eliminação enquanto os signos de realidade não concordarem com a totalidade do complexo, mas só com uma parte. Todavia foi descoberto agora um caminho para aperfeiçoar a similaridade até a identidade. O complexo perceptivo decompõe-se, por meio da comparação com outros complexos perceptivos, em um componente neurônio a , precisamente aquele que quase nunca muda, e em um segundo,

neurônio *b*, aquele que quase sempre varia. A linguagem dará mais tarde para esta decomposição o termo *juízo* e descobrirá a similaridade que, de fato, existe entre [o] núcleo do eu e o componente constante da percepção, as ocupações mutáveis do manto e o componente inconstante, chamará o neurônio *a* de a *coisa* e o neurônio *b* de sua atividade ou atributo; em suma, de seu *predicado*. (Freud, 2003, pp. 204-205. Destaques do autor)

Em resumo, tudo isso leva ao questionamento da produção quantitativa das representações na experiência sensível, e sugere a participação *ab initio* de qualidades no processo da percepção.¹⁶⁶

Muitos autores reconhecem o problema da consciência como o obstáculo que teria aparecido a Freud e provocado o fracasso do *Projeto*. Chessick (*apud* Smith, 1999), por exemplo, irá afirmar categoricamente que: “Foi o tema do paralelismo psico-físico que fez com que Freud – como Descartes – fracassasse, e que fez com que ele abandonasse o ‘Projeto’.”¹⁶⁷

Além dele, Peter Gay (1989) também dirá:

[...] a mente em busca de satisfações tenta obtê-las agindo no mundo real – percebendo-o, raciocinando sobre ele e modificando-o de modo a fazê-lo ceder a desejos persistentes. Por isso, uma psicologia científica que pretenda dar conta de toda a vida mental precisa explicar a memória, a percepção, o pensamento, o planejamento, tanto quanto a satisfação do relaxamento após a descarga de estímulos. Uma maneira através da qual Freud pensou fazer justiça a essa diversidade do trabalho mental foi a de postular três tipos de neurônios, os próprios para receber estímulos, os próprios para transmiti-los e os próprios para conduzir os conteúdos da consciência. Ele estava especulando, embora não ao acaso e na companhia de outros psicólogos respeitáveis. Mas seu sistema exigia muitas coisas, principalmente uma compreensão da natureza e das atividades da consciência, que derrotavam Freud, assim como seus colegas estavam sendo derrotados por dificuldades encontradas em hipóteses semelhantes. (p. 89)

Outro autor que compartilha essa ideia é James Strachey (1996j):

E, afinal, não se deve esquecer de que o próprio Freud terminou por abandonar toda a estrutura neurológica. Não é difícil adivinhar o motivo. Pois ele descobriu que sua maquinaria eletrônica não dispunha de meios para explicar o que, em *O ego e o id*, ele descreveu como sendo, “em última análise, nosso único fecho de luz nas trevas da psicologia profunda” – isto é, “a faculdade de estar consciente ou não”. Em sua última obra, o póstumo *Esboço de psicanálise*, ele declara que o ponto de partida para investigar a estrutura do aparelho psíquico “é proporcionado por um fato sem paralelo, que desafia toda explicação ou descrição – o fato da consciência. (p. 352)

O mais significativo dos autores críticos ao *Projeto*, entretanto, é ninguém menos que o próprio Freud. Logo no primeiro dia do ano de 1896, após engavetar raivosamente todos os seus papéis, ele reconhece que seus esforços tinham errado ao reduzir as interações do sistema nervoso às quantidades, ressaltando os problemas que isso trazia à ideia de consciência.¹⁶⁸ E admite, assim, que o processo da percepção já envolveria *eo ipso* as qualidades das representações:

Segundo essa [nova] visão, os processos perceptuais abrangeriam *eo ipsi* [por sua própria natureza] a consciência e só produziriam seus efeitos psíquicos *depois* de se tornarem conscientes. [...] Também me livreí do incômodo problema de determinar quanto da intensidade ϕ (dos estímulos sensoriais) é transferida para os neurônios ψ . A resposta é: em forma direta, absolutamente nada. A Q , em ψ depende exclusivamente da medida em que a atenção livre de ψ é dirigida pelos neurônios ω . (p. 458)¹

Por fim, vinte anos depois, ele escreve:

Um inabalável resultado da pesquisa é que a atividade anímica se encontra mais ligada à função do cérebro do que a qualquer outro órgão. Um pouco adiante – não se sabe quanto – leva-nos à descoberta da importância desigual das partes do cérebro e suas relações especiais com determinadas partes do corpo e atividades espirituais. Mas fracassaram radicalmente todas as tentativas de a partir disso encontrar uma localização para os processos anímicos, todos os esforços de pensar nas ideias como se fossem armazenadas em células nervosas e nas excitações como se vagassem pelas fibras dos nervos. (Freud, 2010, p. 112)

¹ Antes, Freud pensava que as quantidades incidiam em ϕ [percepção] e passavam para ψ [memória], mecanicamente. A excitação excessiva de ψ atingia ω [consciência] por indução, posteriormente. Ou seja, ψ , a memória, recebia suas informações diretamente do mundo externo.

Agora, Freud diz que interpõe ω (a consciência) entre ϕ e ψ , e que as quantidades não passam mais a ψ *de nenhuma forma*. O que acontece é que ω estimula ψ , que, por sua vez, tem energia própria (endógena, que vem do interior do organismo). Ou seja, as gravações em ψ já são, de certa forma, eventos qualitativos, porque passaram pela consciência. No esquema anterior, a consciência era acionada por indução, apenas depois da gravação direta da quantidade que passava de ϕ para ψ – e apenas a partir de determinado nível de excitação de ψ . Agora, ela é acionada antes da estimulação de ψ .

Na verdade, no próprio *Projeto*, em sua última página [da Parte 1], Freud já apontava as contradições de sua concepção da consciência, e da incongruência de dizer que ela surgiria a partir da intensidade de ocupação dos neurônios da memória: “Talvez haja ainda algo que se possa deduzir dos processos oníricos: que a consciência se origina *durante* um curso de Q_n , isto é, ela não é despertada por uma ocupação *constante*. Ademais, dever-se-ia chegar à conjectura de que uma corrente de Q_n intensa não seria favorável à gênese da consciência, pois esta está ligada ao resultado do movimento, por assim dizer, a uma duração ainda mais serena da ocupação. É difícil, entre essas determinações contraditórias entre si, penetrar no que condiciona efetivamente a consciência. Também se terá de considerar a este respeito as relações sob as quais se origina *consciência* no processo secundário”. (Freud, 2003, p. 217. Destaques do autor)

2.5. O desejo

Tudo o que foi dito até agora prepara terreno para que possamos definir o *desejo*, na metapsicologia do *Projeto*, de modo simples e claro.^m Podemos separar em três vertentes essa definição, segundo cada um dos modelos que atravessam o texto freudiano: quantitativo ou “mecânico”, qualitativo ou “subjetivo” e adaptativo ou “biológico”.

No primeiro caso, o desejo está vinculado diretamente aos processos dinâmicos do sistema nervoso. Ele aparece principalmente sob a forma de uma *ocupação de desejo* [*Wunschbesetzung*], usada por Freud para descrever a incidência ou movimento de quantidades que atingem um determinado neurônio ou representação.¹⁶⁹ O termo *besetzen*, nesse contexto, evoca a ideia de um espaço preenchido pela energiaⁿ (que é também capaz de contê-la por um certo período), e deriva diretamente da concepção de ocupação neuronal/neurônio ocupado, introduzida no início do texto.¹⁷⁰ Tendo construído as bases mecânicas dos processos do aparelho nas primeiras páginas, Freud passa a falar livremente em *Wunschbesetzung* nas seguintes, como se fosse um desenvolvimento natural de seu raciocínio.¹⁷¹

Essa vertente também é expressa pela referência à ideia de “realização de desejo” [*Wunscherfüllung*]. O termo “*Erfüllung*” significa “realização” ou “cumprimento”, mas, do ponto de vista literal, ele aponta para a ideia de “(pre)enchimento”. No sintagma, destaca-se o vocábulo “füllen”, que descreve o ato de encher um recipiente (com algo), como, por exemplo, um copo de água.¹⁷² Fica claro, aqui, o paralelo com o deslocamento das quantidades no sistema nervoso e seu represamento nos neurônios (a partir do raciocínio que envolve as barreiras de contato).¹⁷³ Afinal, Freud também usa “*Erfüllung*” para se referir de ao acúmulo de quantidade

^m Como explicitamos acima, na parte deste trabalho reservada ao método, nossa intenção não era realizar um estudo de cada momento em que o desejo é articulado na pena de Freud, buscando compor um mapa internalista de seus significados. Procuramos, antes, identificar as principais tensões conceituais que compõem o texto e determinam as possibilidades de entendimento sobre o conceito de desejo naquela teoria. Percebe-se, agora, as limitações de uma análise puramente internalista. Pois, mesmo que descrevêssemos todas as relações a partir das quais o desejo se afirma no interior do esquema freudiano, ela não diria nada além dela mesma. Ao contrário, sua compreensão mais ampla exige pensarmos nas influências epistemológicas do discurso freudiano e em como elas impactam a forma e o desenvolvimento da teoria.

ⁿ Como diz Gabbi (2003), em sua tradução do texto, o verbo *Besetzen*, no *Projeto*, tem um caráter claramente físico-quantitativo: “Traduzimos *besetzen* por *ocupar*. Não escolhemos nem *investir*, nem recorremos a *catexizar* para dar conta do termo criado por Strachey, derivado da língua grega, para a *Standard Edition*. A razão para rejeitar *investir* está dada pelo próprio contexto em que o termo é usado em *Entwurf*. Um neurônio é ocupado (*besetzt*) por uma certa quantidade, podendo estar vazio, desocupado (*ler*, ou seja, *wurde nicht besetzt*). As opções *investir* e *investimento* não são totalmente consistentes quando aplicadas a *Entwurf*. Quando algo estiver ocupado, estará dotado de uma certa quantidade de movimento; quando estiver vazio, estará em repouso. Aqui, a analogia é derivada da física e não da economia como ocorre em *Traumdeutung*, quando se diz, por exemplo, que o desejo infantil é o investidor do sonho.” (p. 33)

de forma geral: “O preenchimento [*Erfüllung*] dos neurônios nucleares em ψ terá como consequência um esforço de eliminação, uma *incitação* [*urgência*] para obter alívio na direção do caminho motor.” (p. 195)

Uma outra conotação presente no texto é a de “tensão” [*Spannung*], que evoca circuitos elétricos. Ela também tem raízes na física, embora ligeiramente diferentes da primeira – que se concentra na dinâmica mecânica, não na elétrica. Por isso, sua participação é mais discreta, predominando a ideia anterior de espaços a serem ocupados.¹⁷⁴ De todo modo, a noção de um conjunto de neurônios “excitados” remete a uma tensão do sistema nervoso¹⁷⁵ – que, em um dos casos, se traduz no desejo –¹⁷⁶ assim como alguns usos do conceito de “descarga” [*Entladung*].¹⁷⁷

Mas o termo “tensão” [*Spannung*]^o também pode assumir um outro significado: *qualitativo*, denotando um estado de consciência de expectativa/tensão emocional/afetiva.¹⁷⁸ O que nos leva à segunda definição do desejo.

Por mais que o raciocínio mecânico já estivesse presente, o termo “*Wunsch*”, na verdade, aparece pela primeira vez ligado à “vivência de satisfação”, no capítulo 12. Na ocasião, Freud explica que a satisfação, enquanto evento mecânico primário (e mítico, é claro), deixa atrás de si a facilitação entre os neurônios atingidos, cujas lembranças seriam reativadas com o “reaparecimento do estado de *urgência* [*Drangzustande*] ou de *desejo* [*Wunschzustande*]”.

Portanto, o desejo surge na pena de Freud inicialmente como um *estado qualitativo* [*Zustande*] de tensão, paralelo aos processos de ocupação [*besetzten*] neuronal. E assim será referido muitas vezes, depois.

É digno de nota que Freud só fale em “desejo” após a introdução da consciência e do debate sobre a qualidade. Isso sugere que essa era a conotação principal que a ideia de desejo assumia em seu pensamento.¹⁷⁹

Como vemos acima, Freud coloca o estado de desejo lado a lado com um suposto “estado de urgência”, em que ele seria traduzido por uma espécie de sensação consciente de ímpeto. No fim do capítulo anterior, Freud já havia introduzido conceitos semelhantes ao desejo, como a “vontade” [*Wille*] e mesmo “pulsões” [*Trieb*], essas que seriam a “força” que responderia pelo “impulso [*Antrieb*] mantenedor de toda atividade psíquica” (Freud, 2003, p. 195) – produzidas pela acumulação de $Q\eta$ endógena em ψ .¹⁸⁰ De fato, nada impede que o desejo seja uma forma dessa força pulsional. Contudo, ela ainda não parece caracterizar “desejo”, para

^o O termo deriva do verbo *spannen*, que significa mais propriamente “esticar”/“tensionar”.

Freud. Ele só fala em desejo depois da ideia de que o esquema mítico da vivência de satisfação deixa atrás de si uma memória – a qual pode, então, ser objeto de sensação consciente. Assim, o desejo parece se diferenciar da pressão da “vontade” por ter uma íntima relação com essa representação/ideia da memória.¹⁸¹ Ele seria, portanto, um estado de urgência específico que tem por objeto uma representação. Ou melhor, que, por causa da primeira experiência de satisfação, se vincula positivamente (atração) a um registro perceptivo (memória).¹⁸²

Ao contrário de outros elementos do esquema, o desejo parece evocar a concepção de uma atividade subjetiva, denotando a existência de *um sujeito* que tem um desejo, para além de sua redução como aparelho (sistema nervoso) ou como organismo. Mais do que isso, de um sujeito que deseja *algo*. Freud utiliza várias vezes a ideia de um “objeto desejado” [a que o processo de desejo visaria], por exemplo. O que, evidentemente, nos faz pensar na contraparte do sujeito que tem, com esse objeto, uma relação de intencionalidade. Essa linguagem, ou contexto de onde provavelmente o termo foi tirado, se mistura às tentativas de construir o esquema científico – que busca justamente a exclusão do sujeito como forma de atingir a objetividade dos fenômenos naturais.¹⁸³

Pribam e Gill (1976), por exemplo, ao comentarem o esquema freudiano, não podem evitar se desviarem da linguagem científica para a experiência comum de alguém que experimenta ter um desejo (por *algo/alguém*):

Essa busca de reprodução do estado em ψ foi designada por Freud como ativação do desejo e ocorre de um modo relativamente gradual através de um processo de somação. Ocasionalmente, a ativação pode-se tornar tão poderosa que destorce ou até suprime as percepções iniciadas por excitações diretamente derivadas do mundo externo. *Todos nós experimentamos o desejo de encontrar uma pessoa amada numa multidão*, o que apenas resulta em identificarmos erradamente, por algum tempo, toda e qualquer semelhança passageira. (p. 51, destaques nossos)

Por mais que participe do processo de ocupação neuronal e registro da percepção, o sistema nervoso, em si, não parece capaz de *desejar*. Isso seria apanágio de um estado consciente que percebe qualitativamente um objeto. Mas, mais do que isso, de uma consciência que se coloca a si mesma como *percipiens* de um tal objeto – isto é, que se concebe atraída por ele.

Gabbi (1999) ressalta esse problema constituinte da linguagem com que Freud articula seu pensamento:

Não há sentido em falar em *causas inconscientes*, mas sem dúvida é razoável expressar-se em termos de *motivos inconscientes*. Muitos comentadores referem-se a essa característica problemática da psicanálise de Freud: uma contínua passagem de um vocabulário causal para um vocabulário intencional, e vice-versa. (p. 31)

Por fim, embora tenhamos menos elementos para discutir uma forma biológica do desejo – isto é, o desejo enquanto “função adaptativa” – deve-se admitir que ela está contida no texto. Talvez não possamos identificá-la literalmente, na linguagem com que Freud aborda o desejo, mas ela está presente na descrição completa do desejar como um processo funcional. No capítulo 16, Freud se refere a ele da seguinte maneira:

Formulamos a hipótese de que, durante o processo de desejar [*Wunschvorgang*], a inibição por parte do ego produz uma catexia moderada do objeto desejado, que permite reconhecê-lo como não-real; e agora podemos prosseguir com a análise desse processo. Várias possibilidades podem ocorrer. No primeiro caso: simultaneamente à ocupação de desejo da imagem mnêmica, acha-se presente a percepção dela. Se assim é, as duas catexias coincidem – o que não pode ser biologicamente aproveitado –, mas, além disso, a indicação da realidade provém de ω , após o que, como mostra a experiência, a descarga é eficaz. (Freud, 1996j, p. 389)¹⁸⁴

Assim, é possível compreender o desejo como a totalidade dos processos, constituídos evolutivamente, que envolvem desde a estimulação dos neurônios ψ – a memória herdada das experiências de satisfação –, à intervenção executiva do Eu a partir dos sinais qualitativos da consciência e à descarga para a realização da ação específica. O fato, aliás, de Freud dizer que o desejo se constitui, na experiência de satisfação (bem como o afeto na experiência de dor), como uma função de caráter compulsivo (p. 199), reforça a ideia biológica de uma disposição ao aprendizado do organismo, com vistas à sobrevivência.

Essa vertente, entretanto, coloca problemas, alguns dos quais já discutimos em outros momentos deste trabalho. A começar pelo fato de que todo o processo biológico repousaria sobre o esquema mecânico, na compreensão de eventos míticos que o colocariam em funcionamento. Sendo assim, talvez o aspecto biológico verdadeiramente independente fosse a *tendência à descarga*, junto com as estruturas executivas que permitiriam com que essa descarga se realizasse de modo específico. Encontramos, aliás, uma passagem que traduz essa visão. No capítulo 15, ao tratar dos processos primário e secundário, Freud (1996j) diz que

devemos considerar o Ego – isto é, o representante das tarefas executivas – “no que tange às suas tendências, como a totalidade do sistema nervoso.” (p. 386)

Outro problema colocado pela vertente biológica é a impossibilidade de tomar a ideia de desejo de modo diferenciado das outras categorias, como, por exemplo, a do pensamento. A compreensão do desejo como a totalidade do processo deve admitir a descarga pelas vias associativas, por exemplo, sem a participação de atos motores. Nesse sentido, o pensamento se tornaria uma das formas da função biológica de desejar – o que é, certamente, uma possibilidade admitida pela teoria freudiana.

Mas a leitura do texto nos dá a impressão de que Freud tinha algo mais específico em mente ao falar sobre “desejo”. No capítulo 20, por exemplo, ele localiza claramente o conceito de desejo no *processo primário*, o que já contraria a visão acima: “Eles [os sonhos] são realizações de desejo/realizações desiderativas, portanto, processos primários segundo as vivências de satisfação”. (Freud, 2003, p. 215) Tudo leva a crer que a ideia de desejo, para Freud, está relacionada mais diretamente ao evento mais imediato da reativação das imagens mentais (resquícios da experiência de satisfação) a partir da ocupação dos neurônios (o que descreve, por exemplo, a alucinação ou o devaneio). Processo esse que pertenceria ao domínio das quantidades e qualidades.

É assim que Gabbi (2003) interpreta esse conceito, no texto do *Projeto*. Ele diz que o desejo é “a totalidade do circuito que é formado em ψ ” [isto é, na memória] pela vivência de satisfação, que constitui, doravante, o “caminho preferencial de eliminação [de quantidades]”. (p. 55) É claro que podemos supor um fundo biológico subjacente a isso. Entretanto, dito daquela forma, o desejo descreveria antes uma parte específica do processo materialista que acontece no funcionamento do aparelho.

Garcia-Roza (1991) endossa essa visão, dizendo que: “Afetos e desejos aparecem no *Projeto* com um sentido praticamente idêntico ao de *soma de excitação*.” (p. 144, destaques do autor) Ele chama a atenção, entretanto, para a vertente eminentemente qualitativa que esses conceitos assumem para Freud:

O termo ‘soma de excitação’ foi empregado inicialmente com referência ao princípio de constância, não tendo exatamente o mesmo sentido de afeto, estando mais ligado ao aspecto puramente quantitativo do processo envolvido. Creio que a distinção terminológica ‘afeto’ e ‘*quantum* de afeto’ (*Affektbetrag*) aponta para essa outra distinção entre os aspectos qualitativos e os quantitativos do afeto em geral. No artigo ‘O inconsciente’, de 1915, ao discutir a questão da possibilidade de ‘afetos inconscientes’, Freud não apenas nega essa possibilidade (‘A rigor... não há portanto afetos inconscientes como

há representações inconscientes’), como estabelece uma diferença entre representações e afetos, dizendo que as primeiras são investimentos de marcas mnêmicas, enquanto que ‘os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga cujas exteriorizações últimas são percebidas como sensações’. (p. 144)

2.6. Considerações finais

Neste capítulo, tentamos demonstrar como é possível entender o conceito de desejo no interior da metapsicologia freudiana, aqui representada pelo *Projeto*. Mostramos como ele não tem um significado único, mas, antes, é determinado pelos múltiplos atravessamentos que fazem parte do pensamento de Freud nesse período – em linguagem psicanalítica, ele é “sobredeterminado”. Isso reforça a tese do início, de que o desejo se constitui na experiência inaugural de Freud como um *problema* – ou, melhor dizendo, uma *problemática*. Ele é o centro para onde se dirige o raciocínio causal da psicanálise; e, entretanto, não é tão simples definir o que ele é.

Uma das razões para isso é que a própria psicanálise ainda não havia se constituído, nessa época. É de se esperar, portanto, que o estatuto de seu objeto não estivesse bem definido. Seguindo uma indicação de Georges Canguilhem (2009) sobre a teoria das ciências, podemos inclusive entender que muitas das teorias freudianas neste período assumiam a forma de uma “ideologia científica”, isto é, que tomavam o objeto de uma ciência já constituída – como a física, que gozava de boa reputação – para construir sua cientificidade.

Há de se argumentar, contudo, que Freud leva consigo muitas das formas conceituais desenvolvidas no início de sua obra. E que, embora tenha chegado a elaborações supostamente mais elevadas, seu pensamento demonstra retornar às bases de onde partiu em momentos tardios de sua trajetória. Assim, apontar uma ideologia por trás da estrutura inaugural da metapsicologia arriscaria invalidar o edifício da psicanálise freudiana como um todo.

Entretanto, essa não é uma questão para a qual temos resposta. Cabe ao debate psicanalítico avaliar o que deve ser aproveitado da experiência freudiana e o que deve ser objeto de crítica. Ademais, é preciso perguntar se existe mesmo a possibilidade de fazer uma ciência sem ideologia.

Nosso trabalho realizou uma análise detalhada do *Projeto*, em seu aspecto histórico-formal. As premissas que surgem das relações entre os dados apontam para as conclusões que expusemos acima. Talvez, aqui, possamos elencar algumas das principais: 1) a revelação de que o *Projeto* é um texto marcado por um conflito de seu autor em relação à sua escrita, conflito esse que parece abranger a linguagem e as categorias com as quais trabalhava; 2) a compreensão de que esse conflito transparece no desenvolvimento formal do texto, bem como na determinação de seus conceitos; 3) a constatação de que o desejo, sendo um desses conceitos, articula-se através de um tal conflito.

Por essas características, pensamos que nossa análise mereça a alcunha de *análise epistemológica*.

Paul Ricoeur (1965), cujo trabalho dialoga de modo especial com nossa pesquisa, sustenta justamente a tese de que a teoria freudiana apresenta uma problemática epistemológica de base. Segundo Ricoeur (1965), a estrutura do discurso psicanalítico (p. 77), sobretudo em seu período inaugural, se dividiria em duas ordens distintas: uma “energética”, que consistiria na tentativa naturalista de fornecer uma explicação mecânica da psicologia, baseada na compreensão de um “aparelho psíquico”; e outra “hermenêutica”, pautada no trabalho sobre as representações, sobre o sentido e sobre a consciência intencional de um objeto (p. 81).¹⁸⁵ Essas duas ordens se misturariam nas categorias mobilizadas pela teoria:

Os escritos de Freud se apresentam, desde o começo, como um discurso misto, mesmo ambíguo, que enuncia tanto os conflitos de força justificáveis por uma energética, quanto as relações de sentido justificáveis por uma hermenêutica. Eu gostaria de mostrar que essa ambiguidade aparente é bem fundada, que esse discurso misto é a razão de ser da psicanálise. (Ricoeur, 1965, p. 77)

O autor explica que o caráter misto do discurso de Freud já se apresentava desde o *Projeto*, onde é possível perceber “a chave desse divórcio inicial entre explicação e interpretação” (Ricoeur, 1965, p. 79). Naquele texto, por positivista que Freud pudesse ser, uma vertente hermenêutica-fenomenológica já despontava no meio de suas elaborações mecanicistas. Como dissemos, esse parece ser um dos motivos principais que levaram ao fracasso do projeto cientificista de Freud. Por isso, Ricoeur relativiza o próprio estatuto neurológico daquele trabalho, dizendo: “o *Projeto*, nesse sentido, é a derradeira tentativa de Freud de transcrever anatomicamente suas descobertas; o *Projeto* é um adeus à anatomia sobre a forma de uma anatomia fantástica.” (Ricoeur, 1965, p. 94)

Vemos como muitas das considerações de Paul Ricoeur vão ao encontro do que trabalhamos durante este capítulo. Especialmente aquelas que descrevem uma dialética entre epistemologias distintas que atravessam a escrita do *Projeto* e estruturam parte da forma final da teoria, como resultado de uma intenção científica primordial:

Assim, o *Projeto* de 1895 pertence a toda uma época do pensamento científico. Como, ao esticar [*en prolongeant*] esse pensamento, Freud o transforma até o fazer explodir, é somente isso o que é interessante. Nesse sentido, o *Projeto* aparece como o maior esforço que Freud fez para fazer caber uma massa de fatos psíquicos no quadro [cadre] de uma teoria quantitativa, e como a ‘demonstração pelo absurdo’ que o conteúdo excede o quadro. (Ricoeur, 1965, p. 85)

CAPÍTULO 3: A INTERPRETAÇÃO E O DESEJO

Se me explico, me implico:
Não posso a mim mesmo interpretar.
Mas quem seguir sempre o seu próprio caminho
Minha imagem a uma luz mais clara também levará.
(Nietzsche)¹⁸⁶

No início do capítulo anterior, separamos duas frentes paralelas a partir das quais o conceito de “desejo” se articula na obra inaugural de Freud: a metapsicologia, onde ele faz parte de um esforço de sistematização teórica independente; e a atividade clínica, na qual, através da *interpretação*, o desejo integra uma intervenção prática.

Essa divisão se articula com aquela citada acima, proposta por Ricoeur (1965), entre uma energética e uma hermenêutica na trajetória freudiana. Acreditamos que ela cumpre uma função didática, ao nos permitir identificar mais facilmente algumas nuances na definição do conceito de “desejo” – a depender, justamente, da forma com que Freud o aborda. Vimos como, no *Projeto*, seu sentido é “sobredeterminado” pelos discursos e categorias que atravessam o texto. Agora, na sua vertente hermenêutica, o acento irá recair sobre a própria atividade interpretativa, suas possibilidades e consequências.

3.1. O sonho como realização de desejo

Em julho de 1895, enquanto trabalhava no *Projeto*, Freud tem o *sonho da injeção de Irma*, que ensejou a escrita de *A interpretação dos sonhos*. Naquele momento, diz ele, o “segredo do sonho” lhe teria sido revelado:¹⁸⁷ *o sonho era a “realização de um desejo” [Wunscherfüllung]* (Freud, 2019, p. 154).

Essa descoberta era importante, pois dizia respeito à psicologia como um todo. Freud fazia uma equivalência entre a formação dos sonhos e a formação dos sintomas neuróticos (como de praxe em seu pensamento, um processo marginal ou secundário permitiria lançar luz sobre a psicologia normal).¹⁸⁸ É assim que o desejo (inconsciente) assume definitivamente o lugar de causa dos processos psicopatológicos e, por consequência, torna-se o principal objeto

da ação do psicanalista – esse cujo trabalho se consolida, então, como *interpretação* [*Deutung*],¹⁸⁹ que dá nome à obra.

Devemos nos perguntar, entretanto, o que significa *interpretar um desejo*, e qual o sentido de *realização de desejo*, naquele contexto.

Vimos no capítulo anterior como devemos entender esse último termo, *Wunscherfüllung* na metapsicologia.^p Entretanto, como diz Paul Ricoeur (1965),

O *Projeto* de 1895 representa o que poderíamos chamar de um estado não hermenêutico do sistema. Com efeito, a concepção de “aparelho psíquico” que o domina não parece em nada recíproco de um trabalho de decifração. (p. 77)

Ou seja, mesmo que a interpretação dos sintomas neuróticos nunca tenha estado ausente do horizonte freudiano, ela ocupa uma posição secundária no *Projeto*, submetida às leis naturais de causalidade do aparelho.¹⁹⁰ Nesse sentido, a realização do desejo, enquanto evento neurológico, não integra a situação de uma interpretação/hermenêutica, por mais que Freud tente vincular a ideia de “representação” ao sistema nervoso – mais especificamente ao neurônio.

Ricoeur (1965) argumenta que “Não há dúvidas, entretanto, que a psicanálise seja uma hermenêutica” (p. 78), e propõe localizar essa vertente justamente na interpretação dos sonhos:

É no trabalho de interpretação do sonho, nós diríamos, que o método freudiano é forjado. Pouco a pouco, todos os “conteúdos” sobre os quais trabalha o analista são representações, da fantasia [*fantasme*] à obra de arte e às crenças religiosas. Ora, o problema da interpretação recobre exatamente o problema do sentido ou da representação. A psicanálise é, assim, de ponta a ponta, interpretação. (Ricoeur, 1965, p. 78)

Diferentemente da materialidade de um objeto como o sistema nervoso, a interpretação faz parte do plano direto das representações e do sentido – o que implica uma série de questões, como os processos de reconhecimento e constituição de símbolos. Mesmo que, em sua atividade, Freud tomasse o “pensamento” como objeto, esse objeto já seria mediado pelo relato

^p Na verdade, Freud parece utilizar *Wunscherfüllung* como derivado da linguagem comum, como forma de se referir mais imediatamente ao evento de uma pessoa que concretiza, na prática, um anseio, uma intenção. É digno de nota que Freud só utilize esse termo no fim do *Projeto*, não quando está descrevendo a mecânica do aparelho, mas justamente quando fala dos sonhos – cujo conhecimento teria sido fornecido pelo trabalho de interpretação. É por isso que preferimos a tradução “realização de desejo” a outras de conotação mais técnica, como “ocupação de desejo” ou “ocupação desiderativa”. Embora reconheçamos que essas últimas têm uma função no estudo da obra freudiana, elas não parecem refletir o caráter ordinário do uso desse termo por Freud.

de um outro, inserido em um contexto intersubjetivo que fazia com que fosse determinado pela própria situação analítica.¹⁹¹

Por isso, Strachey adverte:

O fato de haver muitos elos de ligação evidentes entre o Projeto e os conceitos posteriores de Freud não deve, porém, levar-nos a esquecer as diferenças básicas entre eles. Em primeiro lugar, logo se evidenciará que, de fato, há pouquíssimas coisas nestas páginas que antecipam os procedimentos técnicos da psicanálise. A livre associação de ideias, a interpretação do material inconsciente e a transferência são apenas insinuadas. Só nos trechos sobre os sonhos é que há alguma antecipação dos desenvolvimentos clínicos posteriores. (Strachey, 1996a, p. 349)

Curiosamente, o termo *Wunscherfüllung* é utilizado no *Projeto* apenas no final (da parte 1), justamente quando Freud trata dos sonhos – cujo conhecimento tinha sido fornecido pelo trabalho de interpretação. Quando fala da mecânica do aparelho, o termo *Wunsch* aparece vinculado a outros sintagmas.

De todo modo, no *Projeto*, Freud colocava-se como observador das leis naturais da psicologia. Na medida em que o aparelho era essencialmente um conjunto de “partículas materiais especificáveis”, podemos pensar que uma intervenção só poderia acontecer exercendo influência naquela causalidade. Freud não descarta totalmente essa perspectiva em *A interpretação dos sonhos*. Ele prevê que as palavras influam no circuito imagético de representações – que, segundo o *Projeto*, são precipitados da experiência sensível. Entretanto, já se percebe a predominância de uma outra lógica da intervenção, que tem como elemento primário o próprio pensamento.⁹ Nesse sentido, Ricouer (1965) chama a atenção para o fato seguinte:

[...] o aparelho psíquico de *A interpretação dos sonhos* funciona sem referência anatômica, é um aparelho *psíquico*; doravante, o sonho impõe uma temática que podemos bem chamar de herbatiana: existe um “pensamento” do sonho; o que o sonho realiza, ou melhor, aquilo de que é a realização (*Erfüllung*), é de um desejo (ou talvez um voto [*voeu*], *Wunsch*), quer dizer, ainda uma “ideia”, um “pensamento”. (p. 99, destaques do autor)

Entretanto, o material com que Freud lidava na atividade de interpretação era ainda enigmático. Como dissemos, o conceito de representação parece envolver o debate sobre as

⁹ A interpretação é uma intervenção por palavras. Ela não pode ser transposta a uma racionalidade em que as palavras assumiriam lugares em um plano de racionalidade mecânica. Através das palavras, o psicanalista não empurra nada, nem intervêm no movimento de algum corpo etc. A interpretação incide sobre a representação, e seu estatuto não é positivo ou material.

significações e o sentido. Entendida como simbolismo, a representação invoca necessariamente a vertente subjetiva, na medida em que o símbolo é sempre símbolo para alguém. Mas Freud não procede na realização de uma ciência do sentido, nem em um debate sobre as estruturas dos eventos de linguagem; tampouco sobre a condição intersubjetiva do símbolo e suas consequências – como fazem alguns autores depois dele. Não é esse, exatamente, seu objeto.

Como dissemos, seu objeto são pensamentos. Ele chama de “pensamentos do sonho” [*Traumgedanken*] o objeto da interpretação,¹⁹² em oposição ao “conteúdo do sonho” que é expresso pelo relato do paciente:¹⁹³

Todas as outras tentativas até hoje feitas para resolver os problemas do sonho partiam diretamente do seu conteúdo manifesto dado na memória e se esforçavam para obter deste a interpretação, ou, quando não tentavam uma interpretação, buscavam formar um juízo sobre o sonho a partir de seu conteúdo. Somos os únicos a considerar algo diverso; para nós, um novo material psíquico se insere entre o conteúdo do sonho e os resultados de nossa observação: o conteúdo latente do sonho ou pensamentos oníricos, obtidos por meio de nosso procedimento. É com base nestes, e não no conteúdo manifesto do sonho, que desenvolvemos a solução do sonho. (Freud, 2019, p. 318)

Assim, é sob a forma de pensamentos que o desejo será tratado como causador do sonho – um pensamento inconsciente, é claro. Nesse sentido, podemos compreender o desejo como um pensamento desejoso, uma intencionalidade ou um *voto*. Claro, essa é a forma que ele assume “na boca” do analista, que o enuncia ao paciente como interpretação. Mesmo assim, Freud acreditava efetivamente na existência de tais pensamentos inconscientes, julgando que eles preexistiam à interpretação e que sua atividade era a causa última do sonho:

Tendo em vista o grande número de associações que a análise fornece para cada elemento do conteúdo do sonho, vários leitores se perguntarão se tudo aquilo que vem à mente depois, durante a análise, pode ser incluído entre os pensamentos oníricos, isto é, se podemos supor que todos esses pensamentos já estavam ativos durante o estado de sono e participaram da formação do sonho. Não surgiriam na análise novas ligações de pensamento que não participaram da formação do sonho? Posso partilhar essa dúvida apenas em parte. Certamente é correto que algumas ligações de pensamento só surgem durante a análise; mas é possível notar que essas novas ligações ocorrem apenas entre pensamentos que já são ligados de outro modo nos pensamentos oníricos; as novas ligações são, por assim dizer, curtos-circuitos, viabilizados pela existência de outras vias de ligação mais profundas. No tocante à maioria dos pensamentos revelados na análise, temos de admitir que já estavam ativos na formação do sonho, pois após trabalhar uma sequência desses pensamentos, que parecem não estar relacionados à formação do sonho, de repente deparamos com um pensamento que, representado no conteúdo do sonho, é imprescindível para a interpretação do sonho, mas só pode ser acessado por meio daquela sequência de pensamentos. (Freud, 2019, p. 321)

De todo modo, na interpretação, fica clara a vinculação intrínseca do desejo com o pensamento, que é a forma sob a qual ele se apresenta. Se a razão do sonho é a realização de um desejo, isso denota antes a presença inconsciente de um pensamento intencional do que a mera ativação de imagens mentais – coisa que ficaríamos inclinados a deduzir do que é apresentado no *Projeto*:

Pensamentos oníricos e conteúdo onírico se apresentam a nós como duas versões do mesmo conteúdo em duas linguagens diferentes, ou melhor, o conteúdo do sonho nos aparece como uma transposição dos pensamentos oníricos para outro modo de expressão, cujos signos e regras sintáticas devemos conhecer pela comparação do original com a tradução. Os pensamentos oníricos são compreensíveis assim que deles tomamos conhecimento. O conteúdo onírico é fornecido numa espécie de pictografia, cujos signos devem ser transpostos para a linguagem dos pensamentos oníricos. Evidentemente, nós nos enganaríamos se lêssemos esses signos segundo seu valor como imagem e não conforme sua relação semiótica. (Freud, 2019, p. 318)

Nesse contexto, então, o trabalho de interpretação é um trabalho de tradução,¹⁹⁴ que visa reconstruir – a partir do trabalho de associação – o desejo/pensamento que se realizava disfarçadamente através de uma outra linguagem.

Entretanto, já aqui se coloca o problema de saber como a reconstrução do pensamento de alguém poderia escapar à mera atribuição de seu conteúdo por parte do analista. Mais tarde, em outra ocasião, Freud trai esse fato ao comparar a suposição de uma intencionalidade inconsciente à hermenêutica do sujeito:

Mas o estudo das repressões patogênicas e de outros fenômenos que ainda abordaremos fez a psicanálise levar a sério a noção do “inconsciente”. Para ela, tudo psíquico era primeiramente inconsciente, a qualidade de consciência podia juntar-se a esta ou permanecer ausente. Naturalmente isso deparou com a objeção dos filósofos, que consideravam “consciente” e “psíquico” idênticos e afirmavam não poder imaginar um absurdo como “inconsciente psíquico”. Mas não houve jeito, foi preciso ignorar essa idiosincrasia dos filósofos. A experiência adquirida com o material patológico que eles não conheciam, relacionada à frequência e potência dos impulsos de que nada se sabia e que era preciso inferir como qualquer fato do mundo exterior — tal experiência não deixava escolha. *Era possível sustentar que apenas se estava fazendo com a própria vida psíquica o que sempre se havia feito em relação à de outras pessoas. Afinal, também atribuímos atos psíquicos a outra pessoa, embora não tenhamos consciência imediata deles e precisemos imaginá-los a partir de suas palavras e ações.*” (Freud, 2011, p. 93. Destaques nossos)

3.2. Sujeito e pensamento

A existência de pensamentos, entretanto, coloca em causa algo que, até agora, esteve ausente de nossas investigações: a ideia de um *sujeito*. Afinal, era natural que se pensasse em um agente daqueles pensamentos, mesmo que inconsciente.¹⁹⁵ Isso retoma o tópico discutido no capítulo 1, em que a atribuição de uma intencionalidade por trás dos sintomas histéricos já fazia com que Freud (2019) dissesse:

O material psíquico patogênico apresenta-se como propriedade de uma inteligência que não é necessariamente inferior àquela do Eu normal. A aparência de uma segunda personalidade se produz amiúde de maneira mais enganadora. (p. 403)

Podemos lembrar, aqui, que as primeiras teorias sobre a histeria envolviam diretamente uma discussão sobre a personalidade. Pierre Janet, que influenciou o pensamento de Freud e foi discípulo de Charcot, introduzira a ideia de que a histeria seria uma dissociação da consciência ou da personalidade.¹⁹⁶ Em sua obra, Freud jamais se verá livre dessa temática.¹⁹⁷ Ele se refere constantemente à “cisão do Eu”, e a segunda tópica, em que formula o conceito de “*das Es*”, parece ser uma forma de finalmente despersonalizar o inconsciente.^f

De sua parte, Freud nunca usou o termo sujeito, pois pretendia marcar sua posição científica, como experimentador que pudesse estar de fora da situação e lidando com fatos objetivos – em oposição ao que era “subjetivo”. Contudo, esse conceito parece surgir amiúde nas interpretações feitas por ele.

Em alguma medida, a situação analítica era dialógica, ao menos no momento da interpretação, e as palavras do psicanalista deviam poder ser compreendidas pelo paciente. Logo, era necessário supor uma consciência capaz de entendê-las. Todavia, mais do que isso, a interpretação supunha a possibilidade dessa consciência assumir um desejo/pensamento para si, transformando sua própria condição e a forma como ela se concebia a partir de uma reduplicação de si mesmo, de uma projeção do Eu – de um “verdadeiro Eu”, escondido –¹⁹⁸ em uma espécie de exterioridade íntima, fornecida pelas palavras do analista. Como diz Borch-Jacobsen (1982), nesse cenário,

^f Utilizar o pronome *Es* é, no alemão, uma forma de transformar uma frase nominativa em uma frase impessoal.

a alteridade nomeada ‘inconsciente’ não designará mais, rigorosamente falando, essa parte de mim mesmo da qual eu nada quero saber, mas antes minha identidade ou minha mesmidade mesma *enquanto aquela de um outro* – a *starke Gemeinsamkeit* que me liga a um outro que sou “eu mesmo”. (p. 16)

Assim, o desejo torna-se o elemento central a partir do que se deduz uma atividade subjetiva para além da consciência, que trai a presença de um outro Eu.¹⁹⁹

Nesse sentido, como diz Borch-Jacobsen (1982), a questão da realização do desejo no sonho é também – e principalmente – uma questão de identificação. “Como se” – explica ele – “em outros termos, a *Wunscherfüllung* não consistisse tanto em *ter* o objeto, quanto a *ser* aquele que o possui”. (p. 29)^s Isso delimita o que o autor chama de “estrutura dramática” do sonho. Mesmo que entendamos o sonho, em última instância, como uma cena que mostra o desejo realizado,

o sujeito (o Eu, diria Freud) é sempre implicado na cena, seja porque ele intervém nela diretamente e em “primeira pessoa” [...], seja porque ele incorpora tal ou tal personagem fantasmático [...]. Tudo isso, então, como se uma lei obscura constrangesse o desejo a seguir não uma linha reta que o levaria de forma direta ao objeto de gozo (ou ao menos à sua imagem), mas uma linha rompida, passando pelo vértice de um triângulo onde o Eu é representado em posição de gozo. (Borch-Jacobsen, 1982, p. 28-29)

É possível que essa seja uma situação criada pela própria atividade de interpretação. Pois, ao interpretar o sonho nos moldes descritos acima, o analista propõe ao sonhador reconhecer-se em um pensamento oculto que expressa o desejo de um outro “dentro” dele. A frase paradigmática da interpretação psicanalítica é aquela que diz: “na verdade, com isso, você quer dizer *x*”.

Contudo, esse modelo gera um problema para a psicanálise, que é o da instrumentalização do sujeito. No fundo, o trabalho de interpretação resultaria na identificação da consciência do sujeito a um Eu que lhe é alheio, e que chega até ele através de um discurso. Tal cenário corresponde, por excelência, à estrutura da alienação, onde alguém toma para si o

^s Freud expressa isso em uma conferência sobre os sonhos, em que diz: “Não há dúvida de que uma realização de desejo deve proporcionar prazer; mas então surge a pergunta: ‘A quem?’. À pessoa que tem o desejo, naturalmente. Mas, como sabemos, a relação do sonhador para com seus desejos é uma relação muito especial. Ele os repudia e os censura – não tem nenhuma simpatia por eles, em suma. De modo que sua realização não lhe dará prazer, e sim o oposto; e a experiência mostra que esse oposto aparece sob a forma de ansiedade, um fato ainda a explicar. Assim, aquele que sonha, em sua relação com os desejos oníricos, só pode ser comparado à amálgama de suas pessoas separadas, que estão ligadas por algum forte elemento em comum.” (Freud, 1996d, p. 217)

desejo de um outro – ou, ao menos, um desejo que lhe vem de um outro. Isso acontece através de uma interpretação desse outro, que lhe diz não apenas *o que ele deseja*, mas também *o que ele é* – seu “verdadeiro Eu”.

Pois não devemos esquecer que, por mais que haja um redobramento do Eu no processo de análise, o objetivo da interpretação era a reintegração da consciência. Desde a histeria traumática de Charcot – passando por Breuer –, a parte da personalidade expulsa da consciência era concebida como o núcleo patógeno dos sintomas, e deveria ser reincorporada pela consciência normal através do esclarecimento terapêutico.

Evidentemente, essa estrutura não representa a totalidade da teoria freudiana da interpretação. Toda leitura da obra inaugural de Freud deve levar em conta que sua posição era sobretudo investigativa. Assim, condenar suas proposições de modo categórico é tão irracional quanto supor nelas a autoria de alguém totalmente consciente de seu processo de elaboração.

Certamente, os textos de que tratamos até aqui admitem interpretações diferentes. Nós optamos por apresentar as coisas desta maneira apenas por julgarmos que ela aporta coordenadas novas e importantes para a discussão sobre o conceito de desejo na psicanálise.

3.3. Um desejo sem um Eu (considerações adicionais)

A psicanálise, portanto, pode assumir uma forma *moral* ao lidar com o “desejo”, através de uma recaptura do sujeito em uma projeção do si mesmo segundo o modelo da interpretação que enuncia: “você quer *x*”. Nesse contexto, não é tanto o conteúdo da interpretação que importa – o “*x*”, o suposto objeto do desejo –, mas a imposição de uma gramática à experiência subjetiva: sua estruturação segundo o modelo *sujeito – verbo* [“deseja”] – *objeto*.[†]

Friedrich Nietzsche, em sua obra filosófica, já chamava a atenção para esse fato. Para ele, toda a psicologia estava presa a preconceitos e temores morais (2005, p. 27), por se pautar na ideia de um Eu como princípio do acontecimento subjetivo, isto é, agente do pensamento. “Fazer remontar algo desconhecido a algo conhecido alivia, tranquiliza, satisfaz e, além disso, proporciona um sentimento de poder”, dirá Nietzsche (2017, p. 36). Mas, na medida em que propõe a identificação do sujeito consigo mesmo, essa perspectiva anula a presença da

[†] Exemplo: Anna – quer – morangos; Hans – quer – mãe.

alteridade na experiência subjetiva. Pois, como vimos, o redobramento do sujeito vislumbra/representa, no fim, sua reintegração em uma só consciência, instrumentalizada pela interpretação.²⁰⁰

Nietzsche demonstra como, historicamente, o desejo esteve no centro da identificação do sujeito a um Eu. Ele chama esse vício intelectual de “Erro da falsa causalidade”:²⁰¹

“Acreditávamos ser nós mesmos causais no ato da vontade; aí pensávamos, ao menos, *flagar no ato* a causalidade. Tampouco se duvidava que todos os *antecedentia* de uma ação, suas causas, deviam ser buscados na consciência e nela se achariam novamente, ao serem buscados – como “motivos”: de outro modo não se teria sido livre para fazê-la, responsável por ela. Afinal, quem discutiria que um pensamento é causado? Que o Eu causa o pensamento?... Desses três “fatos interiores”, com que parecia estar garantida a causalidade, o primeiro e mais convincente é o da *vontade como causa*; a concepção de uma consciência (“espírito”) como causa e, mas tarde, a do Eu (“sujeito”) como causa nasceram posteriormente, depois que a causalidade da vontade se firmou como dado, como algo *empírico...*” (Nietzsche, 2017, p. 34).

Como dissemos, essa vertente assume a forma de uma moralidade, cuja gênese Nietzsche localiza na teologia cristã. “Toda velha psicologia”, diz ele,

a Psicologia da vontade, tem seu pressuposto no fato de que seus autores, os sacerdotes à frente das velhas comunidades, quiseram criar para si o *direito* de impor castigos – ou criar para Deus esse direito... Os homens foram considerados “livres” para poderem ser julgados, ser punidos – ser *culpados*: em consequência, toda ação *teve* de ser considerada como querida, e a origem de toda ação, localizada na consciência (– assim, a *mais fundamental* falsificação de moeda *in psychologicis* transformou-se em princípio da psicologia mesma...)” (Nietzsche, 2017, p. 38)

É por isso que, diz Nietzsche, “um filósofo deve se arrogar o direito de situar o querer [*Wollen*]^u em si no âmbito da moral – moral, entenda-se, como a teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno ‘vida’.” (2005, p. 24)

Esse problema fará parte da obra de Freud, especialmente no início, quando ele concebe a cura psicanalítica como uma espécie de “conscientização” de um si mesmo que deseja de forma oculta através das manifestações sintomáticas. Uma vez que o material recalado é reintegrado à consciência, o Eu poderia, então, lidar com o desejo como um evento contemporâneo que está sob seu domínio. Isto é, pode avaliar se quer satisfazê-lo, ou se prefere

^u Apesar do termo ser *Wollen*, aqui, e não *Wunsch*, ele tem um sentido muito semelhante a esse último e à forma como a interpretação freudiana o conceitua. Além disso, em muitos momentos de *A interpretação dos sonhos*, ao descrever uma interpretação final, Freud também utiliza o termo *Wollen*, que é de uso frequente no alemão.

posicionar-se de outra forma em relação a ele. Para o sujeito, trata-se doravante de uma operação de consciência e, portanto, não sintomática.²⁰²

Freud só se liberta realmente dessa gramática com a introdução de sua “segunda tópica” e a progressiva substituição do conceito de desejo pela “pulsão”.^v Até porque, se por um lado ele reconhece leis próprias ao inconsciente – em oposição à consciência – é necessário pensar que, se o material inconsciente pode tornar-se consciente sem que perca suas propriedades singulares, isto é, sem que haja uma profunda transformação de sua natureza ao passar de um domínio para o outro, então o sujeito do inconsciente é também um sujeito da consciência, apenas redobrado e escondido. Por isso, na primeira tópica, o inconsciente nem sempre ocupa o lugar de verdadeira alteridade.

Em contrapartida, na segunda tópica, ao introduzir *das Es*, Freud marca sua posição contra a personalização do inconsciente em um Eu. Ao chamar o inconsciente de “isso”, ele recupera justamente uma reflexão de Nietzsche (2005), que diz:

^v Normalmente, a experiência freudiana é considerada como um dos primeiros e grandes marcos da pós-modernidade, justamente por romper com a hegemonia da consciência, dando ênfase às determinações inconscientes, e deslocando o lugar do sujeito de sua identidade consigo mesmo. Embora seja verdade, isso representa o saldo geral da obra freudiana. Pois, muitas vezes, as suas elaborações não acompanham esse espírito e apenas reproduzem as categorias modernas que influenciaram seu pensamento. Afinal, Freud conservava um forte espírito positivista, e manterá a ciência como ideal até o fim de sua vida.

Assim, embora devamos reconhecer o valor da obra de Freud, alguns autores apontam para o fato de que parte dela se constitui como uma psicologia em sentido estrito, que trabalha com uma ideia de sujeito própria à modernidade. Borch-Jacobsen (1982), por exemplo, dirá: On veut alors savoir *qui* se représente les pensées inconscientes. En effet, si le ‘contenu’ de l’inconscient se définit essentiellement comme représentation, comme *Vorstellung* – et, de fait, c’est bien sur la *vorstellungrepräsentanz des Triebes* que porte le refoulement selon Freud –, peut-on éviter de se demander *devant* quoi, *devant* quelle ‘instance’ est posée, présentée, cetter *Vor-stellung*? Qu’est-ce donc que cette *psyché*, ce ‘psychique’ où la pulsion vient de se représenter sous forme de représentation (*Vorstellung*) et d’affect (*Affekt*), se ce n’est pas, encore et toujours, un sujet? Si ce n’est, plus précisément, le sujet de la représentation hors laquelle le désir ou la pulsion n’est rien, n’apparaît-tou simplement pas? Et dès lors, s’il est vrai, comme l’a montré Heidegger, que le sujet des Modernes est le sujet *de la représentation*, ne doit-on pas commencer à s’interroger sur la radicalité du déplacement ici opéré sous le titre de la ‘pensée’ et de la ‘représentation’ inconsciente? Em gardant ces termes, em continuant à les employer de façon incontrôlée, n’est-ce pas tout cela problématique de la subjecti(vi)té qu’on risque de drainer avec eux, en la reconduisant étourdiment sous le nom d’inconscient? Car sans doute le désir inconscient n’est-il pas (re)présenté à la conscience, mais il est présenté à l’inconscient, (re)présenté (‘accompli’, ‘réalisé’) dans l’inconscient. Et ceci suffit déjà à substantiver l’inconscient, à l’instituer comme sujet: sujet se posant dans et par la (re)présentation, sujet s’assurant de lui-même dans et par la pensée – bref, *com-scientia*. Préciser, comme le fait Freud, que l’inconscient n’est pas une autre *conscience* (une ‘double conscience’, un ‘subconscient’, etc) n’y change rien: la *com-scientia*, entendue rigoureusement, désigne avant tout la *co*-position du sujet *avec* ses représentations, laquelle peut fort bien se passer, en définitive, de la conscience au sens psychologique”. (pp. 11-12)

De forma semelhante, Politzer (1968) dirá que a psicologia, em seu sentido clássico, é a elaboração conceitual de uma mitologia da alma, que remonta precisamente ao pensamento teológico e ao conceito de substância que ele herda da filosofia antiga. Nesse quadro, ele confere ao movimento psicanalítico uma dupla face: uma que, de fato, faz frente à ideia clássica de psicologia e à identificação do sujeito em uma substância de si mesmo; e uma segunda que, entretanto, realizou a incorporação da primeira face na própria psicologia clássica, neutralizando sua potência revolucionária.

Para mais detalhes sobre a ideia de “sujeito moderno”, ver Barbosa (2000), Heidegger (2007), Ribeiro (1995), Libera (2013, 2014, 2015), Ricoeur (2019) e Bittencourt (2017).

Quanto à superstição dos lógicos, nunca me cansarei de sublinhar um pequeno fato que esses supersticiosos não admitem de bom grado – a saber, que um pensamento vem quando “ele” quer, e não quando “eu” quero; de modo que é um *falseamento* da realidade efetiva dizer: o sujeito “eu” é a condição do predicado “penso”. Isso pensa [*Es denkt*]: mas que este “isso” [*es*] seja precisamente o velho e decantado “eu” [*Ich*] é, dito de maneira suave, apenas uma suposição, uma afirmação, e certamente não uma “certeza imediata”. E mesmo com “isso pensa” já se foi longe demais; já o “isso” contém uma *interpretação* do processo, não é parte do processo mesmo. Aqui se conclui segundo o hábito gramatical: “pensar é uma atividade, toda atividade requer um agente, logo –”. Mais ou menos segundo esse esquema o velho atomismo buscou, além da “força” que atua, o pedacinho de matéria onde ela fica e a partir do qual atua, o átomo; cérebros mais rigorosos aprenderam finalmente a passar sem esse “resíduo de Terra”, e talvez um dia nos habituemos, e os lógicos também, a passar sem o pequeno “isso” (a que se reduziu, volatizando-se, o velho e respeitável Eu). (p. 22. Destaques do autor.)

Essa passagem, contudo, encontra uma tradução apenas aproximada no português.²⁰³ O uso do pronome “isso” (em alemão, “*es*”) tem por objetivo despersonalizar o pensamento, remetendo-o ao seu próprio acontecimento. Ocorre que esse argumento faz muito mais sentido em alemão, pois a construção linguística que envolve o pronome “*es*” soa orgânica aos falantes germânicos. Nessa língua, o termo “*es*” é utilizado naturalmente para denotar *impessoalidade* na conjugação dos verbos em que aparece como sujeito. O exemplo mais paradigmático é o do verbo “chover”. Fala-se, assim, “*es regnet*” [isso chove] para indicar que está chovendo. No português, um verbo como esse só pode acompanhar um sujeito indeterminado. No alemão, entretanto, é o pronome impessoal “*es*” o responsável por transformá-lo em impessoal.²⁰⁴

Assim, ao dizer “isso pensa”, Nietzsche tinha a clara intenção de tornar impessoal, sem sujeito, o ato de pensar – se é que podemos pensar em uma ação sem sujeito. O que se comprova na sequência do texto, em que ele critica justamente a instancialização de um “isso”, o que faria com que ele ainda pudesse ser concebido como um Eu, e não como indeterminação absoluta.

É exatamente a esse movimento que Freud faz referência ao propor o novo nome do inconsciente, ou melhor, das pulsões. Ele diz ter tomado o termo de empréstimo de Groddeck, que, por sua vez, teria se inspirado em Nietzsche. Seja como for, a vantagem do termo *das Es* era identificar um ponto no sujeito de absoluta impessoalidade:²⁰⁵ “O próprio Groddeck seguiu provavelmente o exemplo de Nietzsche, que com frequência utiliza esse termo gramatical para o que em nós é impessoal e, digamos, necessário por natureza.” (Freud, 2011, nota de rodapé à p. 21)

CONCLUSÃO

Na obra inaugural de Freud, o conceito de desejo constitui parte central de uma lógica causal que, embora elaborada a partir das primeiras investigações sobre as neuroses, é generalizada como modelo dos processos normais.

Entretanto, ao analisarmos seu sentido específico nas teorizações freudianas, encontramos diferentes possibilidades de definição. Elas refletem o atravessamento epistêmico de seu discurso por categorias a partir das quais ele busca se estabelecer. Essas categorias são principalmente aquelas que se situam na base do pensamento científico moderno, e que confrontam Freud com um dualismo entre “quantidade” e “qualidade”.

Assim, o desejo assume forma quantitativa no interior de um esquema mecanicista, onde descreve processos dinâmicos do sistema nervoso; mas não deixa de aparecer, também, como uma sensação ou evento qualitativo, relacionado a esse primeiro plano quantitativo. Isso cria uma tensão conceitual que se apresenta na experiência freudiana como um impasse, reconhecido pelo próprio autor.

O sentido qualitativo é o mais importante dentro do esquema freudiano. Nele, o desejo é apresentado como um “estado de urgência”, ou seja, um estado de consciência, vinculado a uma representação. É por colocar em causa ideias dessa natureza que Freud esbarra em concepções próprias à hermenêutica, não fisicalistas.

Essa tensão conceitual aparece em alguns dos momentos teóricos mais importantes da obra inaugural de Freud – em *Estudos sobre a histeria*, *Projeto de uma psicologia científica* e *A interpretação dos sonhos*. Ao nosso ver, ela é representativa do surgimento da psicanálise enquanto prática, na medida em que Freud utilizava o “desejo” como parte da lógica que justificava uma intervenção do sujeito através de sua *interpretação*. Denotando, assim, uma intencionalidade inconsciente.

Por fim há ainda uma forma biológica assumida pelo desejo, de caráter evolutivo, que concorre paralelamente às duas outras. Nela, o desejo é identificado a uma função adaptativa do organismo, que descreveria a totalidade dos processos que envolvem desde a estimulação de um determinado tipo de neurônios até a realização da ação motora.

BIBLIOGRAFIA

Textos de Sigmund Freud

FREUD, S. *Obras completas, vol. 3: Primeiros escritos psicanalíticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FREUD, S. *Obras completas, vol. 2: estudos sobre a histeria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. “A etiologia da histeria”. Em: *Obras completas, vol. 3: Primeiros escritos psicanalíticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023g. Pp. 191-231.

FREUD, S. “As neuropsicoses de defesa”. Em: *Obras completas, vol. 3: Primeiros escritos psicanalíticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023c.

FREUD, S. *As pulsões e seus destinos*. Autêntica: 2021.

FREUD, S. “Acerca de uma visão de mundo [Conferência 35]”. Em: *Obras completas, vol. 18*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. “Projeto para uma psicologia científica”. Em: *Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. 1*. Rio de Janeiro: Imago, 1996j.

FREUD, S. “Projeto de uma psicologia”. Em: GABBI JR., O. F. *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003. pp. 171-260

FREUD, S. “Psicanálise e psiquiatria”. Em: *Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. 16*. Rio de Janeiro: Imago, 1996e.

FREUD, S. “A questão de uma *Weltanschauung*”. Em: *Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. 22*. Rio de Janeiro: Imago, 1996f.

FREUD, S. *Obras completas, vol. 4: A interpretação dos sonhos (1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, S. “Cinco lições de psicanálise”. Em: *Obras completas, vol. 9: Observações de um caso de neurose obsessiva e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. “Construções na análise”. Em: *Obras completas, vol. 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, S. *Obras completas, vol. 9: Observações de um caso de neurose obsessiva e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. *Obras completas, vol. 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. *Obras completas, vol. 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. *Obras completas, vol. 16: O Eu e o Id, ‘Autobiografia’ e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. *Obras completas, vol. 18: O mal estar na civilização e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. “Compêndio de psicanálise”, Em: *Obras completas, vol. 19: Moisés e o monoteísmo e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, S. “Hereditariedade e a etiologia das neuroses”. Em: *Obras completas, vol. 3: Primeiros escritos psicanalíticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023e. Pp. 139-158.

FREUD, S. “Histeria”. Em: *Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. 1*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. “Introdução ao narcisismo”. Em: *Obras completas, vol. 12*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. “Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa”. Em: *Obras completas, vol. 3: Primeiros escritos psicanalíticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023f. Pp. 159-190

FREUD, S. “Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim”. Em: *Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. 1*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, S. “Resistência e repressão”. *Obras completas, vol. 13*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. *Sobre a concepção das afasias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FREUD, S. “Sobre o motivo de separar da neurastenia um complexo de sintomas, a ‘neurose de angústia’”. Em: *Obras completas, vol. 3: Primeiros escritos psicanalíticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023d. Pp. 81-115

FREUD, S. “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos”. Em: *Obras completas, vol. 3: Primeiros escritos psicanalíticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023a.

FREUD, S. “Tratamento psíquico (ou anímico)”. Em: *Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. 1*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, S. “O inconsciente”. Em: *Obras completas, vol. 12*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. “Conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XIV: Realização de desejo”. Em: *Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. 15*. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

FREUD, S. “Über psychoanalyse”. Em: *Sigmund Freud Gesammelte Werke, vol. 8*. Londres: Imago Publishing Co., 1943.

FREUD, S. “Batem numa criança”. Em: *Obras completas, vol. 14*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. [MASSON, J. M. (ed.)]. *A correspondência complete de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, S. *Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*. Londres: Imago, 1950.

Textos de outros autores

ADORNO, T. “O ensaio como forma”, Em: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ASSOUN, P. L. *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ASSOUN, P. L. *Freud, la philosophie et les philosophes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

ASSOUN, P. L. *Introduction à l'épistemologie freudienne*. Paris: Payot, 1981.

BARBOSA, M. G. *Nietzsche, crítica ao conceito de consciência*. São Paulo, Beca Produções Culturais, 2000.

BEAUDE, J. “Mecanismo”, Em: *Galileu, Descartes e o mecanismo*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva Publicações, 1987.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BERNFELD, S. “Freud’s earliest theories and the school of Helmholtz”. Em: *The psychoanalytic quarterly* (13), 1944.

BITENCOURT, J. A. *Descartes e a invenção do sujeito*. São Paulo: Paulus, 2017.

BONAPARTE, M.; FREUD, A.; KRIS, E. “Vorbemerkung der Herausgeber”. Em: *Aus der Anfängen der Psychoanalyse*. Londres: Imago, 1950. Pp. 373-375.

BORCH-JACOBSEN, M. *Le sujet freudien*. Paris: Flammarion, 1982.

BOWIE, M. *Lacan*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

BREUER, J. “Casos clínicos: A Srta. Anna O.”. Em: FREUD, S. *Obras completas, vol. 2: Estudos sobre a histeria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

BREUER, J. “Considerações teóricas”. Em: FREUD, S. *Obras completas, vol. 2: Estudos sobre a histeria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.

BREUER, J.; FREUD, S. “[Comunicação preliminar:] Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos”. Em: FREUD, S. *Obras completas, vol. 2: Estudos sobre a histeria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

BURTT, E. *As bases metafísicas da ciência moderna*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

CANGUILHEM, G. *Estudos de história e filosofia das ciências: concernentes aos vivos e à vida*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CANGUILHEM, G. *Idéologie et rationalité dans l’histoire des sciences de la vie*. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 2009.

CANGUILHEM, G. “Máquina e organismo”. Em: *O conhecimento da vida*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

CAROPRESO, F. *Freud e a natureza do psíquico*. São Paulo: Annablume, 2010.

CERTEAU, M. de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2022.

COSTABEL, P. “História da mecânica”. Em: *Galileu, Descartes e o mecanismo*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva Publicações, 1987.

DARWIN, C. *A expressão das emoções nos homens e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DESCARTES, R. *Meditações de filosofia primeira*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

DOSTOIÉVSKI, F. *O crocodilo*. São Paulo: Editora 34, 2000.

FICHTE, J. G. *Fundamento do direito natural*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2012

GABBI JR., O. F. *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GABBI JR., O. F. “Pequenas notas a ‘Que é a Psicologia?’”. Revista Impulso, nº 26, 1999.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana, volume 1*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana, volume 2*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GILL, M.; PRIBAM, K. *O Projeto de Freud: um exame crítico*. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HEIDEGGER, M. *Nietzsche, vol. 2*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUSSERL, E. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. São Paulo: Madras, 2001.

KOYRÉ, A. “Entretiens sur Descartes”, Em: *Introduction à la lecture de platon, suivi de Entretiens sur Descartes*. Paris: Éditions Gallimard, 1962. Pp. 163-229.

KOYRÉ, A. *From the closed world to the infinite universe*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1968.

KOYRÉ, A. *Études d'histoire de la pensée Scientifique*. Paris: Éditions Gallimard, 1973.

KOYRÉ, A. “Les origines de la science moderne”. Em: *Études d'histoire de la pensée Scientifique*. Paris: Éditions Gallimard, 1973.

KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

JONES, E. *Sigmund Freud Life and Work*. Londres: The Hogarth Press, 1972.

LACAN, J. *Écrits II*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

LACAN, J. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

LACAN, J. “A ciência e a verdade”. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

LACAN, J. *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 2016.

LACAN, J. *Le séminaire, livre 1: Les écrits techniques de Freud*. Versão de bolso. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

LACAN, J. *Le séminaire, livre 2: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

LACAN, J. *Le séminaire, livre 6: Le désir et son interpretation*. Paris: Éditions de La Martinière et Le Champ Freudien Éditeur, 2013.

LALANDE, A. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. 3^a ed. Paris: Presses Universitaires de France/Quadrige, 2010.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. -B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

LIBERA, A. *Archéologie du sujet III: l'acte de penser, la double révolution*. Paris: Vrin, 2014.

LIBERA, A. *Arqueologia do sujeito: nascimento do sujeito*. São Paulo: Editora Fap-UNESP, 2013.

LIBERA, A. *L'invention du sujet moderne*. Paris: Vrin, 2015.

MARTINS, R. F. “A bifurcação da natureza: história, exemplificação, definição e crítica na filosofia whiteheadiana”. Em: *Recima 21 – Revista científica multidisciplinar*, vol. 2, n. 4. 2021

MAUSS, M. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de ‘eu’”. Em: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PADOVAN, C. *Les origines de la méthode psychanalytique: une étude d'histoire conceptuelle*. Tese de doutorado defendida na Université Paris Diderot em 2018.

PALMA, H. A. *Metáforas e modelos científicos*. São Paulo: Edições SM, 2009.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.

POLITZER, G. *Critique des fondements de la psychologie*. 3ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

REZENDE, A. M. *Dicionário do latim essencial*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

RIBEIRO, E. E. M. *Individualismo e verdade em Descartes: o processo de estruturação do sujeito moderno*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

RICOUER, P. *De l'interprétation: Essai sur Freud*. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

RICOUER, P. *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

RUSSELL, B. *História do pensamento ocidental, livro 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SCHELLING, F. W. J. *Ideias para uma filosofia da natureza*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2001.

SIMANKE, R. *A fundação da psicanálise, vol. 1: do neurônio à memória*. São Paulo: Instituto Langage, 2023.

SIMANKE, R. “História e filosofia da psicanálise: fundamentos e questões de método” [Entrevista por Weiny César Freitas Pinto]. *Revista Eleutheria*, vol. 06, nº 10, 2021.

SIMANKE, R.; F. CAROPRESO (2018). “Considerações preliminares acerca de um método histórico-conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise”, Em: *Modalidades de pesquisa em psicanálise*, São Paulo: Zagodoni, 2018.

SMITH, D. L. *Freud's philosophy of the unconscious*. Berlim: Springer-Science+Business Media, 1999.

STRACHEY, J. “Nota do editor inglês [ao texto *A interpretação dos sonhos*]”. Em: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. 4*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

STRACHEY, J. “Nota do editor inglês [ao texto *Estudos sobre a histeria*]”. Em: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol 2*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

STRACHEY, J. “Introdução do editor inglês [ao texto *Projeto para uma psicologia científica*]”. Em: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud: edição Standart brasileira, vol. 1*. Rio de Janeiro, Imago, 1996a.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição de conhecimento humano*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

TRILLAT, E. *História da histeria*. São Paulo: Escuta, 1991.

TUGENDHAT, E. “O Eu”. Em: *Analytica – Revista de filosofia da UFRJ, n. 1, vol. 1*. 1993.

WAHRIG. *Dicionário semibilíngue para brasileiros/alemão*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

WHITEHEAD, A. N. *O conceito de natureza*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

WOLLHEIM, R. (org.) *Freud: Uma coletânea de ensaios críticos, tomo I*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976.

ANEXO 1

Linha do tempo comentada dos acontecimentos biográficos de Freud até 1900

1856 – (6 de maio) Nascimento de Freud

1873 – Freud inicia seus estudos de medicina na Universidade de Viena

1876 – (até 1881, no âmbito da faculdade de medicina) Freud trabalha no laboratório de Carl Claus, tendo sido agraciado com uma oportunidade de algo como um estágio em pesquisa em uma estação experimental de biologia em Trieste, na Itália. É quando Freud empreende estudos laboratoriais sobre as gônadas das enguias.

1876 – (até 1882, no âmbito da faculdade de medicina) Freud trabalha no laboratório de fisiologia de Ernst Brücke. Durante os seis anos em que passou lá, Freud se dedicou, diz Peter Gay (1989), a decifrar “os quebra-cabeças do sistema nervoso” (p. 47), fazendo estudos de anatomia comparativa microscópica e fisiologia comparativa, nos quais analisava cérebros e medulas de humanos e outros animais vertebrados (como as lampreias) com os de invertebrados (como os lagostins). Tempo durante o qual produziu cinco artigos. Parece seguro dizer que muitas das concepções neurológicas desenvolvidas em *Entwurf einer Psychologie* tem sua pré-história nesses estudos. Uma das grandes descobertas de Freud, por exemplo, fora de que as fibras nervosas – o que chamamos axônio – eram uma extensão do próprio corpo do neurônio. A teoria do neurônio, desenvolvida por Ramon & Cajal, só seria elaborada anos mais tarde, sendo que alguns autores conferem aos estudos freudianos uma importância determinante na descoberta do neurônio. Em *Entwurf einer psychologie*, essa descoberta já é apresentada de início, como fato sobre o qual se irão desenvolver os demais pressupostos.

1876 – Publicação de *Vorlesungen über Physiologie*, de Ernst Brücke. Consistiam em um curso dado pelo autor no final de 1874 ou começo de 1875.

1877 – Freud conhece Breuer, no círculo de Brücke.

1879/1880 – Entre os anos de 1879 e 1880, no serviço militar obrigatório, Freud traduz quatro ensaios de John Stuart Mill.

1880 – (até 1882) Breuer trata Anna O.

1881 – Freud se forma em medicina. A demora se deveu principalmente por sua paixão pela pesquisa, que se tornava uma resistência a deixar o ambiente do laboratório.

1882 – Freud vira médico do Hospital Geral de Viena.

1882 – Breuer fala de Anna O. a Freud pela primeira vez.

1883 – (No âmbito do Hospital Geral de Viena) Freud entra para a clínica psiquiátrica de Theodor Meynert.

1885 – Freud publica *Über Coca*.

1885 – (outubro) Freud vai a Paris, agraciado com uma bolsa de estudos, estudar com Jean-Martin Charcot. Por cerca de seis semanas, ele trabalha no estudo microscópico de cérebros infantis no Laboratório Patológico de Charcot, na Salpêtrière. O que pode ter sido importante como pré-história de publicações e ideias sobre as afasias e paralisias cerebrais infantis, que consistiram algumas de suas mais importantes publicações nos anos subsequentes. Mas logo se afastou das pesquisas neurológicas e foi para a psicologia, interessando-se pelo trabalho de Charcot com a histeria.

1886 – Freud pede demissão do Hospital Geral de Viena e passa a atender como médico particular.

1886 – (até 1893 ou mais) Período durante o qual Freud parece se dedicar e escrever artigos sobre Charcot, histeria, hipnotismo, sugestão etc.

1887 – (outono europeu) Freud conhece Fliess, que, por conselho de Breuer, fora assistir a algumas de suas conferências.

1887 – Artigo *Kritische einleitung in die Nervenpathologie*.

1887 – Nascimento de Mathilde Freud.

1888 – Freud traduz um livro de Bernheim.

1888 – Freud escreve o verbete sobre *histeria* para a enciclopédia de Villaret.

1889 – Nascimento de Jean-Martin Freud.

1889 – (verão europeu) Viagem de Freud a Nancy. Visita a Bernheim, feita com a finalidade de aperfeiçoar sua técnica de sugestão hipnótica.

1889 – (até 1890) Mais ou menos por essa data, Freud atende, em seu consultório particular, Emmy von N. (Fanny Moser), caso no qual ele, pela primeira vez, faz ‘uso geral e extensivo da hipnose’.

1889 – (entre essa data e 1892) Nesse intervalo, segundo Stachey, “Freud por certo teve experiências com outros casos” além de Emmy von N., Elizabeth von R. e Miss Lucy R. “Em particular, houve o da Srta. Cécile M., a quem ele ‘veio a conhecer de forma muito mais completa do que qualquer das outras pacientes mencionadas nestes estudos’ [os *Estudos sobre histeria*]”.

1890 – Publica o ensaio *Tratamento psíquico (ou anímico)*.

1891 – Nascimento de Oliver Freud.

1891 – Publica *Sobre a concepção das afasias* [Zur auffassung der Aphasien: eine kritische Studie].

1891 – A relação entre Freud e Breuer começa a ficar se deteriorar (episódio da dedicatória de *Zur auffassung der Aphasien*). No ano seguinte, 1892, sinais de piora. Em 1893, então, mesmo ano da publicação da *Comunicação preliminar*, Freud chega a dizer que “Breuer estava se colocando no caminho de meu avanço em Viena. Um ano depois, em 1894, ele informava que “os contatos científicos com Breuer” haviam cessado e, em 1896, já estava o evitando, dizendo que não precisava mais vê-lo.

1891 – (outono europeu) Os Freud se mudam para o apartamento na Bergasse 19.

1892 – Nascimento de Ernst Freud.

1892 – Freud traduz outro livro de Bernheim.

1892 – Freud começa a tratar Elizabeth von R. (outono europeu) e Miss Lucy R.

1892 – Escrita do *Esboço para a comunicação preliminar* de 1893.

1893 – (12 de abril) Nascimento de Sophie Freud.

1893 – Freud publica a *Comunicação preliminar*, junto com Breuer.

1893 – Freud publica *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*. O texto, na verdade, foi escrito em 1888, a pedido de Charcot.

1894 – Freud publica *As neuropsicoses de defesa*.

1895 – (maio) Freud publica *Estudos sobre a histeria*, junto com Breuer.

1895 – Freud trabalha em *Projeto para uma psicologia científica* [Entwurf einer Psychologie].

1895 – (24 de julho) Freud tem o *sonho da injeção de Irma*.

1895 – Freud publica *Obsessions et phobies (leur mécanisme psychique et leur étiologie)*.

1895 – Freud publica *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘neurose de angústia’* [Über die berechtigung, von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als “Angstneurose” abzutrennen].

1895 – Freud publica *Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia*.

1895 – Auge da *teoria da sedução* nos escritos freudianos.

1895 – (3 de dezembro) Nascimento de Anna Freud

1896 – (maio) Freud escrevia sobre paralisias cerebrais infantis para a enciclopédia organizada por Nothnagel, publicada em 1897.

1896 – (verão e primavera europeus) O pai de Freud fica entre a vida e a morte. Seu falecimento acontece no dia 23 de outubro.

1896 – Publica *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*.

1896 – Publica *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*.

1896 – Publica *Etiologia da histeria*.

1897 – (21 de setembro) Em carta a Fliess: “Não acredito mais em minha neurótica [...]. Não há marcas de realidade no inconsciente”.

1897 – Freud está às voltas com sua “autoanálise”. Ela, na verdade, teria se “iniciado” em algum momento da metade dos anos 1890, passando, 1897, de forma intensa, à condição de “empenho sistemático” (Gay, 1989, p. 130).

1898 – Freud publica *A sexualidade na etiologia das neuroses*.

1898 – Freud publica *O mecanismo psíquico do esquecimento*.

1899 – Freud publica *Lembranças encobridoras*.

[1899] 1900 – Freud publica *A interpretação dos sonhos*

1900 – Rompimento com Fliess.

ANEXO 2

Lista de textos de Sigmund Freud em ordem cronológica (1876-1900)

- 1876 (-1882):** Cinco artigos sobre anatomia comparativa, no âmbito do laboratório de Brücke.
- 1885:** *Über Coca*
- 1886:** *Über die Beziehung des Strickkörpers zum Hinterstrang nebst Bemerkungen über zwei Felder der Oblongata.*
- 1886:** Bericht über meine mit Universitäts-Jubiläums Reisestipendium unternommene studienreise nach Paris und Berlin
- 1886:** Prefácio à tradução de *Leçons sur les maladies du système nerveux: tome troisième*, de Charcot
- 1886:** *Beobachtung einer hochgradigen hemianasthesie bei einem hysterischen manne*
- 1887:** Resenha de *Die akute Neurasthenie* de Averbeck
- 1887:** Resenha de *Die Behandlung gewisser formen von Neurasthenie und Hysterie*, de Weir Mitchell
- 1888:** *Hysterie* [verbete enciclopédia Villaret]
- 1888:** Prefácio à tradução de *De la suggestion*, de Bernheim. Depois, *Prefácio à segunda edição alemã* (1896).
- 1889:** *Rezension von August Forel, Der Hypnotismus*
- 1890:** *Psychische Behandlung (Seelenbehandlung)*
- 1891:** *Hipnose* [verbete]
- 1891:** *Zur Auffassung der Aphasien*
- 1892-1893:** *Ein fall von hypnotischer heilung: nebst Bemerkungen über die Entstehung hysterischer Symptome durch den "Gegenwillen"*
- 1892-1894:** Prefácio e notas de rodapé à tradução das *Leçons du mardi de la Salpêtrière* (1887-8)
- 1892:** Esboços para a "Comunicação preliminar"
- 1893:** *Quelques considérations por une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques*
- 1893:** *Über den psychischen mechanismus hysterischer phänomene (Vorläufige Mitteilung)*
- 1893:** *Charcot* (obituário)
- 1893:** *Über den psychischen mechanismus hysterischer phaenomene* (Conferência)
- 1894:** *Die Abwehr-Neuropsychosen*

- 1895: *Obsessions et phobies (leur mécanisme psychique et leur étiologie)*
- 1895: *Über die berechtigung, von der Neurasthenie einen bestimmten symptomkomplex als "Angstneurose" abzutrennen*
- 1895: *Zur Kritik der "Angstneurose"*
- 1895: *Studien über Hysterie*
- 1895: *Entwurf einer Psychologie*
- 1896: *L'hérédité et l'étiologie des nevroses*
- 1896: *Weitere bemerkungen über die Abwerhneuropsychosen*
- 1896: *Zur Ätiologie der Hysterie*
- 1897: *Inhaltsangaben der Wissenschaftlichen arbeiten des Privatdocenten Dr. Sigm. Freud 1877-1897*
- 1898: *Die sexualitaet in der Ätiologie der Neurosen*
- 1898: *Zum psychischen mechanismus der Vergesslichkeit*
- 1899: *Über deckerinnerungen*
- 1900 [1899]: *Die Traumdeutung*
- 1901 [1899]: *Nota autobiográfica para Biographisches Lexikon, hervorragender Ärzte des neunzehnten Jahrhunderts*

ANEXO 3

(Excertos comentados da correspondência entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess relacionados ao texto *Entwurf einer psychologie.*)

CARTA DE 19 DE ABRIL DE 1894

Já que todos precisam da influência sugestiva de alguma outra pessoa para conseguir uma suspensão temporária das próprias críticas, de fato não coloquei nada aceso entre os lábios desde então (faz hoje três semanas); e, hoje, já consigo observar os outros fumando sem invejá-los, e até voltar a imaginar a vida e o trabalho sem esse esteio. Não faz muito tempo que atingi esse ponto; além disso, o sofrimento da abstinência tem sido muito maior do que eu imaginava — mas isso, naturalmente, é óbvio.

Menos óbvio, talvez, é meu estado de saúde em outros aspectos. Logo depois da suspensão, houve alguns dias toleráveis e comecei a redigir para você o estudo do problema da neurose; sobreveio então, repentinamente, um agudo sofrimento cardíaco, maior do que jamais tive quando fumava. A mais violenta arritmia, tensão constante, pressão, ardência na região cardíaca, pontadas agudas descendo pelo braço esquerdo e uma certa dispnéia: tudo isso, essencialmente, em ataques que se estendem continuamente por dois terços do dia; a dispnéia é tão moderada que se chega a suspeitar de alguma coisa orgânica; e, com ela, um sentimento de depressão, que assumiu a forma de visões de morte e separação, em lugar do costumeiro frenesi de atividade. As indisposições orgânicas diminuíram nos últimos dois dias; o humor lipemaniaco persiste, tendo porém a gentileza de dissipar-se subitamente (como fez na noite passada e hoje, ao meio-dia) e de deixar atrás de si um ser humano que nova mente anseia com confiança por uma vida longa e pelo prazer indiminuto de retomar a batalha.

É muito aflitivo, para um homem da medicina que passa todas as horas do dia lutando por alcançar a compreensão das neuroses, não saber se está sofrendo de uma depressão branda lógica ou hipocondríaca. Ele precisa ser ajudado nisso. Assim, na verdade, recorri a Breuer ontem à noite e lhe disse que, em minha opinião, o distúrbio cardíaco não era compatível com um envenenamento por nicotina; em vez disso, suponho ter uma miocardite crônica que não tolera o fumo. Lembro-me também perfeitamente de que a arritmia surgiu de modo bastante repentino, em 1889, após meu ataque de gripe. Tive a satisfação de ouvir dele que poderia ser uma coisa ou a outra, e que eu deveria ser examinado logo. Prometi fazê-lo, mas sei que a maioria desses exames não revela nada. Não sei até que ponto se pode estabelecer uma diferença entre as duas coisas, mas penso que deve ser possível fazê-lo com base em sintomas e eventos subjetivos, e que vocês aí sabem o que depreender disso tudo. Desta vez, estou particularmente desconfiado de você, pois essa minha história do coração o é a única em que o ouvi fazer afirmações contraditórias. Da última vez, você a explicou como sendo nasal e disse que estavam ausentes os sinais percussivos de coração afetado pela nicotina; desta vez, mostra-se realmente muito

preocupado comigo e me proíbe de fumar. Só posso entender isso se presumir que você quer esconder de mim o verdadeiro estado de coisas, e rogo-lhe que não o faça. Se me puder dizer algo de definitivo, simplesmente diga. Não tenho opiniões exageradas sobre minhas responsabilidades ou minha indispensabilidade, e suportarei com grande dignidade a incerteza e a expectativa de vida abreviada, ligadas ao diagnóstico de miocardite; ao contrário, poderia até tirar proveito disso, organizando o restante de minha vida e desfrutando integralmente do que me resta.

Na correspondência de Freud, o ano de 1894 (e parte de 1895) é marcado por queixas sobre seu estado de saúde. Em 11 de abril de 1895, Freud se refere àquele período como o “ano de doenças” (p. 125). Ele passa a experimentar problemas cardíacos, os quais submete à avaliação de Fliess e Breuer. O primeiro lhe recomenda a abstinência do tabaco, julgando que suas complicações estavam relacionadas com o fumo. Freud já relata um grande sofrimento em ficar longe dos charutos, mas menciona ainda um estado depressivo que tira seu ânimo. Não sabemos se essa alteração do humor tem relação com o fato de ficar “impossibilitado de trabalhar” (p. 68). Na verdade, ele próprio questiona a natureza dessa depressão e chega a desconfiar de uma origem neurótica de seus sintomas físicos. De toda forma, seus comentários ao longo das cartas nos mostram como a situação lhe era penosa.

CARTA DE 25 DE ABRIL DE 1894

Certamente o considero mais competente do que qualquer outra pessoa para fazer um diagnóstico diferencial nessas questões delicadas; e, mais uma vez, deixei-me confundir sobre como entender meu estado. Breuer, por exemplo, aceitou calmamente a possibilidade de uma insuficiência cardíaca não-tóxica. Aparentemente, não tenho nenhuma dilatação do coração; os ruídos cardíacos separados, a arritmia e similares continuam, apesar de minha abstinência. Minha libido foi há muito subjugada. Uma grama de digitalina em dois dias diminuiu consideravelmente as indisposições subjetivas e, ao que parece, influenciou também a arritmia, a qual, no entanto, identifico sempre que deparo com alguma ressonância do pulso. Minha depressão branda, a fadiga, a incapacidade de trabalhar e a dispnéia discreta pioraram bastante.

É esse o estado inalterado. O fato de que não deixarei este belo mundo sem convocá-lo para uma despedida pessoal foi decidido em minha mente desde que comecei a me sentir adoentado. Não creio, porém, que venha a estar em condições de aceitar sua oferta num futuro próximo; contudo, a tortura e o escoamento inútil do presente me ferem mais do que qualquer possível prognóstico insatisfatório.

Essa carta mantém o tom da carta anterior, que foi enviada pouco tempo antes. Os sintomas pioram, bem como o ânimo de Freud, que chega, como antes, a vislumbrar sua própria morte. Pelo que parece, Freud ficará doente por um bom tempo, muitas vezes sem poder fazer quaisquer atividades, o que lhe faz sofrer muito.

CARTA DE 06 DE MAIO DE 1894

Sinto-me melhor – por vezes, muito melhor – mas não cheguei a ficar livre dos sintomas sequer por meio dia, e meu estado de ânimo e capacidade de trabalho estão realmente em maré baixa. Ainda penso que isso não se deve à nicotina; tendo casualmente visto um bocado dessa mesma coisa em minha clínica na semana passada, creio tratar-se de miocardite reumática, algo de que a gente nunca se livra, realmente. Nos últimos anos, tive repetidamente nódulos musculares reumáticos em outras partes do corpo.

CARTA DE 21 DE MAIO DE 1894

Caríssimo, mesmo, pois considero tocante que você examine tão minuciosamente meu estado, numa época em que está atarefadíssimo, ou indisposto, ou, possivelmente, ambas as coisas. Houve em suas cartas um hiato que estava começando a me parecer estranho e que quase me induziu a escrever, à cata de informações, a uma jovem de Berlim a quem conheço e que, segundo espero, tem também um relacionamento amistoso comigo. Foi então que chegou sua carta, com a meticulosa refutação de minhas fantasias, que são típicas dos doentes confinados e dos diletantes, mas sem uma só palavra sobre sua própria saúde. Tenho observado há algum tempo que você suporta o sofrimento melhor e com mais dignidade do que eu, que oscilo eternamente em meus estados de humor.

Prometo-lhe um relatório pormenorizado sobre minha doença da próxima vez; sinto-me melhor, mas longe de estar bem; pelo menos, estou trabalhando outra vez.

Por essa carta, ficamos sabendo que o estado de saúde de Freud lhe obrigava a ficar confinado (por indisposição, não por transmissibilidade), possivelmente acamado (sem condições de trabalhar).

CARTA DE 22 DE JUNHO DE 1894

E agora vem o relato de meu caso, a verdade sem retoques, com todos os detalhes a que um paciente aflito atribui importância e que, provavelmente, não a merecem.

Não tenho fumado há sete semanas, desde o dia de sua proibição. A princípio, como era esperável, senti-me abusivamente mal. Sintomas cardíacos acompanhados de depressão branda, além do terrível sofrimento de abstinência. Este último se dissipou depois de aproximadamente três semanas, enquanto a primeira cedeu após cerca de cinco semanas, porém deixando-me completamente incapaz de trabalhar, derrotado. Decorridas sete semanas, apesar de minha promessa a você, recomecei a fumar, influenciado pelos seguintes fatores:

(1) Durante esse período, examinei pacientes da mesma idade em estado praticamente idêntico, que nunca haviam fumado (duas mulheres) ou que haviam parado de fumar. Breuer, a quem afirmei repetidamente não considerar a indisposição como envenenamento por nicotina, finalmente concordou e também apontou as mulheres. Assim, fiquei privado da motivação que você caracterizou tão habilmente numa de suas cartas anteriores: uma pessoa só consegue desistir de algo quando está firmemente convencida de que aquilo é a causa de sua doença.

(2) A partir dos primeiros charutos, consegui trabalhar e me assenhoreei de meu estado de ânimo; antes disso, a vida estava insuportável. Também não observei nenhum agravamento dos sintomas depois de um charuto.

Tenho agora fumado com moderação e elevei lentamente o número para três por dia; sinto-me muito melhor do que antes: a rigor, progressivamente melhor; mas não bom, é claro. Descreverei o estado:

Uma certa arritmia sempre parece estar presente, mas a intensificação até o *delirium cordis* com opressão só ocorre nos ataques, que agora duram menos de uma hora e se instalam quase regularmente depois do almoço. A dispnéia moderada ao subir escadas desapareceu; o braço esquerdo está livre da dor há semanas; a parede torácica ainda está bastante sensível; as dores pontiagudas, o sentimento de opressão e as sensações de ardência não cessaram nem por um dia. Aparentemente, os indícios objetivos não são encontráveis, mas, na verdade, não sei. O sono e todas as demais funções estão inteiramente imperturbados; tenho bom controle de meus estados de humor; por outro lado, sinto-me envelhecido, lerdo e adoentado. A digitalina tem-me ajudado tremendamente (um grama pela segunda vez em três dias).

O que me tortura é a incerteza sobre o que deprender dessa história. Ser-me-ia embaraçoso sugerir um exame de hipocondria, mas não disponho de critérios com que decidir a esse respeito. Estou muito insatisfeito com o tratamento que venho recebendo aqui. Breuer está repleto de contradições evidentes. Quando digo que estou passando melhor, a resposta é “Você não imagina *como* fico contente em ouvir isso!” O que me levaria a concluir que meu estado é grave. Quando indago mais uma vez de que se trata, realmente, recebo a resposta: “Nada; seja como for, é algo que já está superado.” Além disso, ele não mostra a menor preocupação comigo e passa duas semanas seguidas sem me examinar; não sei se isso é tática, indiferença genuína, ou algo inteiramente justificado.

Em termos gerais, observo que estou sendo tratado como um paciente, com evasivas e subterfúgios, em vez de ter minha mente tranquilizada pela comunicação de tudo o que há para me dizer numa situação dessa natureza, ou seja, tudo o que se sabe.

Seria um alívio imenso para mim se eu tivesse podido compartilhar de sua opinião ou se ainda partilhasse dela [sobre o fumo como causa dos problemas de Freud]; até mesmo um novo período de desabituação me seria menos difícil agora, mas isso me parece um *sacrifício d'intelletto*; pela primeira vez, tenho uma opinião que difere da sua. Com Breuer é mais fácil: ele não expressa opinião alguma.

Bem, chega disso por ora; é muito triste ter-se que estar tão preocupado consigo mesmo quando há tantas coisas mais interessantes sobre as quais escrever.

CARTA SEM DATA (PROVAVELMENTE ENTRE 22 DE JUNHO E 14 DE JULHO DE 1894)

Caro Wilhelm,

Minha compreensão a respeito é pequena demais para que eu possa avaliar uma réplica tão segura, mas meu juízo me diz que tenho razões psicológicas suficientes para cumprir suas ordens, de modo que estou hoje iniciando um segundo período de abstinência – que, segundo espero, durará até que nos venhamos a rever em agosto.

Vemos por essa carta como o estado de saúde de Freud continua frágil. Por recomendação de Fliess, Freud novamente inicia um período de abstinência do tabaco. A julgar por seu gosto pelos charutos, ele não faria isso se não estivesse realmente preocupado.

CARTA DE 14 DE JULHO DE 1894

Desde então, preocupado com a abstinência, tenho produzido muito pouco; outra descrição da neurose de angústia, que acabo de dar a Breuer. Nesse meio tempo, a Srta. Elisabeth von R. ficou noiva.

Meu estado – sinto-me agora obrigado a não despertar a suspeita de que talvez queira esconder algo – é o seguinte: desde sua carta de quinta-feira, uma quinzena atrás, abstinência, que durou oito dias; na quinta-feira seguinte, num momento indescritivelmente árido, um charuto; depois, novamente, oito dias de abstinência; na quinta-feira seguinte, mais um; desde então, paz. Em suma,

estabeleceu-se um padrão: um charuto por semana para comemorar sua carta, que mais uma vez roubou-me o prazer do tabaco. Na prática, isso talvez não difira tanto da abstinência.

Desde então, conversei com Oser, que afirma ter passado pela mesma angina causada por nicotina e que me falou com grande entusiasmo sobre a longa duração desse estado. Bem, é o segundo judeu a declarar que isso é uma enguia; é mesmo uma enguia, não é?

Estado inalterado. No final da semana passada, tive que recorrer novamente à digitalina; o pulso estava outra vez delirante, e a sensação assistólica, simplesmente terrível. Com a digitalina, sinto-me melhor, mas não realmente à vontade. Devo tomar digitalina com frequência ou só raramente? Prometo obedecer.

CARTA DE 25 DE JULHO DE 1894

Sinto-me ultrajantemente bem disposto; desde o último grama de digitalina, todos os sintomas se evaporaram e isso me dá a sensação de que realmente não voltarão. Tenho-me comportado muito bem, no entanto. Quando fumo meu charuto semanal (hoje, por exemplo), já não o saboreio, em absoluto, e ele me deixa um vestígio de nítido desconforto. Estou começando – algo que deveria ter feito mais cedo – a acreditar em você.

CARTA DE 07 DE AGOSTO DE 1894

Foi um ano ruim para nós dois. Não é impossível, contudo, que, durante este período [referência ao tempo que passariam juntos, naquela mesma semana], ambos consigamos recuperar-nos de sofrimentos que duraram anos. Não estou tão bem disposto quanto há pouco tempo atrás, da última vez que lhe escrevi. Percebo que você não está bem, porque demonstra muita paciência desta vez. Quando penso nas muitas semanas em que me sinto inseguro acerca de minha vida, a necessidade de estar com você torna a aumentar enormemente.

Além de Freud, Fliess também passava por problemas de saúde. Ele tinha frequentes dores de cabeça, que preocupavam o amigo. Essa é a causa do cancelamento de um encontro entre os dois em setembro.

ENCONTRO EM MUNIQUE

Nos dias 11 de agosto de 1894, Freud encontra Fliess em Munique, onde passam três dias juntos.

CARTA DE 18 DE AGOSTO DE 1894

Uma carta encantadora de sua mulher, que, por assim dizer, demonstra as conquistas do passado mais recente – Martha responderá com detalhes amanhã – contribuiu para facilitar a transição para nós e dispôs diante de nossos olhos toda a fileira de provas do amor de vocês que compôs o tempo que passamos juntos em Munique.

De agora em diante, só profetizarei coisas boas, e estarei tão certo sobre elas quanto acerca de minha última previsão ruim. Acima de tudo, profetizo que teremos muito a escrever um ao outro, e mais: frequentemente. Isso pressupõe que você estará passando muito bem.

Acompanhando as cartas de Freud a Fliess, é notável o poder de influência que seu amigo tinha sobre sua pessoa, sobretudo sobre seu ânimo [ver Peter Gay, 1989]. Isso também reflete diretamente em seu trabalho, mais especificamente no impulso de Freud à pesquisa e ao trabalho com a teoria. Veremos como isso acontece no caso da escrita do *Projeto*, quando, no verão de 1895 (entre agosto e setembro), Freud encontra Fliess em Berlim.

CARTA DE 23 DE AGOSTO DE 1894

Eu não seria nem um pouco capaz de me interessar por outro sujeito que estivesse esbanjando saúde quando não me sentisse bem. De fato, eu bem poderia oferecer-lhe parte de meu bem-estar; é possível que, depois desta terceira semana, eu volte novamente a ter que tomar digitalina, mas, por ora, ainda vou-me agüentando esplendidamente. Na quinta-feira seguinte a nossa despedida, fui forçado pelas circunstâncias a fazer uma caminhada de quatro horas, de Weissenbach para Ischl – noite, solidão, chuva torrencial, pressa – e tolerei tudo muito bem.

ENCONTRO EM VIENA

Entre 17 de dezembro de 1894 e 24 de janeiro de 1895, pelo que parece, os dois amigos se encontram em Viena.

CARTA DE 24 DE JANEIRO DE 1895

Nestes últimos dias, senti-me inacreditavelmente bem, como se tudo tivesse sido apagado um sentimento que, apesar da fase melhor, eu não conhecia há dez meses. Na vez passada, escrevi-lhe, após uma fase boa imediatamente posterior à reação, que vieram a seguir alguns dias rigorosamente péssimos, nos quais a cocainização da narina esquerda me ajudou numa medida surpreendente. Prossigo agora em meu relato. No dia seguinte, mantive o nariz em tratamento com a cocaína, o que realmente não se deve fazer; em outras palavras, pinchei-o repetidamente para prevenir uma nova ocorrência de inchaço; durante esse período, liberei o que, em minha experiência, foi uma quantidade copiosa de pus espesso; e, desde então, tenho me sentido maravilhosamente bem, como se nunca tivesse havido nada de errado. A arritmia ainda está presente, mas só raramente e sem muita intensidade; a sensibilidade à pressão externa é ligeira, situando-se as sensações entre 0 |zero| e - 0. Estou adiando a expressão plena de minha gratidão, bem como a discussão sobre a parcela que coube à operação nessa melhora sem precedentes, até vermos o que acontece a seguir.

Essa carta revela detalhes de uma provável e surpreendente operação que Fliess teria feito no nariz de Freud, baseada em algumas de suas teorias sobre uma reflexologia nasal. Fliess, que era otorrinolaringologista, acreditava haver pontos no nariz que correspondiam aos sintomas dos outros órgãos do corpo (ao coração, por exemplo, no caso da arritmia de Freud).^w A julgar pela cirurgia que fizera em Freud, ele também acreditava ser possível curar tais sintomas através de uma intervenção indireta no nariz. (Aparentemente, isso tinha relação também com as experimentações com a cocaína – vide nota do editor à carta de 25 de fevereiro de 1895, p. 113)

O que nos surpreende é Freud não apenas ter alimentado essas e outras ideias questionáveis de Fliess, como ter aceitado se submeter a uma intervenção cirúrgica daquele tipo pelas mãos do amigo. O que só demonstra a força da figura de Fliess para Freud, e o quanto ele estava

^w Ver, sobre isso, carta de 06 de maio de 1895. Ali, Freud menciona “dores no estômago” e uma relação com um “*locus específico*” no nariz. Há uma nota do editor da Correspondência (Freud, 1986) bastante instrutiva sobre o assunto.

suscetível a ela. Nesse sentido, a hipótese de Peter Gay (1989), mencionada no capítulo 2, sobre o episódio de Emma Eckstein, parece coerente. Freud chama o amigo para operar uma de suas pacientes. Entretanto, essa operação é um fracasso, tendo resultado em uma grave imperícia médica. A imagem de Fliess é abalada, o que representa muito sofrimento para o espírito de Freud. Esse episódio antecede imediatamente o início do *Projeto*. É provável que exista uma relação entre esses dois eventos. Em sua obra, Gay não chega a fazer esse paralelo com o *Projeto*, mas, sim, com o “Sonho da injeção de Irma”, que lhe é contemporâneo. Por fim, a título de registro historiográfico, os dois amigos devem ter se encontrado em janeiro, por ocasião da operação. Na carta de 17 de dezembro do ano de 1894, a forma com que Freud se dirige a Fliess sugere que eles se encontrariam dentro em poucos dias. É improvável que a operação tenha acontecido nessa ocasião. Além disso, é mais verossímil que a carta de 24 de janeiro, em que Freud informa ao amigo sobre seu estado pós-cirurgia, tenha se seguido imediatamente ao evento, e não esperado várias semanas para ser enviada. Não sabemos se a operação aconteceu em Viena ou em Berlim, mas é mais provável que tenha sido na capital austríaca, pois Freud registra sempre em suas cartas, nesse período, quando parte em viagem. Além disso, era Freud quem seria operado, e parece difícil pensar que Fliess aceitasse que, logo após o procedimento, ele tomasse um trem de volta para casa. Depois, pelo que parece, Fliess vai novamente a Viena, por ocasião da operação de Emma Eckstein. No dia 26 de fevereiro de 1895, uma publicação no *Wiener allgemeine Zeitung* informa que Fliess estaria, naquele dia, retornando a Berlim (tendo estado em Viena). Contudo, como diz o editor da correspondência, essa informação é inexata, pois diz respeito ao dia em que o artigo foi escrito, e não ao dia em que foi publicado. Não sabemos ao certo, portanto.

CARTA DE 04 DE MARÇO DE 1895

Quarto, o estado de Eckstein ainda é insatisfatório: inchação persistente, subindo e descendo “como uma avalanche” ; dores, de modo que não se pode dispensar a morfina; noites maldormidas. A secreção purulenta tem decrescido desde ontem; anteontem (sábado), ela teve uma hemorragia maciça, provavelmente em decorrência de haver expelido uma lasca de osso do tamanho de um *heller*; houve duas tigelas cheias de pus. Hoje deparamos com uma resistência à irrigação e, visto que a dor e o edema visível tinham aumentado, deixei-me persuadir a chamar Gersuny. (A propósito, ele mostrou

grande admiração por uma reprodução de *The Isle of the Dead*.) Explicou que o acesso estava consideravelmente estreitado e era insuficiente para a drenagem, inseriu um dreno e ameaçou quebrá-lo |o osso?| caso ele não permanecesse no lugar. A julgar pelo cheiro, é muito provável que tudo isso esteja certo. Por favor, mande-me sua orientação abalizada. Não antevejo com bons olhos uma nova cirurgia nessa moça.

Essa é a primeira menção à situação envolvendo a cirurgia de Emma Eckstein. Sobre isso, ver Peter Gay (1989). Esse episódio irá provocar fortes abalos emocionais em Freud, que terá que lidar com a falha (imperícia médica) do amigo. É logo após esse período de desânimo que Freud irá recobrar o ânimo com o início do *Projeto*.

CARTA DE 08 DE MARÇO DE 1895

No instante em que o corpo estranho [pelo menos meio metro de gaze] saiu e tudo se tornou claro para mim – e, logo em seguida, fui confrontado com a visão da paciente [a paciente empalideceu, seus olhos saltaram e não se conseguia sentir-lhe o pulso] –, senti náuseas. Depois de colocado nela o tampão, fugi para a sala ao lado, bebi uma garrafa d'água e me senti péssimo. Foi então que a corajosa Frau Doktor me trouxe um pequeno copo de conhaque e voltei a ser eu mesmo [...]. Não creio que o sangue tenha sido o que me transtornou [até porque Freud era médico]; naquele momento, havia fortes emoções brotando em mim. Pois não é que lhe tínhamos feito uma injustiça! Ela não tinha nada de anormal; ao contrário, um pedaço de gaze iodoforme se havia rompido quando você o retirou e ali permanecera por quatorze dias, impedindo a cicatrização; no final, foi arrancado e provocou o sangramento. A ideia de que um desastre desses pudesse acontecer com você, de como você reagiria ao tomar conhecimento do fato, de como os outros poderiam interpretá-lo, de quanto errei em insistir em que você operasse numa cidade estranha onde não poderia acompanhar o caso até o fim, de como minha intenção de fazer o melhor possível por essa pobre moça foi traiçoeiramente distorcida e resultou num risco para a vida dela – tudo isso se apoderou de mim simultaneamente.

Nessa carta, Freud revela a Fliess sua imperícia médica no caso da paciente Emma Eckstein. Ele próprio admite que, naquele momento, foi assaltado por “fortes emoções”, que não tinham a ver com o caráter gráfico da situação (o sangramento da paciente). O texto sugere que a razão de seu quase desmaio foram as ideias negativas que poderiam ser imputadas ao amigo por causa da situação.

Mais adiante, Freud sente a necessidade de dizer: “É claro que ninguém o está culpando”, “Esteja certo de que não me foi necessário reafirmar minha confiança em você mais uma vez. Só quero acrescentar que, por um dia, evitei timidamente informá-lo do acontecido; depois, comecei a me sentir envergonhado”. Como diz Max Schur, citado pelos editores da correspondência entre Freud e Fliess, “A correspondência desses meses, não publicada anteriormente, revelou as tentativas desesperadas de Freud de negar qualquer reconhecimento do fato de que Fliess teria sido condenado por imperícia médica em qualquer tribunal, em decorrência desse erro quase fatal’.” (nota à carta de 20/03/1895)

CARTA DE 13 DE MARÇO DE 1895

Raramente me senti tão abatido, quase melancólico; todos os meus interesses perderam o sentido. O desapontamento que se seguiu à crescente solidão, depois do longo período que passamos juntos, também deve ter contribuído para isso.

CARTA DE 28 DE MARÇO DE 1895

Estou extremamente aborrecido. Meu próprio estado não é particularmente ruim, mas deixa-me indisposto. O pulso muito irregular realmente parece impedir uma boa disposição; a insuficiência motora foi novamente intolerável por vários dias. Eu gostaria de aceitar sua proposta, mas, obviamente, o momento atual não é favorável a isso. Ademais, minha clínica também está especialmente pobre e, quanto a mim, no que diz respeito a meu estado de ânimo, estou basicamente imprestável.

CARTA DE 02 DE ABRIL DE 1895

Nestes últimos dias, senti-me, de fato, extremamente indiferente. Escrever tem sido difícil – há momentos em que fico insuportável com as mais ínfimas insinuações de oscilações variáveis de humor. Agora voltei a ser o mesmo de antes e estou também com o coração revigorado.

A psicologia tem-me atormentado muito.

De modo geral, sinto muita falta de você. Serei eu, realmente, a mesma pessoa que estava transbordando de ideias e projetos enquanto você estava ao alcance da mão? Quando me sento diante da escrivaninha à noite, muitas vezes não sei em que devo trabalhar.

Ela, Eckstein, tem passado bem; é uma moça muito agradável e honesta, que não culpa nenhum de nós pelo acontecido e se refere a você com grande respeito.

Vê-se como o movimento de escrita de Freud tinha íntima relação com suas oscilações de humor e como seus interesses teóricos mobilizavam diretamente seus afetos (sendo responsáveis, em certa medida, por seu ânimo, como por seus tormentos). Nota-se, também, a influência que a figura de Fliess exercia sobre ele e sobre suas “ideias e projetos”. Por fim, é possível ver como nesse momento, imediatamente antes da idealização do *Projeto*, Freud sentia uma certa indiferença e buscava um tema sobre o qual trabalhar, algo que capturasse seu ânimo – um “cavalo de batalha”, como ele próprio se refere à psicologia, mais adiante (carta de 25 de maio de 1895).

CARTA DE 11 DE ABRIL DE 1895

Não sei se devo atribuir a esse assunto deprimente [o episódio envolvendo Emma Eckstein] a responsabilidade exclusiva pelo fato de meu estado cardíaco permanecer tão abaixo do nível desejado, nesse ano de doenças.

Meu trabalho científico vai prosseguindo, mais ou menos; ou seja, nada de novo, nenhuma ideia e nenhuma observação. No que concerne a minhas pesquisas psicológicas, esfalfei-me até os ossos e agora vou dar o assunto por encerrado. Apenas o livro que estou escrevendo com Breuer continua a progredir; estará pronto dentro de cerca de três semanas.

Embora Freud diga estar trabalhando em “pesquisas psicológicas”, não há, até aqui, nenhuma menção ao Projeto – ao qual Freud se refere como “minha/a Psicologia” ou “ $\phi\psi\omega$ ”, na correspondência com Fliess.

CARTA DE 20 DE ABRIL DE 1895

Para mim, você continua a ser o médico, o tipo de homem em cujas mãos se deposita confiantemente a própria vida e a vida da própria família – ainda que Gersuny tivesse a mesma opinião que Weil a respeito de suas habilidades. Eu quis desafogar minhas mágoas e, quem sabe, obter sua orientação a respeito de E. [parece se referir a Emma Eckstein], e não recriminá-lo por coisa alguma. Isso teria sido estúpido, injustificado e claramente contraditório a todos os meus sentimentos

CARTA DE 27 DE ABRIL DE 1895

[...] a distância e a redação de cartas são um grande infortúnio sobre o qual nada se pode fazer. Especialmente, pelo menos, quando se escreve tanto quanto eu e, vez por outra, fica-se familiarizado com o *horror calami*. Meu próprio estado ensinou-me isso mais uma vez.

Cientificamente, estou num mau caminho, a saber, preso na “Psicologia para neurologistas”, que me consome sistematicamente por completo, até que, verdadeiramente esgotado, sou forçado a interromper. Nunca experimentei um grau tão elevado de preocupação. E dará algum resultado? Espero que sim, mas é difícil, e a trajetória é lenta.

Nessa carta, descobrimos que Freud tinha uma relação conflituosa com a escrita – pelo menos nesse período de sua vida –, algo que ele denomina “*horror calami*”. Trata-se de uma expressão em latim, que significa “horror da pena” e indica um medo ou aversão ao ato de escrever. É provável que Freud tenha feito uma adaptação da expressão “*lapsus calami*”, recorrente em contextos acadêmicos, jurídicos e literários. Além disso, é aqui que vemos a primeira referência direta ao Projeto, sob o nome de “Psicologia para neurologistas”. O modo como Freud se refere ao trabalho, na carta, sugere que Fliess já tinha conhecimento do empreendimento freudiano – ou seja, que não tinha sido a primeira vez que ouvira falar nele –, embora Freud o tenha iniciado em uma data muito próxima do envio dessa carta. Já nesse início, é possível identificar o valor do Projeto para Freud, sua importância teórica e afetiva, bem como o tempo e o esforço que ele dedicava essa tarefa.

CARTA DE 25 DE MAIO DE 1895

Tenho passado muito bem.

Um homem como eu não pode viver sem um cavalo de batalha, sem uma paixão devoradora, sem – nas palavras de Schiller – um tirano. Encontrei um. A serviço dele, não conheço limites. Trata-se da psicologia, que foi sempre minha meta distante a acenar-me, e que agora, desde que deparei com o problema das neuroses, aproximou-se muito mais. Estou *atormentado* por dois objetivos: examinar que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental, se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia um lucro para a psicologia normal. Na verdade, é impossível ter uma concepção geral satisfatória dos distúrbios neuropsicóticos se não se puder vinculá-la com pressupostos claros sobre os processos mentais normais. Nestas últimas semanas, tenho dedicado cada minuto livre a esse trabalho; tenho gasto as horas noturnas, das onze às duas, com fantasias [*Phantasieren*], interpretações e palpites e, invariavelmente, só me detenho quando, em algum momento, esbarro num absurdo ou sinto-me real e seriamente esgotado pelo trabalho, de modo que nenhum interesse me resta por minhas atividades médicas diárias. Ainda se passará muito tempo antes que você possa me perguntar sobre os resultados. Minhas leituras também têm corrido no mesmo sentido. Um livro de W. Jerusalem, *Die Urteilsfunktion* [A função do julgamento], trouxe-me um grande avanço; nele, descobri duas de minhas ideias principais: que julgar consiste numa transferência para a esfera motora e que a percepção interna não pode ter a pretensão de ser uma “prova”.

Contrariamente de seu testemunho em cartas anteriores, essa carta sugere um estado de ânimo positivo, da parte de Freud, talvez justamente por causa da nova ideia que o estava consumindo. Vemos uma ambivalência na sua relação com o Projeto, representada pelo termo “atormentado”. Por outro, ele parece ter finalmente encontrado seu “cavalo de batalha”, uma “paixão devoradora”, que supria sua indiferença e sua busca por um trabalho ao qual se dedicar, mencionados na carta do dia 02 de abril.

CARTA DE 12 DE JUNHO DE 1895

Você tem razão em presumir que estou transbordando de ideias novas, inclusive teóricas. Minhas teorias sobre a defesa fizeram um importante progresso, do qual lhe farei um relato num trabalho curto, da próxima vez. Até a construção psicológica se porta como se fosse integrar-se, o que me daria imenso prazer. Naturalmente, ainda não sei dizer ao certo. Fazer um relatório sobre ela agora seria como mandar a um baile um feto feminino de seis meses.

Nessa carta, temos uma primeira e importante indicação da tentativa de Freud de encaixar a “construção psicológica” ao plano das ideias novas introduzido pelo *Projeto* – isto é, à “economia das forças nervosas” (carta de 27 de abril de 1895). Na verdade, não é tão fácil saber a quem exatamente Freud se refere por “construção psicológica” e a “teorias sobre a defesa”. Pois ele chamava seu *Projeto* de sua “Psicologia”. Assim, é possível que por “construções psicológicas”, Freud se referisse ao sistema baseado na premissa da “economia das forças nervosas”, e, por “teorias sobre a defesa”, ao saber clínico sobre o recalçamento na histeria e na neurose obsessiva. Na carta de 16 de agosto de 1895, quando encontra problemas na construção teórica de seu trabalho, Freud menciona que sua única intenção era “explicar a defesa”, o que sugere que a ideia de defesa era anterior à idealização do *Projeto*, e que esse teria surgido como intento de explicar o fenômeno a partir da ciência natural. A carta de 06 de agosto nos fornece indicações que reforçam a ideia de que, por “construções psicológicas”, Freud se referia mais especificamente ao sistema de economia de forças nervosas, e, por “defesa”, os fatos clínicos.

Seja como for, essa carta nos mostra que Freud tinha a intenção de integrar esses dois campos, que não tinham necessariamente a mesma origem epistemológica.

CARTA DE 17 DE JUNHO DE 1895

Sinto-me tão bem que não precisa haver pressa alguma. Meu coração está todo na psicologia. Se lograr êxito nisso, ficarei satisfeito com todas as outras coisas.

O estado de ânimo de Freud permanece positivo. Nessa carta, fica evidente como a mudança em seu humor, anteriormente depressivo, tem íntima relação com suas expectativas com o *Projeto* e com o trabalho que vinha desenvolvendo.

CARTA DE 06 DE AGOSTO DE 1895

Quero informá-lo de que, após um prolongado esforço mental, creio haver penetrado na compreensão da defesa patológica e, com isso, na de muitos processos psicológicos importantes. Clinicamente, tudo já se havia encaixado há muito tempo, mas só com muito trabalho foi possível chegar às teorias psicológicas de que eu precisava. Espero que não se trate de “ouro dos sonhos” [„*Traumgold*“]. Ela não está nem perto de ficar pronta, mas ao menos posso falar a respeito e, no tocante a muitos aspectos, valer-me de sua formação científica superior. Ela é ousada, mas bela, como você verá.

A excitação de Freud com seu Projeto só cresce, e atinge seu ápice. Entretanto, ele manifesta, aqui, o temor de que a coisa se revele um *Traumgold*, expressão alemã utilizada para se referir a algo muito valioso, mas que só existe no plano das ideias. Esse pressentimento pode indicar para uma sensação real que já se apresentava a seu espírito. Mesmo assim, nesse momento, Freud ainda parece acreditar na realização de seu sistema de ideias.

CARTA DE 16 DE AGOSTO DE 1895

Tive uma estranha experiência com a $\phi\psi\omega$. Pouco depois de haver soado o alarme com meu comunicado que ensejou congratulações, e depois de haver escalado um dos primeiros picos, vi-me confrontado com novas dificuldades, mas sem que me restasse fôlego suficiente para novos trabalhos. Assim, recompondo-me rapidamente, deixei toda a coisa de lado e venho-me convencendo de que não estou nem um pouco interessado [*Interessieren*] nela. É-me bastante incômodo pensar que preciso falar com você a esse respeito. Se eu o encontrasse todos os meses, certamente não o faria em setembro [é quando Freud irá visitá-lo em Berlim].”

A psicologia é mesmo uma cruz. Jogar boliche ou catar cogumelos, pelo menos, são passatempos muito mais saudáveis. Tudo o que eu estava tentando fazer era explicar a defesa, mas experimente só tentar explicar algo que vem bem do âmago da natureza [*Ich wollte já weiter nichts als die Abwehr erklären, aber erklärte etwas mitten aus der Natur heraus*!] Tive que abrir caminho palmo a palmo através do problema da qualidade, do sono e da memória – em suma, a psicologia inteira. Agora, não quero mais ouvir falar nisso.

Esse é o primeiro registro de uma frustração real de Freud com o *Projeto*, que o faz deixá-lo de lado temporariamente. A recusa do trabalho é acompanhada de uma perda do interesse, do envolvimento pessoal. Ele experimentava a psicologia, de forma geral – mas, podemos dizer, especialmente *aquela* sua psicologia – como “uma cruz”, algo que não era saudável, e sugere

que o motivo de a ter renegado eram os problemas que enfrentava ao tentar desenvolvê-la. No fim, sua “Psicologia para Neurologistas”, ou uma psicologia científica – acabou levando-o a reconstruir as categorias fundamentais do pensamento psicológico, dentre eles a psicologia mesma – “a psicologia inteira”. Uma outra ideia introduzida por Freud é o próprio conceito de “Natureza”, embora ele não a explicita como um problema. Mas não parece indiferente o fato de que Freud acredite estar lidando com “algo que vem bem do âmago na Natureza”, queixando-se disso, quando, no início de seu *Projeto*, estipulou como objetivo justamente a realização da psicologia como uma “ciência natural” [*Naturwissenschaft*]. É possível que ele estivesse com dificuldades de reduzir seu objeto em linguagem puramente “científico-naturalista”, e, assim, esbarrasse no âmago/meio [*mitten*] da natureza, justamente o ponto irreduzível onde se desenham os limites dessa racionalidade – o ponto de partida, que contém os axiomas que a sustentam, mas que não são redutíveis a ela.

Fica claro, pelo texto, que Freud parte de algo que considerava simples e entusiasmante, mas que o levou, pelo desenvolvimento das consequências da própria teoria, a complicações e problemas insolúveis.

Além disso, há um outro dado importante nesta carta: é a primeira vez que Freud se refere ao seu trabalho como $\varphi\psi\omega$. Isso acontece apenas aqui, em agosto, o que corrobora algumas de nossas hipóteses. A primeira, e talvez a mais importante, é a de que Freud construiu as bases de seu esquema progressivamente, desde meados de abril daquele ano. Antes dessa carta, provavelmente Freud ainda não tinha chegado à diferenciação entre os sistemas φ , ψ e ω de neurônios, que caracteriza seu sistema, e, portanto, não podia se referir a ele dessa maneira; a segunda hipótese é a de que Freud já tinha todo o esquema $\varphi\psi\omega$ antes de começar a escrever o manuscrito de setembro – esse que resulta no texto do *Projeto* de que dispomos hoje. Que, portanto, não começara a elaborar o conteúdo do *Projeto* apenas em 15 de setembro, e que aquele manuscrito provavelmente foi escrito com base nos rascunhos anteriores, em que pese algumas modificações em sua estrutura.

ENCONTRO EM BERLIM

Entre as cartas de 28 de agosto e 15 de setembro, Freud encontra presencialmente Fliess em Berlim. Na carta de 28 de agosto, Freud escreve já da Itália. Aparentemente ele foi visitar a Itália, acompanhado de seu irmão mais novo (Alex), e, logo depois, ambos foram encontrar Fliess na capital alemã.

CARTA DE 15 DE SETEMBRO DE 1895

Pouco antes de Teschen [no trem, de volta para a Áustria], abri minha maleta à procura de papel, pois estava escuro demais para ler, era cedo demais para dormir e eu estava considerando a ideia de escrever, da melhor maneira possível, o primeiro rascunho da psicologia.

Essa é a famosa carta em que Freud declara ter iniciado o texto do *Projeto*, já no trem de volta do encontro com o amigo. Como veremos na carta seguinte (dia X), esse encontro lhe teria restituído os ânimos em relação ao texto, que estavam baixos desde 16 de agosto. Como dissemos em nosso trabalho (ver Capítulo 2) a maioria dos autores tomam essa data como o início efetivo do trabalho freudiano, o que, pelo que vimos acima, soa no mínimo como imprecisão. É difícil imaginar que nesses quase cinco meses entre 27 de abril e 15 de setembro, quando Freud dizia estar trabalhando incansavelmente em sua “psicologia” – tendo inclusive mencionado o fato de estar tentando escrever (carta de 27 de abril de 1895) e de ter prontas algumas de suas “teorias psicológicas” (carta de 06 de agosto de 1895) –, ele não tivesse escrito nada. Ou que, se escrevera, o conteúdo de tais rascunhos não constam no texto final de que dispomos. Sobretudo se levarmos em consideração o fato de que identificamos os mesmos problemas apontados por Freud, durante esse tempo de trabalho, na forma final do texto (o problema da qualidade, do sono e da memória).

CARTA DE 23 DE SETEMBRO DE 1895

Tenho-lhe escrito tão pouco apenas por estar escrevendo muitas coisas para você, ou seja, escrevendo aquilo que comecei no trem: um relato sumário da $\phi\psi\omega$, que você poderá usar como base para sua crítica e ao qual tenho dado prosseguimento em minhas horas de lazer e nos intervalos entre os atos de minha clínica médica, agora gradativamente maior. Existe já um volume considerável – rabiscos, é claro, mas, mesmo assim, uma base, segundo espero, para seus acréscimos, nos quais tenho grandes esperanças. Minha mente repousada está agora transformando em brincadeira de criança as dificuldades antes encontradas como, por exemplo, a contradição de que os condutores restabelecem sua resistência, ao passo que os neurônios em geral estão sujeitos à facilitação. Isso se ajusta muito naturalmente quando se leva em conta o tamanho diminuto de cada estímulo endógeno isolado. Há também

outros pontos que se vão agora ajustando, para minha maior satisfação. Resta saber quanto desse progresso tornará a dissipar-se no ar diante de uma inspeção mais minuciosa. Mas você me deu um impulso poderoso para levar o assunto a sério.

Salvo pela necessidade de adaptar a teoria às leis gerais do movimento, coisa que espero de você, cabe-me verificá-la em comparação com os fatos isolados da nova psicologia experimental. A capacidade que esse tema tem de fascinar-me continua enorme como sempre, em detrimento de todos os meus interesses médicos e de minhas “paralisias infantis”, que se espera estejam concluídas no Ano-novo!

Um sonho de anteontem produziu a mais curiosa confirmação da concepção de que os sonhos são motivados pela realização de desejos.

Vemos novamente um Freud entusiasmado com seu *Projeto* e fascinado com a “psicologia”. Como dissemos no comentário da carta anterior, isso tem relação com as conversas que aconteceram entre ele e Fliess sobre o tema quando do encontro entre os dois em Berlim. O novo ânimo de Freud acompanha um movimento de trabalho intenso, em que o trabalho teórico parece fluir rapidamente na pena do autor – “Tenho-lhe escrito tão pouco apenas por estar escrevendo muitas coisas para você”. Freud se vê capaz de resolver tranquilamente os problemas que outrora travavam o progresso de seu sistema. Existe, então, um movimento de alternância que acontece não somente no humor de Freud, mas no próprio texto. Ele remete a problemas/impasses que de fato existiram para Freud, e que representaram os momentos de escansão e estagnação de sua escrita.

Além disso, a carta reforça a tese de que o *Projeto* fora, em larga medida, dirigido diretamente à pessoa de Fliess, e que sua escrita é inseparável daquela relação de amizade, que acontecia em um momento particular da vida de Freud: sua auto-análise.

Ela também nos faz saber de um dado importante. Freud confiava a Fliess a tarefa de adaptar a teoria às “leis gerais do movimento”. Isso pode sugerir que Fliess insistia nesse ponto, na realização do *Projeto*, e até que seria isso o que teria representado a maior “injeção de ânimo” propiciada por aquela conversa em Berlim. Corrobora para essa interpretação o fato de que Freud não aguarda nem voltar para Viena para iniciar a escrita do *Projeto para Fliess*, talvez porque as ideias estivessem frescas daquela conversa que o tinha animado. Nessa ocasião, ele escreve quatro páginas, começando justamente pelos pressupostos fundamentais que enquadravam a psicologia nas leis gerais do movimento.

Por fim, existe a menção ao sonho e a tese da realização do desejo nos sonhos. Devemos lembrar que o sonho da injeção de Irma – por coincidência ou não, contemporâneo ao *Projeto* –, evento a partir do qual Freud descobre o “segredo dos sonhos”, se passa algumas semanas antes, no dia 24 de julho de 1895.

CARTA DE 08 DE OUTUBRO DE 1895 - Envio do *Entwurf einer Psychologie* para Fliess

Só comecei a me sentir mais à vontade quando – após um longo intervalo – voltei a ter nas mãos um de seus trabalhos científicos. Até o momento, dei apenas uma olhadela nele, e receio que o respeito por tanto material genuíno e refinado me faça sentir vergonha de minhas fantasias teóricas [não encontramos o original alemão deste termo].

E agora, quanto aos dois cadernos de notas [*zwei Hefte*].^x Enchi-os por inteiro com meus rabiscos de uma só assentada, depois de minha volta, e eles pouco lhe trarão de novo. Estou guardando um terceiro caderno, que trata da psicopatologia do recalçamento, pois ele só investiga seu tópico até certo ponto. A partir daí, tive que trabalhar outra vez nos novos rascunhos e, nesse processo, fiquei alternadamente orgulhoso e exultante e envergonhado e abatido – até que agora, depois de um excesso de tortura mental, digo a mim mesmo com apatia: ainda não está e talvez nunca fique coerente. O que ainda não está coerente não é o mecanismo [*Mechanische*] – posso ser paciente quanto a isso –, e sim a elucidação do recalçamento – cujo conhecimento clínico fez grandes progressos em outros aspectos.

Pense só: entre outras coisas, estou na trilha da seguinte precondição estrita da histeria: a de que deve ter ocorrido uma experiência sexual primária (anterior à puberdade), acompanhada de repugnância e medo; na neurose obsessiva, ela deve ter ocorrido acompanhada de prazer.

Mas não tenho tido sucesso na elucidação mecânica [*mechanische Aufklärung*]; ao contrário, estou inclinado a ouvir a voz silenciosa que me diz que minhas explicações não são suficientes.

Estou só, com a cabeça cheia e coisas germinando e, por enquanto, sendo repisadas. Tenho vivenciado coisas interessantíssimas de que não posso falar e que, por falta de horas de folga, não consigo colocar no papel. Não quero ler nada, porque isso me faz mergulhar em ideias demais e reduz minha gratificação com as descobertas. Em suma, sou um eremita desventurado.

^x Hefte significa *cadernos*, mas aparentemente também pode ser “capítulo” ou “cadernos de um livro”, “partes de um livro”. Para saber mais sobre os rascunhos, partes e cadernos do *Entwurf*, ver “Nota do editor” em Freud (1950).

Agora, além do mais, estou tão exausto que vou simplesmente pôr de lado essa tolice por algum tempo.

Freud reconhece um caráter de “fantasia” em suas elaborações. É provável que essa denúncia esteja alinhada à insatisfação que ele sentia com seu sistema. Nas cartas de 21 e 25 de maio de 1895, Freud já confessava que parte de seu trabalho se desenvolvia a partir de “fantasias”;^y na carta de 06 de agosto, como vimos, ele manifesta o receio daquelas construções existirem apenas como ideias ou idealizações (“*Traumgold*”). Agora, a vergonha de suas “fantasias teóricas” parece indicar para o mesmo sentimento que ele tinha em relação aos seus esforços. Mais adiante, nessa carta, Freud ainda dirá ter se sentido “envergonhado e abatido” ao revisar o texto.

Em seguida, Freud sugere que teria composto os dois primeiros capítulos [*Zwei Hefte*] do *Projeto* (os únicos que sobreviveram ao tempo) de uma só vez, rapidamente (o terceiro, sobre o recalçamento, nunca foi encontrado). Isso poderia representar uma evidência contra a tese, defendida por nós, de que o *Projeto* não teria sido escrito de forma linear (a contar da famosa viagem de volta do trem), mas que seria, antes, um apanhado de várias elaborações que teriam acontecido desde quando Freud começara a trabalhar no tema, no início de 1895. Mas, se atentarmos ao modo como Freud diz ter composto o texto que conhecemos do *Projeto*, perceberemos que ele diz ter “enchido os cadernos com meus rabiscos” [*vollgeschmiert worden*], o que não descarta a possibilidade de que tais “rabiscos” proviessem de rascunhos já existentes. Pelo contrário, na continuação da carta, Freud chama seus rabiscos de “novos rascunhos”, confirmando a existência de rascunhos anteriores, e diz, ainda, que eles não trariam nada de novo ao conhecimento de Fliess, o que sugere que eles apenas reproduziam aquilo que Freud já tinha desenvolvido, e que tinha apresentado a Fliess em Berlim. A partir dessas informações, a tese de que Freud teria iniciado o *Projeto* apenas em setembro torna-se altamente improvável, a menos que desconsideremos todo o trabalho prévio sobre o conteúdo do texto.

Freud se refere diretamente ao *Projeto* como uma tolice, o que demonstra o caráter ambivalente que o trabalho tinha para ele. Na carta, ele diz explicitamente que, ao ler o texto, alternava entre orgulho e vergonha. Estava exausto pelas tentativas de compor seu sistema de

^y Não conseguimos acesso ao termo alemão original referente a esta tradução nessa carta específica.

forma coerente, e suspeitava de que aquilo talvez não fosse possível. Isso acompanha o sentimento que ele tinha a respeito do caráter fantasioso de suas ideias.

Sua dificuldade, nesse momento, era com a teoria do recalçamento. Na verdade, ele diz que “o mecanismo” não o preocupava, que ele podia esperar para desvendá-lo. O progresso do conhecimento clínico fornecia novos dados acerca do processo de recalçamento, que precisavam ser contemplados na teoria. Parece que Freud procurava reconstruir a lógica do “aparelho” a partir desses fatos, e não simplesmente incluí-los em um sistema de funcionamento simples. Na verdade, eram eles que revelariam as características desse funcionamento. Isso, entretanto, não anula o fato de que ele encarava esses fatos com uma vontade de sistematização mecanicista.

É o que ele mesmo diz: que trabalhava para fornecer uma “elucidação mecânica”, do recalçamento como dos outros processos psíquicos. Entretanto, continua ele, suas explicações eram insuficientes para tanto. Podemos entender, com isso, que Freud não conseguia reduzir a lógica do processo de recalçamento ao mecanicismo, o que inclusive explica a forma final que seu sistema assume, que progressivamente se distancia dos pressupostos epistemológicos iniciais. Mas poder-se-ia argumentar que Freud trata do recalçamento apenas no terceiro capítulo (o caderno, *Hefte*, que foi perdido), e que, portanto, suas questões sobre esse tema não poderiam influir sobre os dois anteriores, que constituem realmente o texto de que dispomos hoje. Entretanto, vemos como, nessa mesma carta, Freud confessa ter modificado o conteúdo dos dois primeiros capítulos a partir de suas reflexões ulteriores. Que teve que voltar a eles, para reescrevê-los. Assim, é mais do que possível, é provável, que a frustração de Freud na tradução do processo de recalçamento e sua sensação de que um esquema mecanicista jamais viesse a coadunar se faça sentir no *Projeto*, em especial no seu desenvolvimento progressivo de suas formas conceituais (pois ele é levado cada vez mais a assumir elementos heterogêneos àquela lógica no interior de seu esquema).^z

^z Devemos acrescentar uma consideração a esta carta. Freud diz que aquilo que ainda não estava coerente em seu trabalho não era o “mecanismo”, mas sim a “elucidação do recalçamento”. Isso poderia indicar que ele esperava fazer mais avanços no conhecimento clínico do recalçamento, sendo o conhecimento mecânico dos processos gerais independente disso. Aqui, ele claramente contrasta os dois, como se fossem dissociados. Mas essa não parece ser sua intenção. O que ele diz é que pode ser paciente para a elucidação do mecanismo. Ou seja, que, no final, a elucidação do recalçamento seria revertida em elucidação do mecanismo. Tal ideia também está de acordo com o que ele diz antes, sobre ser obrigado a retornar aos capítulos anteriores, corrigindo-os a partir das novas investigações.

Acontece que, mais abaixo, Freud declara que sua dificuldade era com a “elucidação mecânica”. Ele não diz explicitamente que se tratava de uma elucidação mecânica *do recalçamento*, mas, pelo contexto, é bem provável que estivesse se referindo a isso. É possível que estivesse falando da elucidação mecânica como um todo, do sistema inteiro. Entretanto, isso não altera o fato de que tem ligação direta com o recalçamento, sobre o qual

CARTA DE 15 DE OUTUBRO DE 1895

É uma loucura a minha correspondência, não é? Por duas semanas estive em plena vasca da febre de escrever e acreditei ter desvendado o segredo; agora, sei que ainda não o fiz e tornei a pôr tudo de lado. Apesar disso, toda sorte de coisas tornou-se clara ou, pelo menos, foi discriminada. Não perdi o ânimo.

Essa carta ilustra bem, pelo próprio testemunho de Freud, o movimento que caracteriza a sua escrita durante o trabalho com o *Projeto*: períodos de ávido interesse e esperança com a teoria, alternados com momentos de descrença e desânimo, em que ameaça abandonar seu projeto.

(Contudo, aqui, de modo especial, ele diz não ter perdido o ânimo.)

Entretanto, existe a probabilidade de que o conteúdo dessa carta não faça referência diretamente à escrita do *Projeto*, pois algumas informações são incompatíveis com o que vemos na carta anterior (08 de outubro de 1895). Ali, como vimos, Freud já manifestava dificuldades com a teoria, dizendo que iria colocar de lado aquela “tolice”. Assim, se existe, entre as duas cartas, uma distância de apenas uma semana, como poderíamos aceitar a afirmação, agora, de que por duas semanas Freud esteve “em plena vasca da febre de escrever”, acreditando ter “desvendado o segredo”?

CARTA DE 16 DE OUTUBRO DE 1895

Felizmente, eu havia remetido a caixinha e a carta antes de receber suas palavras de censura. Não obstante, você tem razão; mas posso explicar-lhe tudo satisfatoriamente. O trabalho febril destas últimas semanas, as esperanças sedutoras e as decepções, e algumas descobertas genuínas – tudo recortado

trabalhava naquele momento. Em certo sentido, é possível pensar que os fatos acerca do recalçamento tornavam difícil e “elucidação mecânica”, por apresentarem elementos que não coadunavam com aquela racionalidade. Portanto, a contradição entre o fato de ele dizer 1) que o problema não era com o mecanismo, mas sim com a elucidação do recalçamento e 2) que o problema era a elucidação mecânica, demonstra ser apenas uma contradição aparente. É provável que Freud acreditasse precisar fazer mais avanços clínicos na compreensão do recalçamento. Entretanto, aqui ele parece se queixar da dificuldade de compreender o recalçamento de forma mecânica, isto é, traduzi-lo segundo os princípios que determinava o espírito de seu *Projeto* (e que são enumerados logo nas primeiras linhas do texto).

Devemos ter em mente, por fim, que Freud escreve essas palavras em um contexto informal, cotidiano e sem muita preocupação com a precisão conceitual.

contra o fundo de meu péssimo estado físico e dos habituais aborrecimentos e dificuldades cotidianos. Se, apesar disso tudo, ainda lhe mando algumas páginas de gaguejos filosóficos (não que as considere bem-sucedidas), espero que isso o recoloque num estado de ânimo conciliador.

Ainda estou inteiramente confuso. Tenho quase certeza de haver solucionado os enigmas da histeria e da neurose obsessiva com as fórmulas do choque sexual e do prazer sexual infantis, e estou igualmente certo de que as duas neuroses são, em geral, curáveis não apenas os sintomas isolados, mas a própria disposição neurótica. Isso me dá uma espécie de alegria pálida – por não ter vivido cerca de quarenta anos inteiramente em vão –, mas não uma satisfação genuína, porque o hiato psicológico nesse novo conhecimento reclama a totalidade de meu interesse.

Naturalmente, não me tem sobrado nem um momento para a enxaqueca, mas isso ainda há de chegar. Mais uma vez, abandonei completamente o fumo, para não ter que me recriminar por meu pulso irregular e para me livrar dessa batalha deplorável contra o anseio pelo quarto e o quinto [charutos]; prefiro lutar de uma vez contra o primeiro. Provavelmente, a abstinência também não é lá muito conducente à satisfação psíquica.

Como indicamos, o texto do *Projeto* de que hoje dispomos refere-se ao manuscrito (os *zwei Hefte*) enviado por Freud a Fliess em 08 de outubro de 1895. Portanto, a partir da carta de 15 de outubro de 1895, devemos ter cuidado ao tentar tirar muitas conclusões sobre a teoria e a forma do texto a partir da correspondência de Freud. Elas nos dão indícios de que ele passa a se ocupar muito mais da teoria em seu aspecto clínico e não tanto mecânico.

Contudo, há indicações importantes nas cartas do período que sucede o envio do manuscrito que nos permitem deduzir que Freud ainda trabalhava sob a base estruturada no *Projeto*.

Como ele próprio dizia, seu “mecanismo” ainda não estava pronto – ele não se importava em esperar para a sua elucidação. Assim, podemos assumir que, mesmo que não estivesse dando atenção direta a ele, esse sistema (que ele chama de seus “gaguejos filosóficos”) continuava como pano de fundo de muitos de seus raciocínios, inclusive e principalmente os clínicos. E que as novas investigações retornavam a ele, o modificando ou o confirmando. Veremos como, na carta seguinte (20 de outubro de 1895), Freud retoma todos os conceitos-chave do *Projeto*, demonstrando de forma clara que suas pesquisas clínicas voltavam a eles. Isso acontece também na carta de 02 de novembro de 1895.

Na verdade, o trabalho de Freud no *Projeto* não havia cessado. Ele enviara um primeiro rascunho a Fliess, que aparentemente lhe respondera de forma crítica. Mas não é porque esse foi o documento que chegou até nós que devemos assumir que Freud tenha parado ali.

Na carta acima, Freud reforça a ideia que havia expressado na carta anterior, de 15 de outubro de 1895, de que as semanas que precederam sua escrita foram de intenso trabalho. Essa informação, como já dissemos, entra em contradição com a carta de 08 de outubro de 1895. Freud diz, ainda, estar “inteiramente confuso”. Evidentemente, isso dizia respeito à teoria. Ele considera ter feito avanços importantes no conhecimento clínico das neuroses, mas diz-se confuso. Podemos pensar que essa confusão esteja relacionada com a estruturação do esquema como um todo.

Depois, vemos Freud dizer que o hiato no novo conhecimento psicológico “reclama a totalidade de seu interesse”. Isso evidencia o quanto seu espírito estava investido naquela tarefa.

CARTA DE 20 DE OUTUBRO DE 1895

Esta carta dedica-se à ciência. Fiquei, é claro, satisfeítíssimo com sua opinião sobre a solução para a histeria/neurose obsessiva. Agora, escute só. Numa noite laboriosa da semana passada, quando eu estava sofrendo daquele grau de dor que propicia as condições ótimas para minhas atividades mentais, as barreiras ergueram-se subitamente, os véus caíram e tudo se tornou transparente – desde os detalhes das neuroses até os determinantes da consciência. Tudo pareceu encaixar-se, as engrenagens se entrosaram e tive a impressão de que a coisa passara realmente a ser uma máquina que logo funcionaria sozinha [*Er schien alles inenander zu greifen, das Räderwerk passt zusammen, man bekam den Eindruck, das Ding sei jetzt wirklich eine Maschine und Werde nächstens auch von selber gehen*]. Os três sistemas de neurônios; os estados livres e ligados de Qn (quantidade); os processos primário e secundário; a tendência principal e a tendência de compromisso do sistema nervoso; as duas regras biológicas da atenção e da defesa; as características de qualidade, realidade e pensamento; o estado do grupo psicosexual; a determinação sexual do recalçamento; e, por fim, os fatores que determinam a consciência como função da percepção – tudo ficou e continua correto até hoje! Naturalmente, mal consigo conter minha alegria.

Se tivesse esperado mais duas semanas para lhe mandar o relatório, tudo teria ficado muito mais claro. No entanto, foi só ao tentar expor o assunto a você que todo ele se tornou evidente para mim. Logo, não poderia ter sido de outra maneira. Agora não disporei de muito tempo para uma apresentação sistemática [...] Mesmo assim, porém, juntarei algumas coisas para você: os postulados quantitativos, a partir dos quais você poderá adivinhar as características da movimentação dos neurônios [*Neuronenbewegung*], e um esboço da neurastenia e da neurose de angústia, baseado nas premissas da teoria.”

Se eu pudesse conversar com você exclusivamente sobre esse assunto durante quarenta e oito horas, é provável que toda a questão fosse concluída. Mas isso são impossibilidades.

Was man nicht erzielen kann, muss man erhinken...

Die Schrift sagt, es ist keine Schande zu hinken.

[Aquilo que não podemos alcançar voando, devemos alcançar mancando. O livro diz que não é pecado mancar]

Outras confirmações acerca das neuroses estão chovendo sobre mim. A coisa é mesmo verdadeira e genuína.”

Essa carta reforça a ideia de que o trabalho de escrita de Freud estava ligado às suas disposições afetivas [“quando eu estava sofrendo daquele grau de dor que propicia as condições ótimas para minhas atividades mentais”]. Ela também nos mostra como Freud pensava em seu *Projeto* através de uma razão mecânica. Freud se refere ao seu sistema explicitamente como uma “máquina que logo funcionaria sozinha” e aos seus conceitos como “engrenagens”. É claro que essas suas palavras acontecem em um contexto informal e íntimo, não sendo afirmações às quais ele se comprometia de modo autoral ou refletido. Entretanto, longe de refutar a presença de um mecanicismo em Freud, o fato de ele dizer isso em uma situação comum, corriqueira, só fortalece a tese de que seu pensamento era atravessado quase naturalmente pelas categorias e ideias mecanicistas, o que provavelmente refletia o espírito de sua época e a mentalidade dominante nos círculos que frequentava. Reafirma, também, que essa era a disposição que estava por trás de suas aspirações com o *Projeto* (a citação é uma referência direta ao seu trabalho), e, assim, de seu entusiasmo com aquelas ideias, nesse período. Em suma, o ânimo de Freud se ligava à possibilidade de construir um sistema que se bastasse como um todo – podendo até “funcionar sozinho”.

Nessa carta, também vemos Freud dizer que juntaria algumas anotações para enviar a Fliess. Não dispomos desse material, nem sabemos se uma tal promessa efetivamente se cumpriu – e, se sim, quando Fliess teria recebido os papéis.

É possível, entretanto, que Freud nunca os tenha enviado, pois ele continua a trabalhar sobre seu sistema mesmo depois dessa data, e logo recua diante de suas afirmações de que o teria esclarecido por completo. Na verdade, pouco tempo depois, Freud voltará a se frustrar com o *Projeto*, até decidir abandoná-lo, no fim de 1895. Provavelmente, a versão final que Freud prometera aqui, com avanços na compreensão do que tinha sido enviado em 08 de outubro, fora engavetado com o resto dos papéis [ver carta de 08 de novembro de 1895].

Deduzimos que o conteúdo desses novos papéis consiste nas elaborações posteriores ao primeiro envio. Com base nas cartas anteriores, sabemos que eram desenvolvimentos acerca do processo de recalçamento, junto a reformulações e reestruturações do sistema anterior derivadas dessas novas considerações. Nessa carta, Freud diz que “tudo estava se encaixando”, ou seja, as novas elaborações retornavam sobre o todo do sistema, esclarecendo seu funcionamento. Percebe-se a diferença no tom dessa carta e da anterior, em que, embora Freud sentisse estar fazendo avanços na teoria, não tinha a sensação de vislumbre de um todo harmônico que se encaixava perfeitamente. Por isso, ali ele manifesta estar confuso, e não eufórico, como aqui.

Podemos pensar que, enquanto uma máquina – que funcionaria sozinha –, seu sistema deveria refletir rigorosamente a soma de todas as suas partes, com a possibilidade de se estabelecer uma ordem de causas exata. Isso porque, em uma máquina, há a verificação estrita das regras de uma contabilidade racional. Lembremos como, na carta de 08 de outubro, Freud diz que a elucidação do mecanismo podia esperar – ou deveria esperar. O que sugere, ao mesmo tempo, que esse era o horizonte distante de seu projeto, e que os novos avanços sobre a teoria do recalçamento deveriam fornecer os dados para completar a lógica do mecanismo.

Ademais, somos novamente confrontados com uma referência de Freud à dinâmica [“movimentação dos neurônios”], que acreditamos dar o tom de seu trabalho. E, além disso, ele declara ter construído suas hipóteses sobre a neurose de angústia e a neurastenia “bom base nos pressupostos da teoria”, que só podemos interpretar como os pressupostos da dinâmica fisiológica colocados por ele no início do *Projeto*. De fato, boa parte do pensamento clínico sobre essas categorias se baseia em uma reflexão direta sobre a movimentação e o represamento de energia no interior do aparelho (ou do organismo).

Na carta acima, Freud diz, ainda, que as novas descobertas aconteceram somente ao “tentar expor” suas ideias a Fliess (julgamos que Freud se refere, aqui, ao documento enviado em 08 de outubro e a alguns rascunhos posteriores a isso que possa ter escrito nessas “duas semanas” [Se tivesse esperado mais duas semanas para lhe mandar o relatório, tudo teria ficado muito mais claro]). Assim, Freud explicita que o *Projeto* foi dirigido a Fliess, não apenas como seu primeiro leitor e avaliador, mas como aquele a quem é dirigido o próprio esforço de teorização e articulação de suas ideias. Essa declaração endossa a tese de que o *Projeto* constituiria parte de um processo de (auto-) análise de Freud, que teria acontecido principalmente através da correspondência entre os dois amigos, em que Freud eleva Fliess à condição de destinatário de suas associações e confidente privilegiado [ver Peter Gay].

Freud termina a carta com o entusiasmo característico de seus picos de ânimo. Ele diz que “a coisa é mesmo genuína”, o que claramente dialoga com seus temores nas cartas anteriores, de que sua teoria poderia não passar de “fantasia”.

CARTA DE 31 DE OUTUBRO DE 1895

Creio que a coisa tem mesmo coerência, mas ainda não confio nas partes isoladas. Substituo-as continuamente por outras e ainda não ousou mostrar a estrutura a nenhum sábio. O que você tem nas mãos também perdeu parcialmente o valor e só pretende ser[vir] de amostra, mas espero que produza o efeito desejado. Agora, estou extremamente exaurido e, de qualquer modo, preciso por o assunto de lado por dois meses, pois tenho que escrever sobre as paralisias infantis para Nothnagel.

Comecei a ter dúvidas sobre a explicação da histeria e da neurose obsessiva com base no prazer/dor, que anunciei com tamanho entusiasmo. Os elementos constitutivos estão corretos, sem sombra de dúvida, mas ainda não dispus as peças do quebra-cabeças no lugar certo. Felizmente para mim, todas essas teorias precisam fluir para o estuário clínico do recalçamento, onde tenho oportunidades diárias de ser corrigido ou esclarecido [*aufklären*].

Como dito na observação sobre a carta anterior, não sabemos qual exatamente o material que Fliess tinha em mãos – se era apenas o manuscrito que conhecemos hoje ou se Freud o havia enviado mais papéis (sobre “os postulados quantitativos” e “um esboço da neurastenia e da neurose de angústia, baseado nas premissas da teoria”). De todo modo, Freud diz que esse material perdeu parcialmente seu valor, e serve apenas de amostra. Embora Freud não tenha abandonado seu entusiasmo, ele manifesta uma certa dúvida: ao contrário da carta anterior, em que ele afirma categoricamente que “a coisa é mesmo verdadeira e genuína”, diz agora que “crê” que sua teoria tenha coerência. Ele reconhece duvidar de hipóteses que havia anunciado “com tamanho entusiasmo” e deixa, assim, de provar a sensação de ter conseguido montar todo o quebra-cabeças. Essa última metáfora corrobora nossa interpretação, exposta no último comentário, de que Freud buscava construir um sistema como um todo coerente em que suas partes estivessem arranjadas em uma contabilidade racional perfeita (“matemática”).

CARTA DE 02 DE NOVEMBRO DE 1895

Hoje posso acrescentar que um dos casos me deu o que eu esperava (choque sexual, isto é, violência sexual na histeria masculina!) e que, ao mesmo tempo, a elaboração do material controvertido intensificou minha confiança na validade de minhas construções psicológicas. Agora desfruto realmente de um momento de satisfação!

CARTA DE 08 DE NOVEMBRO DE 1895

Quanto a mim (para não esquecer o assunto e não ter que falar nele novamente), tenho-me sentido incomparavelmente melhor nas duas últimas semanas. Não pude manter a abstinência completa; sob o fardo de minhas preocupações teóricas e práticas, o aumento da hiperestesia psíquica tornou-se insuportável.

A partir de agora, minhas cartas perderão muito de seu conteúdo. Empacotei os manuscritos psicológicos e os atirei numa gaveta, onde dormirão até 1896. Isso se deu da seguinte maneira: a princípio, deixei de lado a psicologia para abrir espaço para as paralisias infantis, que precisam estar terminadas antes de 1896. Em seguida, comecei a escrever sobre a enxaqueca. Os primeiros aspectos que examinei levaram-me a um entendimento que voltou a me recordar o tópico que eu pusera de lado e que teria exigido muitas revisões. Nesse momento, rebelei-me contra meu tirano. Senti-me sobrecarregado de trabalho, irritado, confuso e incapaz de dominar aquilo tudo. Assim, joguei tudo longe. Agora, lamento que, com base nessas páginas, você precise tentar formar uma opinião que justifique meu grito de alegria diante de minha vitória, o que lhe deve ser realmente difícil. Não lute mais com isso. Espero, dentro de dois meses, conseguir esclarecer a coisa toda. A solução clínica da histeria, porém, ainda se mantém; é atraente e simples. Talvez eu me recomponha e escreva para você dentro em breve.”

É nítido, pelo conteúdo dessa carta, que o envolvimento com suas atividades profissionais tinha um caráter fortemente passional, para Freud. Suas “preocupações teóricas e práticas” perturbavam-no e faziam com que ele experimentasse uma “hiperestesia psíquica” insuportável. Assim, não conseguia manter-se totalmente longe do fumo, como provavelmente havia orientado Fliess, acompanhando a prescrição de abstinência das vezes anteriores. Devemos assumir que a descrição que faz Freud sobre seu bem-estar está mais relacionada ao estado de saúde – embora seja possível que também refita no humor. Essa é a primeira indicação do arquivamento do *Projeto*, por Freud. Sua “Psicologia”, que antes ele chamava de seu “cavalo de batalha” [ver carta de 25 de maio de 1895], se mostra

agora seu “tirano”. Na verdade, essa é apenas a constatação de Freud de um sentimento que ele já tinha experimentado durante o trabalho.

Freud diz ter deixado de lado “a psicologia” momentaneamente para trabalhar sobre outros temas. Mas que, ao iniciar esses estudos, os fatos que encontrava contradiziam o conteúdo de seu sistema, e exigia que se retornasse a ele para corrigi-lo. Esse é a dinâmica principal na qual ele se vê envolvido desde que, depois de enviar o manuscrito a Fliess, passara a trabalhar sobre a psicologia do recalçamento, que lhe fazia retornar várias vezes ao esquema inicial para reescrevê-lo. Isso é bastante ilustrativo, pois sugere que os fatos clínicos que Freud encontrava constantemente lhe exigiam repensar a captura teórica na qual ele tentava os incorporar. Nessa carta – mas principalmente na carta de 29 de novembro de 1895 –, veremos como esses últimos fatos irão predominar sobre a vontade sistematizante do início. Pois, aqui, Freud diz explicitamente que, a despeito da falha no sistema, “A solução clínica da histeria, porém, ainda se mantém”, sendo “atraente e simples”.

CARTA DE 10 DE NOVEMBRO DE 1895

Estou até o pescoço com as paralisias infantis, que não me interessam nem um pouco. Desde que pus a $\psi\omega$ de lado, sinto-me abatido e desencantado; creio não estar de modo algum à altura de suas congratulações.

Sinto agora um vazio.

Novamente vemos, aqui, como as aspirações do *Projeto* se relacionavam diretamente com o estado de ânimo de Freud. Quando vislumbrava a possibilidade de completar seu “quebra-cabeças”, vivia entusiasmado [vide carta de 31 de outubro de 1895]. Em compensação, aqui, ele se declara “desencantado” e “abatido”, justamente pela frustração causada pelo trabalho com o texto. Freud vai ainda mais longe, e diz sentir “um vazio”.

CARTA DE 29 DE NOVEMBRO DE 1895

Não entendo mais o estado mental em que maquinei [ausgebrütet]^{aa} a psicologia;^{bb} não consigo conceber como posso tê-lo infligido a você. Creio que você ainda está sendo polido demais; para mim, parece ter sido uma espécie de loucura. A solução clínica das duas neuroses provavelmente se manterá, depois de algumas modificações.

Finalmente, nessa derradeira carta, Freud reconhece sua atividade no projeto como “uma espécie de loucura”. Pela data da correspondência, podemos ver que ele havia engavetado seu projeto há quase vinte dias. Parece ter sido o tempo de separar-se do turbilhão daquelas aspirações e refletir sobre seu próprio engajamento, o que fora aquela experiência e as idealizações que buscava atingir. A referência a seu “estado mental” reforça o a ideia do caráter afetivo de seu trabalho. Além disso, ele acreditava tê-lo infligido [seu estado mental] diretamente a Fliess, o que endossa a tese de que o *Projeto* fazia parte de um contexto transferencial entre Freud e Fliess.

Freud completa dizendo justamente que “a solução clínica das neuroses se manterá”, revelando que o conhecimento formulado a partir dos fatos clínicos prevalece sobre a tentativa de reintegrá-los em um sistema totalizante da dinâmica dos neurônios.

A escolha dos termos dessa carta é significativa. Freud reconhece que ele próprio elaborou, tramou, planejou [ausgebruten] a Psicologia.

Alguns dias depois dessa carta, no dia 03 de dezembro de 1895, nasce sua filha, Anna. Evento esse que provavelmente desvia sua atenção por mais algum tempo.

É possível dizer que o *Projeto* nunca foi abandonado, se olharmos apenas para (alguns) de seus conceitos e os identificarmos em produções posteriores. Contudo, por essa carta, vê-se como o próprio Freud reconhece o encerramento daquela experiência, em que pese o reaproveitamento de algumas de suas ideias no futuro. Vê-se, também, a partir das cartas e trabalhos seguintes, como a mentalidade teórica de Freud muda de direção, priorizando os fatos clínicos não relacionados diretamente a um sistema que pudesse “funcionar sozinho”. Existe uma clara diferença de tom entre essa carta e as anteriores, mesmo entre aquelas em que Freud anuncia que iria colocar seus rascunhos de lado, por estar frustrado com a teoria. Nessa carta, Freud olha para trás e faz um juízo sobre o que tinha sido sua experiência como

^{aa} O sentido original desse termo em alemão não está ligado às ideias de “máquina” ou “mecanismo”.

^{bb} Quando Freud se refere à “psicologia”, está falando de seu *Projeto* (projeto de criar uma psicologia científica). Evidentemente, por extensão, Freud também se referia à Psicologia, como ciência. Pois a pretensão de seu trabalho era justamente de erigi-la.

um todo. Isso implica que, de alguma forma, ela tinha se encerrado para ele. Não se trata de só mais uma frustração com o desenvolvimento de seu sistema.

Freud não se via mais naquela situação, e o juízo que ele parece emitir diz respeito tanto ao ânimo que havia experimentado, quanto aos momentos de decepção – ou seja, como dissemos, ao todo da experiência.

Acreditamos, assim, que é importante entender o *Projeto* como parte de uma experiência em si. Que tem começo, meio e fim. Ela teve um lugar importante na trajetória inicial de Freud, como autor, e possivelmente na possibilidade da constituição da psicanálise como prática.

CARTA DE 08 DE DEZEMBRO DE 1895

Será que já lhe escrevi que as idéias obsessivas são invariavelmente recriminações, ao passo que, na raiz da histeria, há sempre um conflito (prazer sexual, ao lado, possivelmente, de um desprazer concomitante)? Essa é uma nova maneira de expressar a solução clínica. Agora mesmo, tenho alguns belos casos mistos das duas neuroses e espero obter deles revelações mais íntimas sobre o mecanismo essencial envolvido.

Sempre respeito sua opinião, mesmo no que concerne a meu trabalho psicológico. Ela me deixa disposto a retomar o assunto dentro de poucos meses, desta vez com um trabalho paciente, crítico e pormenorizado. O melhor que se pode dizer a respeito, até o momento, é que ele merece o elogio *voluisse in magnis rebus*. E será que devo realmente chamar atenção para esses titubeios através de uma comunicação preliminar? Penso que devemos guardar o assunto conosco e ver o que sairá disso. Talvez eu tenha que aprender a me contentar com a elucidação clínica das neuroses.

Não estou subordinado à prioridade da “constância psíquica”. Você tem razão, ela pode ser entendida de muitas maneiras diferentes.

Tenho passado muitíssimo bem; até a supuração tornou-se insignificante.

Devemos supor que “meu trabalho psicológico” se refere, ao menos em parte (dado o contexto da carta), ao que era desenvolvido no *Projeto* – não apenas ao conteúdo do manuscrito que dispomos, mas a toda a experiência daquele período. Nesse momento, Freud chega a mesmo a aceitar a ideia de retomar suas elaborações teóricas (“dentro em poucos meses”), mas com outro espírito: um trabalho paciente, crítico e pormenorizado. Isso quer dizer que ele julgava que suas tentativas anteriores haviam sido apressadas, acríicas e

generalizantes. Dessa forma, vemos que Freud mantém o juízo que havia expressado na carta anterior, de 29 de novembro de 1895.

Mas o importante é perceber, como apontamos, que depois do abandono do *Projeto* o pensamento de Freud demonstra a prevalência do que ele chama de “soluções clínicas” (a essa carta, Freud anexa descrições de casos em que predomina o caráter clínico e não se vê nenhuma das teorias mecânicas do *Projeto*). Essa concepção é claramente vista por ele como oposta às aspirações mais sistematizantes de sua experiência anterior, e mais humildes. Desde o início, Freud já manifestava a suspeita de que suas pretensões no *Projeto* pudessem se revelar demasiado idealizadas (*Traumgold*) e até fantasiosas. A partir da carta de 08 e 29 de novembro de 195, ele já começa a aceitar que, em oposição a isso, as “soluções clínicas” eram o saber possível para ele, construídas a partir do raciocínio sobre fatos clínicos. Agora, nessa carta, isso fica explícito, quando ele diz “Talvez eu tenha que me contentar com a elucidação clínica das neuroses”. A “elucidação clínica” – “solução clínica [*klinische Lösung*]” – contrapõe-se à “elucidação mecânica” [carta de 08 de outubro de 1895], que guiava seu trabalho, e surge como a alternativa que lhe resta depois que o valor primário dessa última foi relativizado por seu pensamento.

Na verdade, é justamente isso que ele expressa logo depois, ao dizer: “Não estou subordinado à prioridade da “constância psíquica” [que, no *Projeto*, é representada pela inércia neuronal]. Você tem razão, ela pode ser entendida de muitas maneiras diferentes.”

Por fim, Freud se vale da expressão latina *voluisse in magnis rebus* para referir seu sentimento em relação à experiência teórica do *Projeto*. Esse “elogio” significa, literalmente, “ter desejado grandes coisas”, “ter ambicionado grandes feitos”, e era usado pelos romanos para louvar aqueles cujos espíritos aspiravam a grandes realizações, fossem elas alcançadas ou não. A própria ambição era enaltecida como uma virtude, e, nesse sentido, tinha tanto ou mais valor quanto a realização concreta do que se pretendia.

Em nossa opinião, essa passagem atesta que Freud reconhecia que seu projeto havia fracassado. Mas que, entretanto, isso não era necessariamente algo ruim. Ele não demonstrava sentir-se mal com esse fato. Pelo contrário, sentia-se assim naquela época, quando era arrastado pelo turbilhão de afetos que envolviam a tentativa de realização de uma fantasia impossível. Agora, consente no valor possível do conhecimento clínico, e no trabalho paciente que exige dele a especificidade de seu objeto. Seu esforço, no mais, é louvado por ele como algo que teve seu lugar, que foi importante, e que demonstra o desejo que o mantém no

caminho de suas investigações. Esse desejo resultará na constituição da psicanálise como prática clínica.

¹ Na famosa Edição Standard das obras completas de Freud, publicada originalmente em inglês, Strachey nomeia o primeiro volume como *Pre Psychoanalytic Publications and Unpublished Drafts*.

² Um outro fator que corrobora para a escolha de nosso recorte, que se encerra com *A interpretação dos sonhos*, é o fato de que é logo após a sua publicação que Freud rompe as relações com Fliess e encerra um grande ciclo de suas investigações teóricas. Depois disso, os textos de Freud continuam a trabalhar sobre as bases desenvolvidas até 1900, não acrescentando nenhuma grande novidade em termos de metapsicologia – ou, pelo menos, nenhuma revisão fundamental no quadro anterior – até pelo menos 1905, com a publicação de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

Na biografia que escreve de Freud, Peter Gay (1989) sugere que a publicação de *A interpretação dos sonhos* e o rompimento com Fliess estariam intimamente ligados e que ambos os acontecimentos fariam parte do ciclo de sua autoanálise: “Mas a dependência de Freud estava a ponto de desaparecer. Um dos benefícios de sua auto-análise consistia no gradual desvendamento das emaranhadas raízes de sua confiança em seu *daimon* de Berlim, acelerando assim sua emancipação ao Outro. Ele continuava a partilhar seus pensamentos com Fliess, enviava-lhe capítulos do livro dos sonhos, ouvia seus pensamentos com Fliess, ouvia seus conselhos sobre questões de estilo e a proteção da privacidade de seus temas. [...] Contudo, o longo trabalho de Freud com sua obra-prima estava prestes a se encerrar. ‘O tempo de gestação logo estará terminado’, disse a Fliess em julho de 1898. Ele se referia a Ida Fliess, a mulher do amigo, que estava presente a dar à luz, mas era palpável a associação com sua própria situação, sua longa gravidez criativa. Fliess, o parteiro da psicanálise, cumprira sua tarefa e logo poderia partir.” (Gay, p. 107)

A publicação da obra dos sonhos, “uma autobiografia ao mesmo tempo sincera e cautelosa, tão instigante pelo que revela quanto pelo que omite” (Gay, p. 110), teria marcado o momento de ruptura da relação com o colega. A hipótese que aventamos, e da qual Peter Gay parece ser partidário, é que essa produção representa o movimento de uma importante elaboração subjetiva de Freud, que pode ter significado uma transformação em seu espírito – como acontece em uma análise. É óbvio que o rompimento com Fliess decorre da revelação do misticismo e da paranoia de Fliess, o que tornava impossível a manutenção do laço de amizade. Entretanto, o verdadeiro fato é que tudo isso já estivera presente durante a relação entre os dois, só que é apenas a partir de 1900 que Freud consegue enxergá-lo. Antes disso, ele não apenas ignorava os traços “excêntricos” do amigo, como trabalhava ativamente para alimentá-los, colhendo dados do ciclo menstrual das filhas e de sua esposa, por exemplo.

³ (Benveniste, 2006, pg. 229)

⁴ Quem melhor explicou esse aspecto da investigação psicanalítica em seus primórdios foi Breuer (2016, p. 357)

⁵ Falar em “discurso” do autor, entretanto, não implica nos referirmos à totalidade de sua produção. Abandona-se o ideal da universalidade em prol da reconstrução que será realizada pelo recorte da pesquisa.

Isso não significa que a pesquisa é indiferente à realidade de seu objeto. Não há risco de relativismo, pois a leitura deve manter uma relação de necessidade com a razão formal do texto e com a historiografia disponível. Procura-se explicitar os contornos e limites lógicos que o próprio texto tensiona – já que toda tentativa de conceitualização inaugura, de forma necessária, as possibilidades simbólicas imanentes à sua articulação discursiva, e impõe à realidade formal sua estrutura teórica. Não pretendemos chegar a uma definição unívoca sobre o “desejo”, em Freud, mas entender o movimento através do qual esse conceito estabelece relações de significado no interior de sua obra e com outros discursos. Só assim enxergaremos as possibilidades desse conceito na teoria freudiana, como também seus principais problemas.

⁶ (Freud, 2003, p. 215, destaques do autor).

⁷ Cf. Hanns (*ibid.*), verbete LUST.

⁸ Fichte, J. G. *Fundamento do direito natural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

⁹ Hegel, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

¹⁰ Considerando as 16 publicações oficiais reunidas no primeiro volume da edição de língua alemã publicada pela Imago Publishing Co. (Freud, 1943).

¹¹ O motivo de não podermos apresentar o número exato de vezes em que o termo aparece em *A interpretação dos sonhos* é que o documento a que tivemos acesso nos permite identificar as ocorrências de palavras compostas por *wunsch*, mas não por *wünsche*. Isso ocorre pela presença do *trema*. Quando pesquisamos por *wünsche*, recebemos apenas as páginas indicadas onde esse termo estaria presente, mas não a quantidade de vezes em que, nessas páginas, isso acontece. Por isso, é possível que o número que apresentamos acima seja ainda muito maior, já que termos compostos por *wünsche* são localizados em nada menos do que cento e quinze páginas (!) do texto. Evidentemente, essa aproximação do valor em questão não é significativa para justificar o trabalho e o tempo que seriam gastos se quiséssemos estabelecer o número exato de vezes em que o conceito aparece no texto em questão.

¹² Cf. Ernest Jones (1972, p. 401), Breuer e Freud (2016, p. 19) e Freud (2023, p. 192). Na verdade, podemos entender que esse movimento pertencia ao espírito moderno que, em oposição ao antigo e medieval, baseados sobretudo no entendimento cosmológico aristotélico das causas finais (teleologia), era dirigido por um interesse causal nas investigações sobre a “Natureza”. Para mais detalhes sobre isso, vide Koyré (1968; 1973).

¹³ (Freud, 1996b, p. 45)

¹⁴ (Trillat, 1991, pp. 144-145); (Freud, 1996a, p. 78).

¹⁵ (Trillat 1991, p. 149).

¹⁶ Sobre isso, vide capítulo sobre Charcot em Trillat (1991).

¹⁷ (Trillat, 1991, p. 144)

¹⁸ Freud (2023a, p. 34)

¹⁹ Cf. Trillat (1991) pg. 146 e segs.

²⁰ Cf. Trillat (1991) p. 152 e 153.

²¹ Trata-se do trabalho *Hereditariedade e a etiologia das neuroses*. Vide Freud (2023e, p. 140).

²² Cf. Trillat (1991), p. 157.

²³ Cf. Freud (1996a, p. 77), Freud (2010, p. 21), Freud (1996f, p. 323).

²⁴ É importante ressaltar que, para Freud, mas, de certa forma, também para Charcot e Breuer, o agente patógeno, causa dos sintomas, não era o evento em si, o trauma, mas sua lembrança.

²⁵ Cf. Breuer (2016, p. 270).

²⁶ Cf. Breuer (2016, p. 289).

²⁷ Na verdade, Freud (2023a) confessa que “Nosso material consistia em casos de histeria comum, ou seja, não traumática.” (p. 37)

²⁸ Cf. Breuer (2016), p. 63.

²⁹ Cf. Gay (1989).

³⁰ Cf. Freud (1986, p. 171), Freud (1986., p. 182) e Freud (1986, p. 192).

³¹ Cf. Gay (1989, p. 78)

³² Cf. Breuer; Freud (2016), pp. 40-75.

³³ Vale dizer, entretanto, que, ao escrever o caso de Emmy von N., Freud adota visões muito semelhantes: Cf. Breuer e Freud (2016, p. 141 e 142).

³⁴ Uma outra breve explicação da etiologia da histeria baseada nos estados hipnoides é fornecida em *Comunicação preliminar*. Cf. Breuer e Freud (2016, p. 36).

³⁵ Cf. Breuer (2016b, p. 309)

³⁶ Breuer diz que é o afeto que produz o aumento da quantidade de excitação, e que o estado mental que ele caracteriza “hipnoide” é justamente uma derivação qualitativa desse aumento, em que um afeto é investido de modo sobremaneira que faz com que a atenção se transforme de modo patológico a se assemelhar ao sonambulismo.

³⁷ Breuer (2016b, p. 353)

³⁸ Lembramos que “congenito” é diferente de “hereditário”.

³⁹ Cf. Freud (2023c, p. 50) e Freud (2023c, p. 54). Freud atribui à “complacência somática” a especificidade da histeria, uma disposição do organismo a realizar a conversão.

“Neurose”, por sua vez, era um termo que fazia parte dos manuais de nosologia de medicina da época. Em 1888, Freud dá uma definição dele, ao falar sobre a histeria na Enciclopédia de Albert Villaret (Freud, 1996a, p. 77).

⁴⁰ Breuer (2016b, p. 347)

⁴¹ Embora afirme divergir de Pierre Janet, que considerava a cisão da consciência como a predisposição original da histeria.

⁴² Cf. Freud (2023c, pp. 51-52) e Freud (2023c, p. 52).

⁴³ Anos depois, ao reconstruir a história do surgimento da psicanálise nos textos *Contribuição à história do movimento psicanalítico* e *Autobiografia*, Freud expressa isso de modo claro (Freud, 2012, p. 181). Cf. também, Freud (2011, p. 83).

⁴⁴ O que parece ser o campo das excitações corporais, intra e extracerebrais. O capítulo cujo subtítulo é *A excitação tônica intracerebral – os afetos* é inteiro escrito tomando por base metáforas elétricas. O afeto, assim, deve ter esse sentido de energia ou excitação. Não é à toa que o trauma será sempre referido como um afeto ab-reagido, isto é, como uma excitação represada, **não necessariamente como algo relativo ao conteúdo do pensamento**. A dimensão das quantidades de excitação nas determinações causais dos processos neuróticos também será muito importante para Freud (Cf. Freud, 2023c, p. 67)

⁴⁵ (Canguilhem, 2009, p. 47). A presença de uma racionalidade das ciências da natureza, como a química e a física, ademais, é incontestável na obra de Freud.

⁴⁶ Cf. Smith (1999, p. 23)

⁴⁷ Tenhamos em mente, entretanto, que os próprios autores, sobretudo Freud, utilizam muitas vezes essa terminologia de modo pouco sistemático e sem tanta delimitação. É bastante claro que há um dualismo entre afeto e representação, que será objeto de elaboração e instrumento fundamental do esquema teórico, assim como razão da origem de vários de seus impasses. Contudo, por se tratar de matéria clínica, essa linguagem é empregada de modo menos refletido e mais livre, não necessariamente indicando o sentido específico que Breuer delimita em *Considerações teóricas*.

⁴⁸ Cf. Smith (1999, p. 21)

⁴⁹ Cf. Breuer (2016b, pp. 295-296).

⁵⁰ Com isso, não estamos querendo afirmar Freud como um autor dualista, mas chamar a atenção para a existência de um dualismo que necessariamente atravessa parte de suas elaborações.

⁵¹ Freud (2016, p. 135)

⁵² Freud (2016, p. 260)

⁵³ Freud (2023c, p. 56)

⁵⁴ Freud (1996a, p. 78)

⁵⁵ Freud (2016, p. 154).

⁵⁶ Freud (2016, p. 150); Freud (2016, p. 152)

⁵⁷ Freud (2013, p. 11)

⁵⁸ Breuer (2016a, p. 55)

⁵⁹ Breuer (2016b, p. 294 e 295).

⁶⁰ Um exemplo que consta no livro de Trillat (1991), na página 144, nos sugere que esse também era o modo de Charcot entender o estatuto dos sintomas, embora, entretanto, não tenhamos nos aprofundado em maior grau nesse autor.

⁶¹ Dostoiévski, 2000, p. 43.

⁶² (Freud, 2003). Por razões prático-metodológicas, iremos nos restringir à “Parte 1” do referido texto. Ao nosso ver, é nela que Freud desenvolve os fundamentos metapsicológicos mais importantes de seu esquema. Pretender abordar o texto em sua totalidade seria uma tarefa demasiado longa para o tempo de pesquisa de que dispomos.

⁶³ Alguns autores argumentam, inclusive, que o *Projeto* teria sido uma resposta indireta ao capítulo teórico de Breuer em *Estudos sobre a histeria*, do qual Freud discordava em muitos pontos. Cf. Gabbi (2003, p. 24). Para um maior vislumbre do afastamento de Freud em relação a Breuer, ver a sua correspondência com Fliess (Freud, 1896), em especial as cartas de 21/10/1892, 06/10/1893, 18/10/1893, 27/11/1893, 22/06/1894, 13/03/1895, 25/05/1895, 13/07/1895, 16/08/1895, 06/02/1896, 16/04/1896, 04/06/1896, 06/12/1896, 11/09/1899, 16/09/1899, 09/10/1896, 06/12/1896.

⁶⁴ Em larga medida, o *Projeto* foi redigido com e para Fliess, sendo inseparável daquela relação de amizade. Alguns autores, como Peter Gay (1989, p. 104), sugerem inclusive que a análise de Freud teria acontecido justamente através da correspondência com Fliess, que teria sido colocado, por ele, na posição de psicanalista.

⁶⁵ Freud (2019).

⁶⁶ Cf. Strachey (1996^a, p. 348).

⁶⁷ Cf. Strachey (1996a, p. 349)

⁶⁸ Cf. Ricouer (1965, p. 99) e Bonaparte, Freud & Kris (1950, p. 374)

⁶⁹ O trecho original é: “*Was man nicht erjüegen kann, muss man erhinken... | Die Schrift sagt, es ist keine Schande zu hinken*” (p. 148). Ele pode ser traduzido também por algo como “Naquilo que não podemos alcançar diretamente, devemos chegar aos tropeços. As Escrituras dizem que não é pecado tropeçar.”

⁷⁰ Cf. Strachey (1996^a, p. 342)

⁷¹ Simanke (2023, p. 18)

⁷² Na verdade, não podemos afirmar isso sobre o texto como um todo, já que o manuscrito de que dispomos parece ser uma composição feita de vários rascunhos e elaborações dos meses anteriores. Mesmo assim, a correspondência de Freud nos fornece as bases para identificar ao menos alguns dos momentos-chave do texto e sua relação com as tensões conceituais.

⁷³ Ver, por exemplo, cartas de 02 e 27 de abril, 17 de junho, 16 de agosto, 15 de setembro, 8 e 29 de novembro do ano de 1895.

⁷⁴ Ver Anexo 3, Carta 12 de junho de 1895.

⁷⁵ Freud se refere a ele como “um prolongado esforço mental” (Carta de 08 de agosto de 1895).

⁷⁶ Freud (1986, p. 130)

⁷⁷ Na carta de 31 de outubro de 1895, Freud diz explicitamente que o primeiro rascunho, que Fliess tinha em mãos, “perdeu parcialmente o valor e só pretende ser[vir] de amostra” (p. 149).

⁷⁸ Freud utiliza o verbo *Zusammengehen*, que significa, literalmente, “ir junto”.

⁷⁹ Ver a última nota.

⁸⁰ O importante a se perceber é que o projeto freudiano (literalmente, o projeto de uma psicologia positivista ciência natural) fracassa, ele admitindo que: depois de “um excesso de tormentos mentais, digo a mim mesmo, apaticamente, que o material ainda não se coaduna e talvez nunca venha a se coadunar.” (Freud *apud* Strachey, 1996^a, p. 343)

⁸¹ Cf. Peter Gay (1989, p. 88).

⁸² Sobre isso, ver Koyré (2018), Koyré (1973), Koyré (2019), Koyré (1968) e Burt (1983).

⁸³ Para mais detalhes sobre esse tema, ver Koyré (1973) e Koyré (1968).

⁸⁴ Ver Koyré (1962), p. 188 e 195.

⁸⁵ Gay (1989, p. 88); Gay (1989, p. 88); Freud (1986, p. 130); Jones (1972, p. 405)

⁸⁶ Freud (2003, p. 175)

⁸⁷ De Newton.

⁸⁸ Freud (2003, p. 177)

⁸⁹ Gay (1989, p. 88)

⁹⁰ Beaudé (1987, p. 60)

⁹¹ Ver Beaudé (1987) e Burt (1983).

⁹² Sobre isso, ver Burt (1983). A tese desse autor é que o discurso científico tem uma base metafísica, que remonta sobretudo ao contexto de seu surgimento, com autores como Kepler, Descartes, Galileu e Newton.

⁹³ A melhor tradução para o português do Brasil seria “mecanicismo”. A versão que temos deste texto, como também do texto de Costabel – que integram o mesmo livro – é uma publicação de uma editora portuguesa, que preferiu traduzir o “mécanisme” francês simplesmente para “mecanismo”. Embora o termo “mécanicisme” exista, em francês, muitos autores utilizam simplesmente “mécanisme” também no intuito de se referirem ao “mecanicismo” – a ideologia.

⁹⁴ Ver capítulo 2 de Garcia-Roza (1991).

⁹⁵ Ver Padovan, 2018.

⁹⁶ Simanke (2023, p. 61)

Não devemos subestimar a influência que tinha a figura de Brücke sobre a pessoa e o pensamento de Freud, que chega, inclusive, a nomear um de seus filhos em sua homenagem. Cf. Peter Gay (1989, p. 48 e 49, destaques nossos).

⁹⁷ Bernfeld (1944, p. 350)

⁹⁸ Cf. Padovan (2018, pp. 26-34).

⁹⁹ Cf. Bernfeld, 1944.

¹⁰⁰ Bernfeld, 1944, pp. 14-15 de Bernfeld.

¹⁰¹ O que significa que os processos biológicos poderiam ser explicados pela ‘figura e pelo movimento’ (vide Beaudé, p. 66).

¹⁰² No esteio da interpretação de Alexandre Koyré sobre o pensamento moderno de ciência, esse mesmo autor consagra à nova física moderna um destaque importante na instituição da nova cosmologia (Koyré, 1962, p. 207-210).

No que se refere à origem de uma ideia de psicologia científica, Cf. Canguilhem (2012, p. 406)

¹⁰³ Cf. Burt (1983, p. 239)

¹⁰⁴ Cf. Crombie *apud* Koyré (2018, p. 84)

¹⁰⁵ Galileu concebe qualidades primárias e secundárias do mundo. As primárias sendo, justamente, a quantidade e a matéria, enquanto as secundárias seriam as qualidades do mundo, apreendidas pelos sentidos (cheiro, gosto etc.). O saber científico opera reduzindo as segundas às primeiras, do ponto de vista da hierarquia causal. Ou seja, ele submete a causalidade das qualidades secundárias às causalidades primárias, matemáticas. (Sobre isso, ver Burt, 1983)

Além disso, Galileu é aquele que primeiro oficializa o recurso ao atomismo materialista como parte necessária da formulação científica. (Burt, 1983)

Ver, ainda, Gabbi (2003, p. 23), que discorre sobre as bases galileicas do *Projeto* freudiano.

¹⁰⁶ Jones (1972, p. 402); Cf. Lacan (1998b, p. 871)

¹⁰⁷ Bernfeld (1944 p. 352)

¹⁰⁸ Desde o início, até o fim [ver, por exemplo, “A questão de uma *Weltanschauung*” (Freud, 1996f)], Freud reivindicou a seus esforços o reconhecimento da comunidade científica – muitas vezes sem sucesso.

¹⁰⁹ Vide Bernfeld, 1944, p. 352.

¹¹⁰ Sobre isso, ver Canguilhem (2012b).

¹¹¹ Isso coaduna com outros registros históricos que possuímos, em que, depois de abandonar o *Projeto*, Freud (1986, p. 160) declara que sua vontade compreender os seres humanos era secretamente motivada pela inclinação à filosofia.

¹¹² Ricouer (1965, p. 83)

¹¹³ Isso integra o que Paul Ricouer (1965, p. 77) chama de “o problema epistemológico do freudismo”.

¹¹⁴ Ver, sobre isso, capítulo 4 do *Projeto* (Freud, 2003, p. 181) e Simanke, 2023, p. 98.

O mero uso da terminologia biológica, entretanto, não é suficiente para afirmarmos a presença de um raciocínio biológico no *Projeto*. Como atesta Gabbi (2003), muitas vezes há uma tentativa de redução da biologia ao mecanicismo. Nessas ocasiões, Freud se vale de termos da biologia, mas demonstra ter um pensamento totalmente mecânico.

¹¹⁵ Cf. Freud (2023, p. 184)

¹¹⁶ Como dissemos, não podemos confiar na linearidade do texto. Ela não corresponde ao verdadeiro desenvolvimento cronológico das ideias. Freud escreve o primeiro capítulo já à luz de considerações que dizem respeito à forma total que assumirá o *Projeto*. Assim, não é porque ele é o primeiro capítulo que ele contém as ideias simples das quais partiu Freud para construir o esquema.

¹¹⁷ A força não seria reagida no mesmo vetor, na medida em que o sistema nervoso conduz a energia até os músculos, mas sim na mesma proporção.

¹¹⁸ Quando afirmamos que o sistema nervoso assume a função de substância inerte, aqui, é exclusivamente na construção do raciocínio mecanicista, por se tratar de uma exigência epistemológica. Evidentemente, sob um aspecto mais amplo, Freud o via como parte de um sistema biológico.

¹¹⁹ Gabbi (2023, p. 28).

¹²⁰ O que, ademais, corresponde estritamente aos postulados do início do texto.

¹²¹ Veremos, a seguir, como Freud faz um apelo a um fundo biológico para construir seu esquema. Isso influencia o raciocínio sobre a descarga, que é pensada como “liberação” – embora o fundamento do processo tenha sido mecânico, o que se vê, por exemplo, pela ideia de proporcionalidade entre os vetores da quantidade que chega ao aparelho e a que é descarregada. De toda forma, Freud realmente pensava em uma transferência direta de quantidade externa para o sistema nervoso, como se sua propriedade material o colocasse no mesmo plano de ações causais motoras que os objetos externos. Cf. Freud (2023, p. 375).

¹²² Isso provavelmente se deve a uma influência dos experimentos elétrico-musculares de Helmholtz ou Du Bois-Reymond. Cf. Caropreso (2010, p. 62)

¹²³ Freud (2003, p. 185)

¹²⁴ Ou seja, Freud os entende como estruturas materiais que exercem uma contraforça mecânica na transferência de energia. “De fora, as grandezas de excitação penetram nas terminações do sistema ϕ ; em primeiro lugar, deparam-se [*Stoßen*] com os aparelhos de terminações nerv[os]as e são quebradas por eles em frações, provavelmente de uma ordem maior do que a dos estímulos intercelulares”. (Freud, 2023, p. 191) Deve-se fazer um comentário sobre a tradução: o verbo “deparam-se” não consegue capturar o sentido forte que o alemão *Stoßen* assume, nesse contexto. Ele evoca a ideia de um choque – o que é muito relevante para o caso que discutimos. Poderia, antes, ser traduzido por “As grandezas de excitação colidem/esbarram/encontram fisicamente”.

Vê-se, assim, que as “quantidades” seriam a intensidade quantitativa das forças físicas. Mesmo que esteja ausente do *Projeto* qualquer referência a uma medição, de fato, dessas forças (Paul Ricouer, 1965, p. 86). No capítulo 9, Freud (2003) diz, de forma aparentemente contraditória à lógica mecânica, que os estímulos do mundo externo “têm uma quantidade e uma característica qualitativa” (p. 191, destaques nossos). Entretanto, isso não quer dizer que Freud pensasse efetivamente na transmissão de uma qualidade aos órgãos receptivos. Como explica o editor na versão da *Imago* (Freud, 1996j), em nota de rodapé, “Para maior clareza, deve-se ressaltar que, a rigor, (a despeito de uma aparente contradição na última parte da frase em questão), nem os ‘processos’ do mundo externo nem os ‘estímulos’ que passam através dos ‘aparelhos de extremidades nervosas’ para ϕ , nem as catexias em ϕ ou ψ possuem ‘qualidade’, mas apenas uma *característica* qualitativa – um “período – que, quando chega a ω , *converte-se* em qualidade.” (p. 374, destaques do autor) Isso se comprova, de fato, quando, no parágrafo seguinte, Freud usa “período” como sinônimo desse caráter qualitativo do estímulo externo: “Enquanto no mundo externo os *processos* apresentam um contínuo em duas direções – segundo a quantidade e o **período (qualidade)** – os *estímulos* correspondentes a eles são, segundo a quantidade, em primeiro lugar *reduzidos* [...]”. (p. 192, destaques do autor em itálico, destaques nossos em negrito)

¹²⁵ Aqui surge uma complicação. Pois a descarga ocorre com a cessão da incidência de quantidade de excitação no sistema nervoso. Assim, ela não é simplesmente o emprego dessa quantidade através de uma ação motora que a cancela (“fuga do estímulo”). A ação motora deve poder cancelar de forma concreta as condições que provocam a incidência das quantidades. Isso exigiria pensar, já, em uma complexificação do esquema com o processo secundário e o modelo da ação específica. Como dissemos, é virtualmente impossível separar o processo primário do processo secundário. O que não significa não podermos isolar, para nossa análise, o método mecanicista que está por trás do pensamento puramente quantitativo do processo primário.

¹²⁶ O fato de Freud conceituar barreiras de contato prova que o modelo de racionalidade utilizado era o choque mecânico.

¹²⁷ Embora esse processo já envolva a função secundária, o raciocínio mecânico se preserva no sentido especificado. É muito difícil fazer uma separação tão rígida entre o processo primário e o processo secundário, justamente pelo caráter dependente que eles têm um do outro. Como falaremos adiante, o processo primário é amplamente visto como um modelo teórico-ficcional no esquema de Freud.

¹²⁸ Cf. Freud (2003, p. 239), Freud (2003, p. 187) e Simanke (2023, p. 113). O fato de Freud compreender a memória como reprodução de registros da percepção reforça que seu pensamento era mecanicista, ao menos nesse ponto. São as máquinas que têm seu movimento em função de uma repetição, que acontece porque sua configuração prevê uma restauração periódica das partes/mecanismos (ver Canguilhem, 2012b) A máquina não cria, apenas reproduz (o movimento que é expressão da intencionalidade do artífice). Não pode haver nada de novo em seu movimento, senão por mal funcionamento.

Essa lógica é particularmente visível no capítulo 10 do *Projeto*, onde Freud prevê a restauração das condições do sistema nervoso depois do movimento que o tira da inércia (Freud, 2003, pp. 194-195). Na verdade, na medida em que a memória é relegada à função de reprodução de traços de percepção, isso afetará o conceito de desejo. Veremos como esse último tem íntima relação com o redespertar dos registros mnêmicos, o que significaria que o desejo não tem como objeto algo novo, mas um modelo da experiência perceptiva que é sempre reproduzido pelo sistema nervoso.

Essa perspectiva, entretanto, enquadra os processos no âmbito puramente quantitativo – como estabelecido em princípio por Freud. Mas veremos também que o desejar é inseparável de uma *qualidade*, essa que não se enquadra no esquema reprodutivo. Freud (2003, p. 189) deixa claro, no *Projeto*, que a qualidade não pode ser reproduzida (o que significaria que ela é sempre um novo evento).

¹²⁹ Gabbi (2003, p. 55)

¹³⁰ Freud (2003, p. 196)

¹³¹ Cf. Comentário de Jayme Salomão (Freud, 1996j, p. 366) e nota de James Strachey ao primeiro parágrafo do capítulo 5 do *Projeto*, p. 366.

¹³² Cumpre sempre lembrarmos, entretanto, que o *Projeto* foi abandonado e rejeitado por Freud. Que, no fim de sua experiência com o texto, como dissemos, ele chega a dizer que tudo aquilo tinha sido uma “loucura.” (Freud, 1986, p. 153)

¹³³ Simanke (2023, p. 109).

¹³⁴ O próprio Freud reconhece isso, em um momento do trabalho em que diz que o sistema nervoso é *instruído biologicamente* (Freud, 2003, p. 199 e 200). O processo da recordação da experiência de dor, na determinação da estrutura do aparelho, é um exemplo do surgimento de uma contradição no esquema mecânico, em que Freud não vê opção senão migrar de forma forçada à racionalidade biológica no meio de sua explicação.

¹³⁵ Gabbi (2023, p. 113) reconhece esse fato em sua tradução.

¹³⁶ Somos levados a pensar que Freud tenha iniciado as reflexões do trabalho do *Projeto* por uma tentativa de realizar um esquema puramente mecânico. Mas que se frustrou em sua tentativa e recorreu, então, à biologia. Ao nosso ver, ainda resta dúvidas se esse foi um movimento intencional do autor, ou se, como procuramos demonstrar, descreve um movimento de uma tentativa frustrada com sua posterior incorporação em um esquema amplo.

¹³⁷ Como dirá Canguilhem (2012b): “A partir da estrutura e do funcionamento da máquina já construída, quase sempre se buscou explicar a estrutura e o funcionamento do organismo.”

Além disso, é possível que a diferença epistemológica entre as razões mecânicas e biológicas não fosse totalmente clara para Freud, em especial se pensarmos na influência da Escola de Helmholtz sobre seu pensamento, essa que importava muitos pressupostos mecânicos para a biologia. Na verdade, a constituição da biologia é relativamente recente, datando do século XIX. Sobre isso, cf. Burt (1983, p. 22)

¹³⁸ Cf. Georges Politzer (1968, p. 8)

¹³⁹ Thomas Kuhn (2020) propõe algo similar ao demonstrar que a ciência não progride de forma linear, mas através de saltos entre paradigmas diversos.

¹⁴⁰ Isso acontece com Freud, ao passar da física para a biologia – e vice-versa. O ritmo texto do *Projeto* se traduz por um esgotamento do modelo mecânico por Freud, que o desenvolve até seus limites, e recorre então ao modelo biológico complementar.

¹⁴¹ Isso acontece de forma paradigmática ao discutir a consciência (Freud, 2003, p. 188) Note-se como o conflito epistêmico assume a figura, no interior do texto, de uma contradição formal entre os termos do sistema (sobre isso, ver também nota 65 de Gabbi, 2003, p. 46). Esse problema leva Freud a adotar um subterfúgio. Ele força os limites do modelo da física recorrendo a uma ideia de indução eletromagnética que, entretanto, demonstra seu caráter inteiramente protético (Freud, 2003, pp. 188-189).

Obviamente, a fórmula da indução eletromagnética extrapola à fórmula dos movimentos mecânicos simples. Para que fosse possível, Freud deveria ter conceituado a influência de $Q\eta$ como uma energia do tipo *elétrico*. De toda forma, essa evidente manobra freudiana apenas demonstra como Freud via a física como um modelo ideal, através do qual buscava a legitimidade de seu trabalho. O sentimento de trabalhar com ideias concretas de uma ciência

consagrada como aquela muitas vezes mais importante do que a coerência da linguagem dessa mesma ciência, em seu campo próprio e específico. Assim, ele estava pronto para importar novas ideias da física para tentar remediar os problemas a que tinha sido levado por seu raciocínio físico inicial. Essas novas ideias, entretanto, continuam sendo tão heterogêneas a ele quanto as “qualidades” e a “consciência”. A física não é um campo onde todos os seus conceitos se integram harmoniosamente.

¹⁴² O trecho no alemão parece transmitir a ideia de “diferença” mais do que “diversidade”, já que o que está em questão é o fenômeno da diferenciação, da capacidade de diferenciação qualitativa do mundo externo (ao contrário do monismo energético do movimento qualitativo).

¹⁴³ Mais adiante, Freud confessa que “Apenas mediante essas suposições complicadas e pouco intuitivas foi-me possível, até agora, incluir os fenômenos da consciência na arquitetura da psicologia quantitativa. Não se pode evidentemente tentar dar uma explicação sobre como os processos excitativos nos neurônios ω levam à consciência” (Freud, 2003, pp. 189-190)

¹⁴⁴ Essa é uma outra evidência marcante de que o texto de Freud se constitui em um conflito consigo mesmo: dois dos mais importantes capítulos se chamam, justamente, “O *problema* da quantidade” e “O *problema* da qualidade”. Eles surgem logo após Freud ter desenvolvido os princípios mecanicistas do início do texto. Essa terminologia sugere que tais questões teriam aparecido, para Freud, como *problemas*.

¹⁴⁵ O termo *Leistung*, presente na citação acima, significa “desempenho” no sentido do esforço, trabalho ou realização das ações. Assim, poderíamos traduzir o texto freudiano também por “realizações do campo da ciência”, “esforços do lado da ciência”.

¹⁴⁶ “*Naturwissenschaft*”, que, como dissemos, pode significar apenas “ciência”, em um sentido mais amplo e de uso comum.

¹⁴⁷ Ricoeur (1965, pp. 87-88).

¹⁴⁸ Ricoeur (1965, p. 90, 2º parágrafo).

Não entraremos no complexo problema do Eu na metapsicologia do *Projeto*. Nos limitaremos a dizer que ele parece ter íntima relação com a questão epistemológica que aqui colocamos. Ao nosso ver, um autor que aborda a questão de modo excepcional é Paul Ricoeur (1965, pp 90-92).

¹⁴⁹ Ver capítulo 16 do *Projeto* (Freud, 2003).

¹⁵⁰ Pelo que parece, a ideia presente aqui de “discriminação” retoma a discussão sobre a capacidade de diferenciação/discriminação do mundo externo atribuída à consciência.

¹⁵¹ Sua falta de interesse pela psicologia, aqui, contrasta vivamente com os períodos exaltados e impulsivos em que ele via no horizonte a possibilidade de realizar sua tarefa (uma “psicologia científica”). Como sugerimos anteriormente, parece haver um paralelo entre os problemas que ele enfrentava no plano teórico – especialmente relacionados à intenção científico-naturalista do começo –, e o ritmo de seu humor naquele período. Tudo nos leva a crer que aquela tarefa, que não era nada irrelevante para a satisfação de seus desejos pessoais. (Ver, por exemplo, Freud, 1996f). Por isso, também, a frustração e o posterior fracasso do *Projeto* têm um grande impacto em sua trajetória intelectual e clínica.

¹⁵² Claro, ao mencionar sua tentativa de “explicar a defesa”, Freud se referia ao esforço de fornecer uma explicação na linguagem das ciências naturais, conforme declara no início do texto. Isso nos reenvia, também, à carta de 25 de maio daquele ano de 1895 (ver Anexo 3) (Freud, 1986, p. 130).

De toda forma, a referência à psicologia é sugestiva. Freud diz que aqueles problemas não eram apenas problemas circunstanciais, mas que o jogavam no âmago da ideia mesma de natureza e da psicologia como um todo. É provável que esse não fosse um mero acaso, e que essas duas categorias estivessem relacionadas no/ao contexto daquele movimento de teorização científica. Em outras palavras, talvez não seja apenas o conceito de natureza que deva ser objeto de análise, mas também a “Psicologia”. Pois alguns autores questionam a própria possibilidade de uma psicologia nesses termos, denunciando que elas se fundariam sobre uma incompreensão acerca de seu objeto. Cf. Politzer (1968), por exemplo.

¹⁵³ Como dissemos antes, *Naturwissenschaft* é também simplesmente traduzível por “ciência”, o que denota uma compreensão específica do que seria ciência. Além disso, evidentemente, falar em uma ciência “natural” implica também uma ideia específica do que seria “natureza”.

Seja como for, qualquer que seja o significado do naturalismo científico em sentido amplo, no contexto do *Projeto* Freud especifica muito bem que sua referência era o modelo da física. Nesse sentido, é possível afirmar que a metapsicologia freudiana expressa no *Projeto* é, em grande medida, o que Canguilhem (2009) chama de “ideologia científica”.

¹⁵⁴ Segundo Koyré (1962) Isso é aplicável à revolução no pensamento operada por Descartes. “*Quant aux psychologues*”, diz Politzer (1968), “*c’est de troisième main qu’ils reçoivent les mathématiques: ils les reçoivent des physiologistes, qui les ont reçues des physiciens, qui, eux seuls, les tiennent des mathématiciens mêmes. Or, a chaque étape, le niveau de l’esprit scientifique subit une chute, et quand, à la fin, les mathématiques arrivent aux psychologues, c’est ‘un peu de cuivre de terre’ que ceux-ci prennent ‘pour de l’or et du diamant’*”. (p. 5)

¹⁵⁵ Sobre isso, ver Burt (1983), Koyré (1962, 1968, 1973), Libera (2013, 2014, 2015) e Bitencourt (2017).

¹⁵⁶ Optamos aqui, exclusivamente, pela tradução de Jayme Salomão (Freud, 1996j).

¹⁵⁷ Cf. Whitehead (1993, p. 38). Para mais detalhes sobre esse assunto, ver Martins (2021).

¹⁵⁸ Esse fato também é reconhecido por Paul Ricoeur (1965, p. 85), que diz que a evolução do projeto é um progressivo abandono da linguagem mecânica.

¹⁵⁹ Isso fica ainda mais claro quando ele detalha os eventos fundantes do funcionamento do aparelho psíquico, nomeadamente as vivências [*Erlebnis*] de dor e de satisfação (Freud, 2003, p. 199). Os processos do aparelho, assim, são inseparáveis dessa vinculação primária às ideias/representações/imagens mnêmicas que são gravadas no sistema nervoso como resíduos das experiências inaugurais.

¹⁶⁰ Essa ideia é reiterada por uma outra passagem, mais adiante, em que Freud diz que apenas as quantidades e os períodos são reproduzíveis, e que a qualidade não o é. Mais do que isso, ele diz que a qualidade “não deixa atrás de si nenhum traço”, ou seja, memória. Isso reforça a ideia de que, para Freud, as qualidades não fazem parte do processo de memória (Freud, 2003, p. 189).

¹⁶¹ Whitehead (1993, pp. 29-30). Sobre isso, ver também Burt (1983).

¹⁶² O reinvestimento/reocupação [*Besetzung*] desses neurônios produzia a memória e, no limite, a reprodução da própria percepção (atração de desejo primária). Todo esse pensamento é coerente com as aspirações de uma psicologia científica naqueles moldes. Como dirá Politzer (1968): “*Ribot calcule le nombre des cellules cérébrales pour savoir si elles peuvent loger toutes les idées. La psychologie scientifique est née.*” (p. 3)

¹⁶³ Não é possível entender, aqui, que as ideias seriam formadas depois do registro mnêmico, porque a racionalidade com a qual estamos lidando é o do registro direto das impressões no momento em que acontecem. Para introduzir, nesse esquema, a noção de discriminação, seria necessário pensar na intervenção de um outro aspecto da memória que não o puramente reprodutivo das condições quantitativas.

Além disso, vale dizer diferenciar a discriminação entre as unidades representacionais daquela de que Freud irá tratar no *Projeto* entre percepção/fantasia e ideia (Freud, 2003, cap. 15). São processos totalmente distintos.

¹⁶⁴ Lembremos que esse “desenvolvimento” é pensado segundo um modelo mecânico da passagem de Qn pelo caminho das barreiras de contato rompidas, o que ele chama de “facilitação”.

¹⁶⁵ Perceba-se como Freud procura transpor para o esquema científico-naturalista fatos como o da associação entre representações. Na verdade, ele próprio confessa que a teoria do *Projeto* parte de sua experiência na clínica, e do fato de que havia ideias excessivamente intensas (Freud, 2003, p. 175). Pode-se pensar que são esses fenômenos que ele tenta explicar através de seu modelo, e que esse é o contexto no qual *Vorstellung* surge para ele. Entretanto, parece necessário tomar essas “ideias” como elementos intersubjetivos, na medida em que acontecem através do diálogo entre Freud e seus pacientes – isto é, Freud não tem acesso empírico direto a elas. No máximo, elas podiam ser consideradas conceitos ou sentidos que Freud isolava ao/para realizar interpretações. Mas não objetos oferecidos diretamente à sua experiência.

¹⁶⁶ Essa é, por exemplo, a proposta de Whitehead (1993, p. 39)

¹⁶⁷ Cf. Smith (1999, p. 31).

¹⁶⁸ Freud (1996j, p. 458).

¹⁶⁹ Freud chega a falar sobre uma ocupação diretamente de uma representação/ideia. Essa é uma perspectiva eminentemente problemática, como veremos, na medida em que mistura uma racionalidade puramente física com outros elementos, como a representação – como se essa última pertencesse ao mesmo plano causal da primeira, isto é, como se fosse suscetível de influência direta (ou por uma correspondência imediata com o “neurônio” afetado fisicamente).

¹⁷⁰ Freud (2003, p. 177)

¹⁷¹ Freud (1996j, p. 383), (Freud, 1996j, p. 387), (Freud, 1996j, p. 387); (Freud, 1996j, p. 388, 389) Ver, também, pp. 389, 390, 392, 403 e 405.

¹⁷² O que tem parentesco com o inglês “full”.

¹⁷³ Essa ideia faz parte do modelo/metáfora físico espacial que caracteriza o pensamento do projeto. Lembremos do fato das barreiras de contato, que participa diretamente desse raciocínio, às quais ele conceitua como partes matérias que cumprem a função de oferecer resistência (Freud, 2003, p. 179). O termo é *Widerstand*, que transmite a ideia de uma resistência mecânica. *Wider* significa “contra”/ “oposição”, enquanto *Stand* é “de pé”, “estado”, “posição”. Logo depois, Freud fala em *Bahnung*, que quer dizer literalmente “abrir um caminho” – pode ser abrir uma trilha, por exemplo. As facilitações, diz Freud explicitamente, servem à mecânica da inércia (p. 179), à função primária.

¹⁷⁴ A forma *Wunschbesetzen* é, de fato, a ocorrência mais frequente do termo Wunsch no *Projeto*, superando as outras por larga vantagem.

¹⁷⁵ Freud (2003, p. 186); Freud (2003, p. 197-198).

¹⁷⁶ Freud fala em “estado de tensão desiderativa” [*Wunschspannung*].

¹⁷⁷ Freud (2003, p. 212); Freud (2003, p. 214).

¹⁷⁸ Freud fala do ego em “estado de tensão e desejo” [*Wunschspannung*] (Freud, 2003, p. 203-204). Claro, entendemos que aqui, também, poderíamos aplicar o raciocínio da *Wunschbesetzung*: afinal, o ego é um conjunto de neurônios. Mais do que isso, na verdade. *Spannung* é “tensão”, e é utilizado em alemão, como em português, também para descrever a passagem de corrente elétrica. Assim, aqui abre-se uma via para correlacionar ocupação e tensão, como se fossem a mesma coisa.

Contudo, a “tensão” também não deixa de remeter a um estado psicológico. Ela também tem uma conotação psicológica, no alemão – como no português. Ainda mais vinculada, como está, ao “Eu”, que é tradicionalmente o nome da consciência no pensamento moderno.

¹⁷⁹ Ver Garcia-Roza (1991, pp. 143-146).

¹⁸⁰ Fica evidente, entretanto, que o corpo é uma outra exterioridade, e o aparelho é entendido como um processador independente. O corpo apenas oferece as quantidades – é a fonte – que incidem no aparelho psíquico.

Devemos fazer algumas diferenciações, entretanto. O estímulo endógeno é, inicialmente, uma força sem vinculação com representação, pois essa adviria apenas a partir da experiência sensível. Mas, a partir do momento em que há processo secundário, as duas (interna e externa) se misturam de forma indissociável, no registro das descargas que irão compor a memória.

¹⁸¹ O desejo parece ter a ver com a *consciência de uma representação*, possível apenas depois de uma experiência empírica real, a partir do que a memória se forma. Evidentemente, a conotação que “consciência” assume no *Projeto*, como vimos, não é exatamente a mesma da tópica ulterior.

¹⁸² É verdade que o processo da repulsa, que serve de base para a defesa primária, também tem a mesma explicação: a partir da vivência de dor, a subsequente excitação do sistema nervoso passa pela ocupação da representação de dor. Contudo, Freud faz uma diferenciação importante entre os dois processos – cujo caráter qualitativo não podemos deixar de notar. Ele diz que o estado de desejo é a vontade de querer se aproximar de um objeto (pelo aprendizado de que isso é o que afasta a descarga), enquanto o afeto, provocado pela vivência de dor, é a vontade de querer se afastar dele (pelo aprendizado de que é isso que afasta a descarga).

¹⁸³ Gabbi (1999, p. 31).

¹⁸⁴ Aqui, também optamos exclusivamente pela tradução de Jayme Salomão.

¹⁸⁵ Segundo o autor, é necessário diferenciar o objeto do Projeto, esse aparelho que representa um “estado não hermenêutico do sistema”, do que Freud desenvolverá em sequência – sua ‘tópica’ –, que diz respeito à “interpretação do sentido pelo sentido” (p. 82).

¹⁸⁶ Nietzsche, 2012, p. 27.

¹⁸⁷ Cf. carta a Fliess de 12 de junho de 1900 (Freud, 1986, p. 418).

¹⁸⁸ Ver, por exemplo, carta de Freud a Fliess de 25 de maio de 1895 (Freud, 1986, pp. 129-130).

¹⁸⁹ Que oblitera as técnicas anteriores de hipnose, catarse ou sugestão.

¹⁹⁰ Ricoeur (1965, p. 82).

¹⁹¹ Freud demonstra compreender claramente isso ao conceituar a ideia de transferência, alguns anos depois. Ele chega a falar que a doença sofre uma importante transformação, quando o paciente é colocado na situação analítica, transformando-se em uma “neurose de transferência”, que denota uma vinculação essencial à figura do médico.

¹⁹² Nesse mesmo sentido, Freud fala dos “pensamentos que a análise revela” (Freud, 2019, p. 349), se referindo ao produto da interpretação.

¹⁹³ Freud, 2019, pp. 325, 349, 350, 467.

¹⁹⁴ E decifração, na medida em que se compreende que a criptografia (ou, o trabalho do sonho) acontece segundo moldes universais.

¹⁹⁵ Sobre isso, vide Jacobsen (1982, p. 11).

¹⁹⁶ Sobre isso, ver Trillat, 1991.

¹⁹⁷ Ver, por exemplo, “A dissecação da personalidade psíquica” (Freud, 2010).

¹⁹⁸ Cf. Scholz *apud* Freud (2019, p. 95)

¹⁹⁹ Cf. Borch-Jacobsen (1982, p. 17) e Freud (2019, p. 309)

²⁰⁰ No limite, podemos conceber o inconsciente freudiano da interpretação, esse Eu que deseja, como uma consciência inconsciente. Cf. Freud (2011, p. 93).

²⁰¹ Ver Nietzsche, 2005, pp. 20-22.

²⁰² Ver, por exemplo, o caso de Elizabeth von R. (Freud, 2016, p. 228).

²⁰³ Cf. Paulo César de Souza (Nietzsche, 2005, pp. 205-206).

²⁰⁴ Essa construção sintática é muito comum, no alemão, quando queremos referir algum evento natural. Além de *es regnet*, portanto, temos *es schneit* [neva/está nevando], *es donnert* [troveja/está trovejando], *es ist kalt* [está/faz frio], *es ist heiß* [está/faz calor] etc. Um outro exemplo, muito conhecido, dessa ocorrência gramatical, é o vocábulo *es gibt* [há/existe].

²⁰⁵ Para mais detalhes sobre esse tema, cf. Assoun (1991).